

HELBERT FERREIRA LEITE

**BEOWULF – UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DA INDIVIDUAÇÃO E DA
REINTEGRAÇÃO**

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação/Curso de Mestrado no Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – TEL – UnB, como parte integrante dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em literatura.

Área de concentração: Literatura e práticas sociais.

Linha de pesquisa: estudos literários comparados

Orientador: Prof. Dr. Wiliam Alves Biserra

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS (TEL) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LITERATURA (POS/LIT) MESTRADO EM LITERATURA E PRÁTICAS SOCIAIS

**BEOWULF – UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DA REINTEGRAÇÃO E DA
INDIVIDUAÇÃO**

HELBERT FERREIRA LEITE

BRASÍLIA – DF
2019

HELBERT FERREIRA LEITE

**BEOWULF – UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DA REINTEGRAÇÃO E DA
INDIVIDUAÇÃO**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação/Curso de Mestrado no Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – TEL-UnB, como parte integrante dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. William Alves Biserra

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. William Alves Biserra (TEL – UnB) – Orientador
Presidente da Banca

Prof^a Dr^a Cíntia Carla Moreira Schwantes (TEL – UnB)
Examinadora Interno

Prof. Dr. Luiz Augusto Antunes Netto Carreira (Instituto Casa)
Examinador Externo

Dr. Roque Tadeu Gui (Associação Junguiana do Brasil)
Suplente

Brasília - DF
2019

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não atingiria sua completude se não fosse a colaboração e paciência de diversas pessoas. Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Grande Arquiteto do Universo de onde flui toda sabedoria, força e beleza, e que sem a graça do qual nada é possível. Sou eternamente grato também a meus queridos amigos Regina e Francisco Rincon, Cristine e Regininha, pelo encorajamento, quando em muitos momentos pensava em desistir vocês me faziam ver uma luz no fim do túnel. Ao meu orientador um agradecimento mais do que especial por ter aceitado embarcar comigo nesta viagem, pela paciência que teve comigo durante esses dois anos e pelas orientações que deram a este trabalho seu corpo. Aos meus sogros Bernardo Kipnis e Cris Vasconcelos meu muito obrigado. Vocês são a fonte de vida deste trabalho e sem vocês ele não seria possível. Tenho com vocês uma dívida eterna. Aos meus pais, meu eterno agradecimento. Por último, à minha esposa, Marina Kipnis, que é a razão pela qual vivo e me arrisco para que possamos ter um futuro melhor.

RESUMO

O estudo da interpretação dos símbolos demanda tempo e esforço. Contudo, nem o tempo gasto, tampouco o esforço desempenhado é em vão quando se trata da interpretação de *Beowulf*. Como a mais antiga obra poética escrita em anglo-saxão de que se tem registro, o poema conta a história do herói escandinavo Beowulf e suas aventuras no reino dos Danes – Dinamarca – para onde vai em socorro do rei Hrothgar e seu povo que eram assolados por uma criatura terrível por nome Grendel. Após sua vitória sobre Grendel, Beowulf se vê obrigado a confrontar a mãe de Grendel que por vingança pela morte do filho trouxe destruição e morte a Heorot – o salão de hidromel de Hrothgar. Beowulf sai mais uma vez vitorioso desse segundo confronto, e retornando à sua terra se torna rei. 50 anos de seu reinado, Beowulf, agora velho, deve lutar mais uma vez com um Dragão que agora assola seu povo. Os três confrontos de Beowulf são analisados e interpretados nesta obra à luz da psicologia de Carl G. Jung, com o propósito de determinar se esses confrontos são análogos aos estágios da individuação conforme descritos por Jung, isto é, o confronto com a Sombra, a Anima e o Self. Por semelhante modo, os confrontos de Beowulf são também interpretados à luz dos ensinamentos místico-esotéricos, com o intuito de determinar se o poema está descrevendo o que, pelas ordens iniciáticas, é chamado de reintegração.

Palavras-chave: Individuação. Reintegração. Sombra. Anima. Self.

ABSTRACT

The study of the interpretation of symbols is one that demands time and effort. Nevertheless, neither the time spent, nor the effort put on are in vain when it comes to the interpretation of *Beowulf*. As the oldest poetic work written in old English on record, the poem tells the story of the Scandinavian hero Beowulf and his adventures in the kingdom of the Danes – Denmark – to where he travels to help king Hrothgar and his people who were being subjugated by a terrible creature named Grendel. After his victory over Grendel, Beowulf sees himself obligated to confront Grendel's mother who, as vengeance for the death of her son, brings destruction and death to Heorot – Hrothgar's mead hall. Beowulf is once again victorious in this second confrontation and returning to his own land becomes king. 50 years of his reign, Beowulf, now old, must fight one more time with a dragon that now terrorizes his people. These three confrontations of Beowulf are analysed and interpreted in the work by the light of Carl G. Jung's psychology with the purpose of determining if they are analogous to the states of individuation as they were described by Jung, that is to say, the confrontation with the Shadow, the Anima, and the Self. Much in the same way, Beowulf's confrontations are also interpreted by the light of mystical-esoteric teachings with the intent of determining if the poem is describing what some initiatic orders call reintegration.

Keywords: Individuation. Reintegration. Shadow. Anima. Self.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. BEOWULF E A HISTORIOGRAFIA	11
3. REINTEGRAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO - MOVIMENTOS DO MACROCOSMOS E MICROCOSMOS.....	27
3.1 O NASCIMENTO DA SOMBRA - O PRIMEIRO PASSO PARA A REINTEGRAÇÃO E/OU INDIVIDUAÇÃO	37
3.2 ANIMA/ANIMUS - OS GUARDIÕES DO UMBRAL	49
3.3 TRANSCENDÊNCIA - VIDA E MORTE	53
4. BEOWULF - UMA REINTERPRETAÇÃO À LUZ DA INDIVIDUAÇÃO E REINTEGRAÇÃO	57
4.1 O CONFRONTO COM A SOMBRA - GREDEL	61
4.2 O CONFRONTO COM ANIMA - A MÃE DE GREDEL	68
4.3 O CONFRONTO COM O SELF - O DRAGÃO WYRM	80
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	102

1. INTRODUÇÃO

Escrito entre os séculos VII e X e composto por mais de três mil linhas em forma poética (HEANEY, 2000, p. ix), *Beowulf*, a priori, narra a história de um herói escandinavo, por mesmo nome, que viaja da terra dos Geats até a Dinamarca para socorrer o rei Hrothgar e seu povo que estavam sendo assolados por uma criatura monstruosa, Grendel. Beowulf enfrenta e derrota Grendel em Heorot, o famoso salão de hidromel de Hrothgar, que logo depois é atacado pela mãe de Grendel. Esta, em vingança pela morte do filho, cai sobre o salão e em uma só noite mata 30 homens. Beowulf confronta com a mãe de Grendel, mas desta vez não em Heorot e sim em seu covil, no canto mais escuro do pântano, e acessível apenas por água. Beowulf vence a batalha com o auxílio de uma espada mágica, de uma era distante – era de gigantes – e com ela decepa a cabeça da mãe de Grendel. Beowulf retorna para sua terra e acaba se tornando rei de seu povo. 50 anos de seu reinado e Beowulf se vê obrigado a se confrontar com outro monstro que desta vez ameaça seu povo. Wyrn, o dragão, é desperto por um incauto que, descobrindo a entrada do covil, rouba um objeto. Wyrn, surgindo do profundo da terra, espalha terror pela terra dos Geats.

Essa narrativa heroica é interrompida ocasionalmente por digressões que injetam elementos e acontecimentos históricos ao poema. Por esse motivo, *Beowulf* foi severamente criticado por acadêmicos, historiadores, profissionais e estudiosos que afirmavam que seu autor cometera um erro terrível e que a obra sofria de uma falha em sua estrutura que comprometia seu futuro como obra literária. O “erro” e/ou “defeito” de *Beowulf* é que seu foco está nos elementos e relatos fantásticos enquanto que os fatos históricos servem como adorno para a narrativa heroica.

Embora fantásticas essas histórias são retratadas contra um pano de fundo daquilo que aparenta ser factual. Incidentalmente, e em um grande número de digressões, recebemos muita informação a respeito dos Geatas, Suecos e Danes: toda essa informação tem a aparência de veracidade histórica e em alguns casos pode ser provada, por evidências externas, como historicamente acurada. (CHAMBERS, 2005, loc. 85-89)¹²³.

Assim, descartando a narrativa fantástica, *Beowulf* era abordado mais como um texto histórico que provia informações a respeito de povos escandinavos antigos do que uma obra

¹ Fantastic as these stories are, they are depicted against a background of what appears to be fact. Incidentally, and in a number of digressions, we receive much information about the Geatas, Swedes and Danes: all which information has an appearance of historic accuracy, and in some cases can be proved, from external evidence, to be historically accurate. (CHAMBERS, 2005, loc. 85-89).

² Todas as traduções constantes nesta dissertação serão traduções próprias.

³ Nesta obra foram usados livros em formato kindle e por isso o uso de loc (localização) ao invés de página,

literária, até que Tolkien com seu *Beowulf – Monstros e a Crítica* – “mudou a forma como o poema era valorizado e iniciou uma nova era – e novos termos – de apreciação”⁴ (HEANEY, 2000, p. xi). Tolkien (2012, loc. 85) vai afirmar que a crítica falhou em ver o poema como ele realmente é, isto é, um poema; e que a maior crítica feita a *Beowulf*, isto é, a de que os elementos fantásticos são expostos em evidência enquanto os elementos históricos ficam em segundo plano, “é uma grande inverdade a respeito do poema, mas extremamente verdadeira a respeito da literatura sobre o poema”⁵ (TOLKIEN, 2012, loc. 93).

Com efeito, o ensaio de Tolkien demonstra as diferentes formas com que *Beowulf* foi lido, estudado, trabalhado e interpretado ao longo tempo. Seja como fonte histórica ou simplesmente um conto de fadas, seja ainda como uma alegoria mitológica ou política, ou apenas um poema. Independentemente da forma, *Beowulf* definitivamente obteve o prestigioso status de ser digno de ser estudado (TOLKIEN, 2012, loc. 151).

Em tempo, o ensaio de Tolkien propiciou que *Beowulf* fosse interpretado das mais diversas formas. Nesse sentido, a presente dissertação propõe uma análise místico-junguiana do poema *Beowulf*, com o intuito de demonstrar que os eventos bem como os conflitos narrados no poema descrevem, por um lado, o que algumas escolas esotéricas chamam de reintegração e, por outro lado, o que Carl G. Jung chamou de individuação. Analisando a narrativa que compõe o núcleo do poema, contrapondo elementos e interpretando-os conforme a teoria de Jung, chegou-se à hipótese de que *Beowulf* estivesse transmitindo uma mensagem mais séria e mais profunda do que simplesmente as aventuras de um herói escandinavo. Assim é que a viagem de Beowulf à Dinamarca, seu confronto com Grendel em Heorot, seu segundo confronto com a mãe de Grendel em seu covil, seu regresso à terra dos Geats, sua ascensão ao trono, seu reinado, o confronto com o dragão, Wyrm, e sua consequente vitória e morte tudo refletiria o que Jung chamou de individuação.

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir “individuação” como “torna-se si-mesmo” (verselbstung) ou “o realizar-se do si-mesmo” (Selbstverwirklichung). (JUNG, 2018, p. 63).

Por semelhante modo, esses eventos e confrontos refletem o que o conhecimento perpetuado por algumas escolas místico-esotéricas, mais precisamente a Ordem dos Maçons

⁴ [...] changed the way the poem was valued and initiated a new era – and new terms – of appreciation. (HEANEY, 2000, p. xi).

⁵ I think it profoundly untrue of the poem, but strikingly true of the literature about it. (TOLKIEN, 2012, loc. 93).

Elu Cohen do Universo, entre outras, denomina de reintegração, isto é, o retorno à origem e que será devidamente abordada no capítulo dois.

Assim é que o presente trabalho procura demonstrar que os eventos fantásticos descritos em *Beowulf* são análogos aos estágios da individuação descritos por Jung e os da reintegração descritos por Martines de Pasqually. Para tanto, a análise deve vencer três estágios. O primeiro refere-se à distância que separa o poeta de *Beowulf* e os teóricos aqui utilizados e que pode dificultar a análise dos eventos. Por isso, é devotado neste trabalho todo um capítulo a respeito da historiografia de *Beowulf*. E como afirmou Tolkien (2012, loc. 99-101), “uma explanação [histórica] é importante, se se almeja criticar os críticos”⁶.

O segundo estágio que deve ser vencido para o sucesso deste trabalho é aproximar a teoria de Jung das imagens, mitos e lendas antigas. Robin Robertson (1992, p. 43), em seu livro “Guia Prático de Psicologia Junguiana”, demonstra como Jung se utiliza da figura dos arquétipos para formular sua teoria da individuação. De acordo com Robertson (1992, p. 43), para Jung os arquétipos estão no cerne de condutas instintivas como “imagens primordiais”. Assim, o desafio neste estágio da dissertação será demonstrar como as imagens arquetípicas que Jung denomina de Sombra, Anima e Self, se apresentam e são interpretadas ao longo do tempo. Para tanto, serão abordados os ensinamentos de diversas escolas esotéricas como a Ordem Hermética da Golden Dawn, a Ordem RosaCruz (AMORC), a Maçonaria, a Ordem dos Maçons Elu Cohen do Universo, entre outras, bem como teóricos místicos como Martines de Pasqually e Papus, que muito antes de Jung, já discutiam e interpretavam os arquétipos que compõem a teoria de Jung.

Tendo estudado a historiografia de *Beowulf* e tendo ainda analisado as diferentes manifestações das formas arquetípicas expostas por Jung no curso da história, cabe doravante determinar se de fato os eventos, personagens e conflitos em *Beowulf* expressam o processo de individuação e reintegração assim como um poeta do século VII o interpretaria. O último capítulo desta obra focará, então, o contrapor elementos de *Beowulf* diretamente à teoria de Jung e o conhecimento esotérico, com o propósito de determinar se o poema *Beowulf* estava, à sua forma, descrevendo individuação e também a reintegração.

⁶ There is an historical explanation of the state of Beowulfiana that I have referred to. And that explanation is important, if one would venture to criticize the critics. A sketch of the history of the subject is required. (TOLKIEN, 2012, loc. 99-101).

2. BEOWULF E A HISTORIOGRAFIA

Por muito tempo, um grande número de críticos enxergou *Beowulf* não como um texto poético, mas como um relato histórico com um “conto de fadas em seu centro” (TOLKIEN, 2012, loc. 140). Assim, *Beowulf* é um poema em anglo-saxão, Old English, com aproximadamente 3 mil linhas e escrito mais ou menos na metade do século VII da era comum. Embora escrito na Inglaterra, o poema relata a épica história de um herói escandinavo chamado Beowulf. Este é oriundo do reino dos Geats, ou Geatas em anglo-saxão, hoje parte da Escandinávia, e viaja para a Dinamarca para livrar o povo do rei Hrothgar da assolação trazida por uma criatura de nome Grendel. Beowulf enfrenta e fere Grendel mortalmente, e logo depois é obrigado a enfrentar também a mãe de Grendel, a qual igualmente mata. Beowulf retorna ao reino dos Geats e após 50 anos de seu reinado vê-se obrigado a confrontar-se mais uma vez, agora com um dragão – Wyrn.

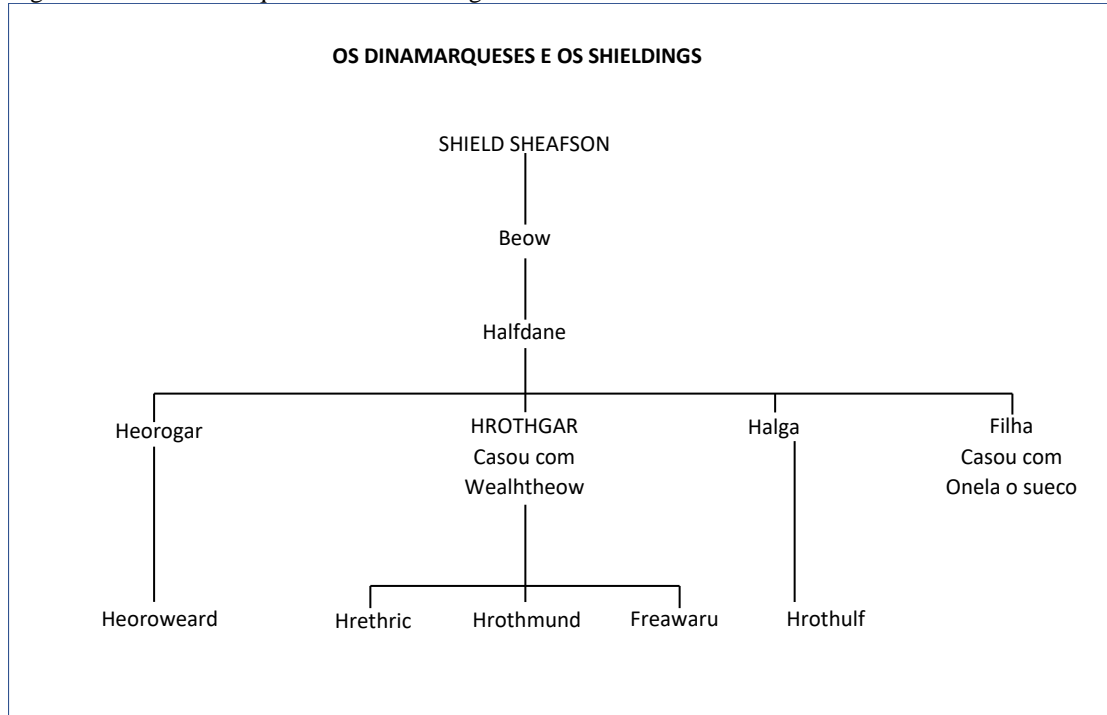
O estudo atento da genealogia dos reis escandinavos bem como das casas reais da Dinamarca, dos Geats e da Suécia, ajuda a localizar os personagens e eventos descritos no poema no curso da história. Em *Beowulf*, a genealogia dos reis escandinavos começa com a descrição de um rei, provavelmente mitológico (CHAMBERS, 2005, loc. 323), por nome Scyld Scefing, Shield Sheafon conforme a tradução de Seamus Heaney (2000, p. 3). Scyld Scefing teve um filho, Beowulf o Dinamarquês – que não pode ser confundido com o herói Beowulf do poema – dele não há registro quase algum (CHAMBERS, 2005, loc. 323), apenas o de que seu filho foi Healfdene. Este teve três filhos homens e uma mulher, que se casou com o rei Ongentheow da Suécia e deu à luz a Onela – o qual será muito importante nesta análise histórica. Os filhos homens de Healfdene foram Heorogar, Hrothgar e Halga. Os irmãos Heorogar e Halga tiveram um filho cada, Heoroward e Hrothulf respectivamente. Hrothgar se casou com Wealhtheow e tiveram três filhos, Hrethric, Hrothmund e Freawaru. (Figura 1)

No momento em que Beowulf chega a Heorot, Hrothgar é descrito como rei do Danes e não Heoroward, filho de Heorogar, irmão mais velho de Hrothgar, como se poderia imaginar. Chambers (2005, loc. 337) explica que no evento de o herdeiro do falecido rei ser muito novo, o irmão mais velho do rei ascende ao trono e afirma que foi provavelmente isto que aconteceu. Após os confrontos com Grendel e sua mãe, Beowulf retorna à corte de Hygelac e faz este discurso que explica um pouco como Hrothgar se tornou rei do Danes.

Quando Hrothgar me presenteou com esse armamento de guerra
ele me instruiu, meu senhor, a dar-lhe conta do por que ele representa seu favor
especial.

Ele disse que o armamento era de seu irmão mais velho, o Rei Heorogar, que por muito o guardara, mas que Heorogar nunca o legou a seu filho Heorowearð, o herdeiro merecedor, mesmo leal como ele era.
Faça bom uso dele. (HEANEY, 2000, p. 147)⁷.

Figura 1 – Os Dinamarqueses e os Shieldings



Fonte: Heaney (2000)

Halga não é mencionado durante a visita de Beowulf a Heorot. Chamber (2005, loc. 337) presume que ele já esteja morto. Contudo, seu filho Hrothulf aparece sentado ao lado de Hrothgar quando toda a corte do Danes está festejando a vitória de Beowulf sobre Grendel (HEANEY, 2000, p. 83, ll. 1163-1165). A imagem de tio e sobrinho sentados lado a lado demonstra, como Chambers (2005, loc. 344) afirmou, que Hrothgar e Hrothulf são tidos como iguais no que tange ao domínio do poder na corte dos Danes. Hrothulf mantém uma posição mais privilegiada do que os próprios filhos de Hrothgar que nesta cena estão sentados, não ao lado do pai, mas em bancos no grande salão. Mesmo assim, pelo discurso feito pela esposa de

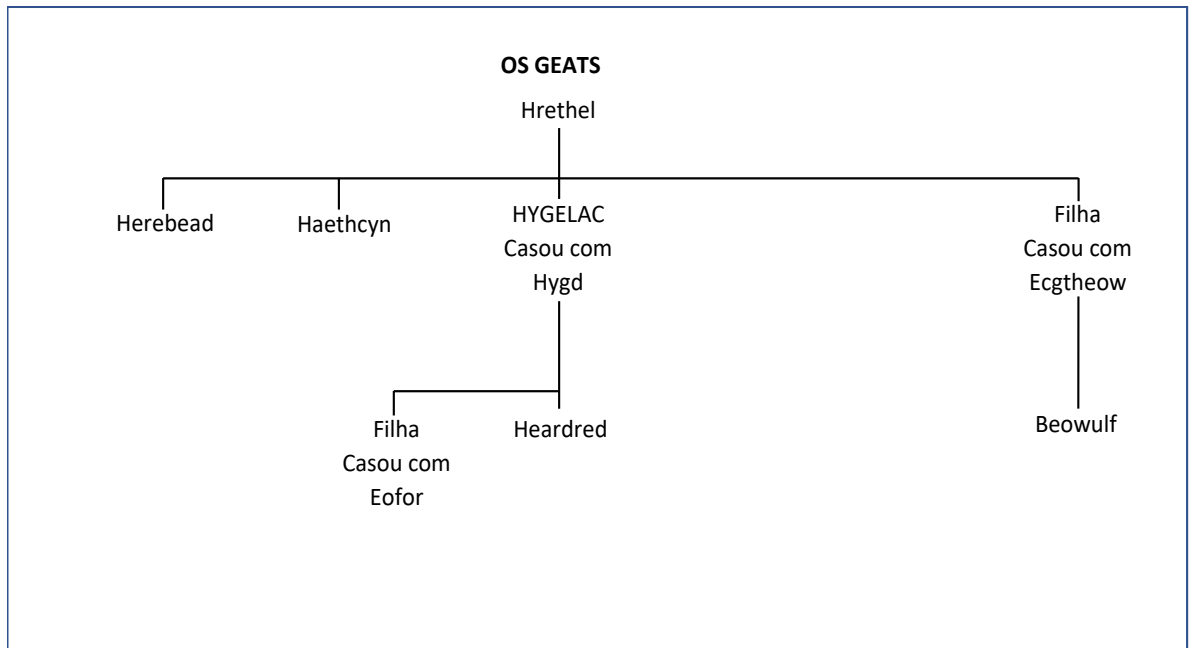
⁷ “When Hrothgar presented this war-gear to me he instructed me, my lord, to give you some account of why it signifies his special favour. He said it had belonged to his older brother, King Heorogar, who had long kept it, but that Heorogar had never bequeathed it to his son Heorowearð, that worthy scion, loyal as he was. Enjoy it well.” (HEANEY, 2000, p. 147).

Hrothgar, Wealhtheow, o casal espera que seus filhos e não Hrothulf ascendam ao trono quando do advento da morte de Hrothgar (CHAMBERS, 2005, loc. 349).

O descrito acima refere-se à genealogia conforme registrada no poema e pela tradição anglo-saxã. Chambers (2005, loc. 349) afirma que quando se reporta às fontes escandinavas este campo se torna um tanto quanto turvo. Por exemplo, Heorogar, filho mais velho de Healfdene e irmão de Hrothgar, é completamente esquecido na tradição escandinava. Contudo, na tradição anglo-saxã é seu filho, Heorowearð, que nos escritos de Saxo Grammaticus aparece como Hiarwarus, que é pouco lembrado. Chambers (2005, loc. 356) prossegue afirmando que Healdene, Haldanus em Saxo Grammaticus, é registrado apenas com dois filhos Roe, ou seja, Hrothgar e Helgo, isto é, Halga em anglo-saxão. Hrothulf, filho de Halga, é registrado por Saxo, mas com o nome de Rolf Kraki e é tido como um nobre rei aos moldes do rei Artur (CHAMBERS, 2005, loc. 356).

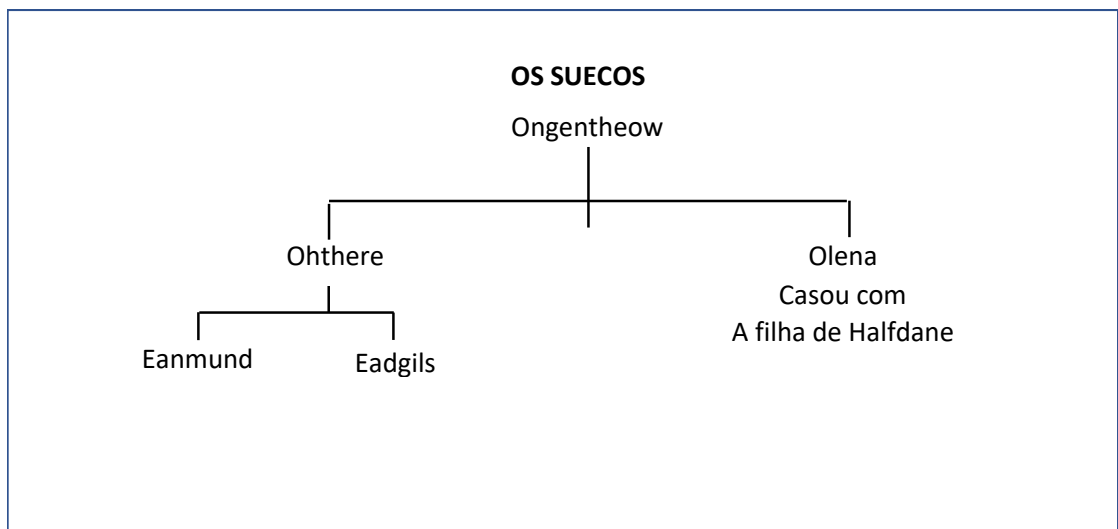
No que tange à casa real dos Geats, o rei Hrethel teve três filhos, Herebeald, Hæthcyn, Hygelac, e uma filha que se casou com Echtheow e deu à luz Beowulf, herói do poema aqui analisado. Hygelac, que é o rei do Geats durante os dois primeiros confrontos de Beowulf, isto é, com Grendel e sua mãe, casou-se com Hygd e tiveram dois filhos, Heardred, que se torna rei após a morte do pai, e uma filha. Beowulf se torna rei do Geats quando da morte de Heardred por Onela que, em busca de seus sobrinhos rebeldes Eanmund e Eadgils, filhos de Ohthere, fogem para a terra dos Geats e lá são abrigados por Heardred. Os reis da Suécia, nesta estória, foram Ongentheow, que se casou com a única filha de Healfdene e tiveram dois filhos, Ohthere e Onela. Ohthere teve dois filhos Eanmund e Eadgil, mas é seu irmão, Onela, que ascende ao trono da Suécia após a morte de seu irmão Ohthere ou Ottar, como aparece registrado pelo Ynglinga tal, em Vendel, um distrito ao norte da terra dos Jutes (CHAMBERS, 2005, loc. 149, 6292). (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Os Geats



Fonte: Heaney (2000)

Figura 3 – Os Suecos



Fonte: Heaney (2000)

Esta digressão, no que tange à descrição da genealogia das casas reais da Escandinávia, serve para demonstrar que, embora o poema *Beowulf* relate acontecimentos fantásticos e encontros com criaturas mágicas, ele tem relação factual com a história. Isto quer dizer que, no curso da história da Escandinávia e da Dinamarca, é possível localizar personagens, lugares e eventos que são descritos em *Beowulf*. Isso dá ao poema um elemento de autenticidade e veracidade histórica que por muito tempo ditou como o poema era abordado. Robert William

Chambers (2005, loc. 316), talvez uma das mais importantes personagens da crítica e interpretação de *Beowulf* e que talvez tenha influenciado Tolkien a escrever *Beowulf – Monstros e a Crítica*, que, conforme Seamus Heaney (2000) em sua própria tradução do poema afirma, transformou completamente o modo como *Beowulf* era visto e abordado nas universidades e meios acadêmicos, afirma que, embora os feitos de Beowulf sejam fantásticos, eles definitivamente possuem um *background* histórico. Tolkien (2012, loc. 190) afirma ainda que, para Chambers, *Beowulf* sofre de uma desproporção, isto é, a de posicionar o que é irrelevante no centro, ou seja, os elementos fantásticos, e as “coisas sérias”, os eventos históricos, na periferia. Em seu *Beowulf: Uma Introdução ao Estudo do Poema com uma Discussão sobre as Estórias de Offa e Finn*⁸, Chambers vai demonstrar que:

Embora fantásticas essas estórias são narradas com elementos que parecem ser fatos. Incidentalmente, e em um número de digressões, recebemos muita informação a respeito dos Geatas, Suecos e Dinamarqueses: toda essa informação deixa transparecer uma precisão histórica, e em alguns casos pode ser provada, a partir de evidências externas, como verdades históricas. (CHAMBERS, 2005, loc. 84)⁹.

Essas evidências dão ao poema um aspecto de historicidade, quando o poeta faz referência ao assalto de Hygelac referindo-se a um acontecimento verídico descrito pelo historiador romano, Gregory de Tour (538-594), e dois outros autores anônimos e que contam quando os Geats entraram, pela primeira vez, em confronto violento fora da Escandinávia com o país de um povo chamado de Atuarii, que em *Beowulf* aparece como Hetware, em anglo-saxão (CHAMBERS, 2005, loc. 91). Esta batalha é descrita após a morte de Beowulf, pelo confronto com o Dragão, por Wiglaf, o único guerreiro que se dispõe a ajudar Beowulf em seu mais perigoso momento. Wiglaf prevê que quando chegar aos reis dos Francos e Frísios a notícia da morte de Beowulf, eles se lembrarão de suas contendas antigas e atacam a terra dos Geats. Wiglaf afirma que as hostilidades entre o povo dos Geats e Francos escalaram desde quando Hygelac partiu de sua terra com um vasto exército e navios de guerra às terras frísias. Lá foram surpreendidos pelo exército dos Hetware que, embora em desvantagem, subjugou Hygelac e venceu a batalha (HEANEY, 2000, p. 197). Chambers (2005, loc. 97) explica que tendo batalhado com os Hetware, Hygelac é morto na praia pelo exército do rei franco Teodoro que enviará seu filho com o comando de resgatar as províncias e espólios que os Geats obtiveram. A batalha é descrita no poema como o confronto mais cruel de Beowulf.

⁸ “Beowulf: An Introduction to the Study of the Poem With a Discussion of the Stories of Offa and Finn”.

⁹ Fantastic as these stories are, they are depicted against a background of what appears to be fact. Incidentally, and in a number of digressions, we receive much information about the Geatas, Swedes and Danes: all which information has an appearance of historic accuracy, and in some cases can be proved, from external evidence, to be historically accurate. (CHAMBERS, 2005, loc. 84).

Um de seus mais cruéis
 confrontos corporais aconteceu
 quando Hygelac, rei dos Geats, foi morto
 na terra dos Frísios: o amigo do povo e senhor,
 filho de Hrethel, empunhou uma espada
 sedenta de sangue. Mas os prodígios de Beowulf
 como nadador garantiram sua segurança:
 ele chegou na praia, lutando contra trinta
 homens vestidos para guerra, o espólio que ele ganhou.
 Havia pouco com que os Hetware se alegrassem
 enquanto protegiam seus rostos e a luta no solo
 começou com empenho. Com Beowulf contra eles,
 poucos teriam a esperança de voltar para casa. (HEANEY, 2000, p. 160, 162)¹⁰.

Wiglaf continua sua previsão de um penoso futuro para os Geats após a morte de Beowulf, afirmando que não espera que os suecos mantenham algum acordo de paz, pois atacarão os Geats em vingança pela morte de seu rei, Ongentheow, em Revenswood, por Eofor, genro de Hygelac. Narrando um evento anterior ao da morte de Hygelac, Wiglaf descreve como nesta batalha Ongentheow mata Haethcyn, irmão de Hygelac e filho de Hrethel, quando, por arrogância, os Geats atacaram os valorosos Shylfings. Descreve ainda como o pai de Ohthere, isto é, Ongentheow, após matar Haethcyn, irmão de Hygelac, permaneceu no encalço dos Geats em perseguição até Revenswood onde cercou o exército, já cansado e ferido, e por toda a noite gritou ameaças aos sobreviventes de como abriria seus corpos com seu machado, os enforcaria e os deixaria pendurados como alimento aos pássaros. O exército dos Geats é salvo quando, pela manhã, escutam o tocar da trombeta de Hygelac que se aproximava com seu exército (HEANEY, 2000, p. 197-199). A descrição dos eventos a seguir é uma das mais detalhadas e bonitas partes de todo o poema:

Os curativos dos ferimentos sangrentos que os Suecos e os Geats
 infligiram uns aos outros estavam por todo lugar.
 Ninguém podia escapar de sua malevolência assassina.
 Então o velho se movimentou
 Recuou, prendeu seu povo,
 Ongentheow se retirou para terreno alto.
 O orgulho de Hygelac e sua proeza como guerreiro

¹⁰ One of his cruellest
 hand-to-hand encounters had happened
 when Hygelac, king of the Geats, was killed
 in Friesland: the people's friend and lord,
 Hrethel's son, slaked a sword blade's
 thirst for blood. But Beowulf's prodigious
 gifts as a swimmer guaranteed his safety:
 he arrived at the shore, shouldering thirty
 battle-dressed, the booty he had won.
 There was little for the Hetware to be happy about
 as they shielded their faces and fighting on the ground
 began in earnest. With Beowulf against them,
 few could hope to return home. (HEANEY, 2000, p. 160-162).

eram conhecidos pelo lorde; ele não tinha a confiança de que ele podia segurar a multidão de marinheiros, defender sua esposa e os que ele amava do choque do ataque. Ele se retirou a um abrigo atrás de uma parede de pedra. Então Hygelac caiu sobre os Suecos na baía, seus estandartes como um enxame entraram no refúgio deles, as forças dos Geats avançaram em destruir o acampamento. Lá Ongentheow, com seus cabelos grisalhos, foi encurralado, cercado por espadas. E aconteceu que o destino do Rei estava nas mãos de Eofor, e nelas somente. Wulf, filho de Wonred, partiu para ele com raiva, o partiu em dois de tal forma que o sangue saiu jorrando por debaixo de seu cabelo. O velho herói não vacilou, mas esquivou-se, e acertou as costas com um golpe mais violento: o rei se virou e travou combate com ele. Então o filho de Wonred o bravo Wulf, não era capaz de ferir o envelhecido senhor. Ongentheow partiu seu elmo de tal forma que ele se recolheu, curvou a cabeça molhada de sangue e caiu no chão. Mas o destino quis que embora o corte fora profundo, ele se recuperou novamente. “Com seu irmão caído, o destemido Eofor, nobre de Hygelac, ergueu sua espada e com sentimento assassino, evitando do escudo erguido, deu um forte golpe no elmo. E o Rei caiu, O pastor do povo foi privado de vida. (HEANEY, 2005, p. 299, 201)¹¹.

¹¹ “The bloody swathe that Swedes and Geats cut through each other was everywhere. No one could miss their murderous feuding. Then the old man made his move, pulled back, barred his people in: Ongentheow withdrew to higher ground. Hygelac’s pride and prowess as a fighter were known to the earl; he had no confidence that he could hold out against that horde of seamen, defend his wife and the ones he loved from the shock of the attack. He retreated for shelter behind the earthwall. Then Hygelac swooped on the Swedes at bay, his banners swarmed into their refuge, his Geat forces drove forward to destroy the camp. There in his grey heirs, Ongentheow was cornered, ringed around with swords. And it came to pass that the king’s fate was in Eofor’s hands, and in his alone. Wulf, son of Wonred, went for him in anger, split him open so that blood came spurting from under his hair. The old hero still did not flinch, but parried fast, his back with a harder stroke: the king turned and took him on. Then Wonred’s son, the brave Wulf, could land no blow against the aged lord. Ongentheow divided his helmet so that he buckled and bowed his bloodied head and dropped to the ground. But his doom held off.

Esses e outros eventos descritos em *Beowulf* são tão ricos em detalhes que podem ser tomados como acontecimentos históricos por algum leitor inocente. Entretanto, no evento descrito acima não há evidência histórica alguma da existência, por exemplo, do pai de Hygelac, o rei Hrethel, nem de seus irmãos, Herebeald e Hæthcyn, tampouco do rei Ongetheow (CHAMBERS, 2005, p. 142). Mas, prossegue Chambers (2005, p. 142), outros poemas anglo-saxões, embora não tragam menção alguma a Ongetheow, relacionam, em sua genealogia, seus filhos e netos assim como eles aparecem em *Beowulf*. Os poemas a que Chambers se refere são o Ynglinga tal, mais recente, e o Ynglinga saga, mais antigo. Ambos os poemas enumeram os reis suecos de trinta reinados e em nenhum deles aparece o inimigo mais feroz dos Geats, Ongetheow.

Alguns eventos que se apresentam descritos em *Beowulf* também aparecem tanto no Ynglinga Tal quanto no Ynglinga Saga, embora com uma ou outra diferença. É o caso da passagem em que Onela, irmão de Ohthere, assassina Heardred, filho de Hygelac, que ascendera ao trono após a morte de seu pai (CHAMBERS, 2005, p. 148). Consta em *Beowulf* que tendo Heardred recebido dois refugiados suecos, ambos filhos de Ohthere, Eadgils e Eanmund, que se rebelaram contra Onela, este segue os sobrinhos em perseguição até o reino dos Geats e mata Heardred, com um ferimento de espada. Eanmund morre neste conflito, mas Eadgils consegue escapar e Onela retorna à Suécia. Com a morte Heardred, Beowulf torna-se rei do Geats e faz uma aliança com Eadgil, que estava travando uma guerra civil com seu tio, Onela, pelo trono sueco. Beowulf fornece a Eadgil guerreiros e armas. Por fim, Beowulf mata Onela como vingança pela morte de Heardred (HEANEY, 2000, p. 161, 163).

Os relatos dos acontecimentos acima aparecem no Ynglinga tal de forma simplificada. Consta apenas que o rei Athils (Eadgils) mantinha grande disputa com o rei Ali (Onela). Eles travaram uma batalha no Lago Wener. Lá caiu o rei Ali e Athil obteve a vitória (CHAMBERS, 2005, loc. 167). O Ynglinga saga não menciona este evento, mas narra a forma como Eadgil morreu. Diz o texto que estando o rei Athils em uma cerimônia de sacrifício aos deuses, este crusou o salão dos deuses montado em seu cavalo que tropeçou lançando-o ao chão. Athils bateu a cabeça numa pedra e morreu por traumatismo craniano (CHAMBERS, 2005, loc. 174).

Though he was cut deep, he recovered again.
 “With his brother down, the undaunted Eofor,
 Hygelac’s thane, hefted his sword
 and smashed murderously at the massive helmet
 past the lifted shield. And the king collapsed,
 The shepherd of people was sheared of life. (HEANEY, 2000, p. 199, 201).

A narração de ambos os textos, *Ynglinga tal* e *Ynglinga saga*, comprovam a veracidade dos personagens e eventos descritos em *Beowulf*, embora neste apareçam mais romantizados.

Um outro elemento corrobora esse aspecto historiográfico de *Beowulf*. Pouco questionamento há, por exemplo, quanto à identidade dos Geats. Chambers (2005, loc. 200) afirma que a maioria dos acadêmicos, com uma ou outra dissidência, aceitam que os Geatas em Old English, ou Gautar em Old Norse, refecerem-se aos Godos, ou Götär em sueco moderno. Outros creem que os Geats são os Jutes, isto é, o povo germânico dos Jutos, mas pouca evidência há que corrobore essa hipótese. Historicamente os Godos habitavam Götaland, que hoje é a Suécia, e eram um povo independente. Foi descrito por Ptolomeu como uma das maiores nações da Escandinávia e que, embora tivessem um rei em comum com a Suécia, possuíam suas próprias leis e costumes (CHAMBERS, 2005, loc. 236). Em comparação, os Geats habitavam Geatland: “Quando ele ouviu falar de Grendel, o nobre de Hygelac, estava em sua terra, na terra dos Geats” (HEANEY, 2000, p. 15)¹², e também eram um povo independente, como se pode inferir pela grande rivalidade com os suecos e pela narração dos conflitos, por exemplo, com Onela, descrito anteriormente.

Tendo estabelecido que em *Beowulf* são relatados eventos históricos como os conflitos com a Suécia e o assalto de Hygelac; que muitos de seus personagens, como Hygelac, Onela, Eadgils e outros, existiram de fato; e que os Geats são, na verdade, os Godos, cabe averiguar se seu protagonista, o próprio Beowulf, tem veracidade histórica. Chambers (2005, loc. 247) traça uma comparação entre Beowulf e o Bjarki descrito por Saxo Grammaticus. Nos eventos descritos em *Beowulf* em que Onela, rei dos suecos, em perseguição a seus sobrinhos rebeldes, mata o filho de Hygelac, Heardred, rei dos Geats, e Beowulf, após sua ascensão ao trono dos Geats, se vinga de Onela unindo-se e auxiliando Eadgils em destronar Onela, historicamente é um dinamarquês, por nome Bothvar Bjarki, que participa desses eventos (CHAMBERS, 2005, loc. 302).

Chambers (2005, loc. 1011) descreve como Beowulf e Bjarki compartilham diversas semelhanças ao narrar eventos da Saga de Rolf Kraki, isto é, Hrothulf, filho de Halga irmão de Horthgar. Narra a Saga que sendo Bjarki do mesmo país de Beowulf, isto é a terra dos Geats, sai de seu país, no qual seu irmão é o rei, em busca de aventura e viaja para Leire, uma vila que existe até os dias atuais na Dinamarca. Lá, em Heorot, na corte de Rolf, Bjarki recebe um golpe na cabeça de ossos que alguns presentes lançavam sobre Hjalte, um covarde da corte do rei

¹² “When he heard about Grendel, Hygelac’s thane was on home ground, over in geatland.” (HEANEY, 2000, p. 15).

Rolf. Contudo, em *Beowulf* (HEANEY, 2000, p. 37, 39) é Unferth que o enfrenta narrando, do seu modo, os eventos com Breca, em tentativa de humilhar Beowulf. A corte de Rolf, assim como a corte de Horthgar, é assolada por um mostro. Contudo, enquanto Beowulf enfrenta dois monstros, Grendel e sua mãe, o monstro descrito na estória de Bjarki mistura elementos e características dos dois monstros em *Beowulf*. Primeiramente, o monstro de Bjarki é imune a qualquer ferimento de espada e mesmo assim é morto por Bjarki quando este, em uma segunda tentativa, consegue sacar sua espada. Em segundo lugar, o confronto com o monstro não acontece em Heorot, como em *Beowulf*, mas narra a estória que Bjarki sai à noite ao encontro do monstro, lá o mata e faz Hjalte, o covarde que sofria injúrias por toda a corte de Rolf, beber o sangue do monstro transformando-o, assim, em um herói inferior apenas a Bjarki. O monstro ressurgue um dia depois e é morto uma segunda vez, por Hjalte, agora herói, com o auxílio da espada Gullinhjalti.

O poeta de *Beowulf* narra que sendo Grendel imune a qualquer golpe de espada, Beowulf, por uma demonstração de força, e talvez como escárnio aos dinamarqueses por sua incapacidade em eliminar Grendel, decide confrontá-lo nu, isto é, completamente desprovido de qualquer proteção e/ou armamento. O confronto acontece em Heorot, após todos terem festejado e bebido, e quando estavam dormindo, como era o costume de Grendel atacar Heorot. Beowulf consegue arrancar o braço e ombro de Grendel que foge para seu covil e lá morre de seus ferimentos. O confronto com a mãe de Grendel acontece neste covil, que só é acessível por água. Beowulf descobre que a espada fornecida por Unferth é incapaz de causar qualquer ferimento no mostro. Ele tenta aplicar a mesma tática que utilizou em Grendel, mas a mãe de Grendel se mostra um mostro mais resiliente. Neste momento, Beowulf encontra uma enorme e pesada espada, produto de gigantes do mundo antigo, e que só ele tem a força de cingi-la. Com esta espada e por um golpe certo no pescoço, Beowulf mata o monstro e prossegue em decapitar Grendel (HEANEY, 2000, p. 109).

Embora as semelhanças entre Beowulf e Bjarki sejam evidentes elas são, em boa parte, relacionadas aos eventos fantásticos pertinentes a cada estória. Uma análise factual revela diferenças entre os dois. Chambers (2005, loc. 252) afirma que Bjarki é irmão do rei dos Geat, Rolf Kraki (Hrothulf), filho de Halga. Mas Saxo Grammaticus diz que Bjarki é genro de Rolf e não irmão, como se pode ver a seguir: *Bjarke rejoined: 'warlike Hjalte, why dost thou call me so loud? I am the son-in-law of Rolf'* (GRAMMATICUS, 2015, p. 33). Já Beowulf é filho de Ecgtheow com a irmã de Hygelac e sobrinho de Hrothulf. Bjarki, após o confronto com o monstro, permanece na Dinamarca como *retainer* de Rolf. Beowulf, por sua vez, retorna ao reino dos Geats, torna-se conselheiro de Heodred e, após a morte deste, ascende ao trono.

Embora Unferth ajude Beowulf no confronto com a mãe de Grendel oferecendo uma espada lendária, esse relato em nada se assemelha ao relato da Saga de Rolf Kraki, em que Bjarki ajuda o covarde Hjalte a se tornar um herói. Contudo, afirma Chambers (2005, loc. 1049), não seria incoerente imaginar que essa estória tenha se desenvolvido em dois fronts, um na Inglaterra e outro na Escandinávia, e que se trate de uma estória que, no curso de mil anos, sofreu alterações.

Chambers (2005, loc. 1055) especula que regressando no tempo essas diferenças diminuiriam, mas infelizmente não é isso que acontece. Ao analisar os eventos como foram relatados por Saxo Grammaticus 200 anos antes da Saga de Rolf Kraki, o manuscrito mais recente é do século XV, o autor percebeu que as semelhanças, ao invés de aumentarem, quase desaparecem. A narração de Saxo Grammaticus é curta e objetiva, isto é, não diz que Bjarki saiu da terra dos Geats em direção à Dinamarca, e tampouco menciona o confronto com o monstro que assola a corte do rei Rolf. Eis o que ele diz a respeito do confronto:

Ele [Biarco, i.e. Bjarki] encontrou um grande urso num bosque e o matou com uma lança e fez com que seu companheiro Ialto [i.e. Hjalti] colocasse seus lábios na besta e dela bebesse o sangue que fluía, que ele se tornaria mais forte. (CHAMBERS, 2005, loc. 1063)¹³.

Em um outro momento, Saxo Grammaticus descreve o banquete na corte de Rolf em que Bjarki está presente:

Naquele tempo, um certo Agnar, filho de Ingild, indo se casar com Rute, irmã de Rolf, celebrava seu casamento com um grande banquete. Os campeões esbravejavam nesse banquete com toda sorte de devassidão, e arremessando por todo o salão lançavam ossos em um certo Hjalte; mas o destino quis que seu comensal, por nome Bjarke, recebesse uma batida violenta na cabeça por conta da péssima mira do atirador e que, ferido tanto pela dor quanto pelo escárnio, arremessou o osso de volta, para quem o tinha lançado, e torceu o pescoço de forma que a nuca ficou no lugar onde ficava o rosto, punindo a ironia do temperamento do homem virando seu rosto de lado. Este feito moderou a devassidão e as injúrias dos homens, e fez com que eles saíssem do lugar. (GRAMMATICUS, 2015, p. 28-29)¹⁴.

As diferenças na descrição dos eventos por Saxo Grammaticus são tantas, o que impulsionou especialistas como Axel Olrik, acadêmico dinamarquês, a negar toda e qualquer relação de similitude entre Bjarki e Beowulf (CHAMBERS, 2005, loc. 160). Entretanto, como

¹³ “He [Biarco, i.e. Bjarki] met a great bear in a thicket and slew it with a spear, and bade his comrade Ialto [i.e. Hjalti] place his lips to the beast and drink its blood as it flowed, that he might become stronger.” (CHAMBERS, 2005, loc. 1063)¹³.

¹⁴ At this time, a certain Agnar, son of Ingild, being about to wed Rute, the sister of Rolf, celebrated his bridal with a great banquet. The champions were rioting at this banquet with every sort of wantonness, and flinging from all over the room knobbed bones at a certain Hjalte; but it chanced that his messmate, named Bjarke, received a violent blow on the head through the ill aim of the thrower; at whom, stung both by the pain and the jeering, he sent the bone back, so that he twisted the front of his head to the back, and wrung the back of it to where the front had been; punishing the wryness of the man's temper by turning his face sidelong. This deed moderated their wanton and injurious jests, and drove the champions to quit the place. (GRAMMATICUS, 2015, p. 28-29)¹⁴.

afirma Chambers (2005, loc.1078), as semelhanças entre Bjarki e Beowulf não estão nos monstros que eles enfrentam, sejam eles mágicos e fantásticos, imunes a armas ou simplesmente animais selvagens como um urso ou um lobo, mas no fato de que a corte do rei dinamarquês está em perigo e um herói estrangeiro vai em seu socorro.

Cabe esclarecer que Saxo Grammaticus ou “O Letrado”, como o chama Oliver Elton (2015, loc. 892) em sua introdução ao livro de Saxo intitulado *Historia Danica*, foi um historiador dinamarquês da Idade Média que, como ele mesmo descreveu em seu prefácio ao mesmo livro, foi comissionado por Absalon, arcebispo de Lund e pontífice-chefe da Dinamarca, a compilar em crônicas a história da Dinamarca.

Uma das mais marcantes evidências da semelhança entre Beowulf e Bjarki está na narrativa do conflito entre Onela e seu sobrinho Eadgil. O poeta de *Beowulf* descreve que após o assassinato do rei Heodred pelas mãos de Onela, rei da Suécia, Beowulf se torna rei do Geats e ajuda Eadgil em sua disputa pelo trono (HEANEY, 2000, p. 163). Chambers (2005, loc. 1108), afirma que este evento está registrado na tradição escandinava ao dizer que “Eles tinham uma batalha no gelo do Lago Wener; lá caiu o rei Ali, e Athils teve a vitória. Muito foi dito a respeito desta batalha no Skjoldunga saga”¹⁵. Chambers (2005, loc.1108) prossegue informando que embora o Skjoldunga saga tenha se perdido, relatos desse evento ficaram registrados em extratos latinos e também no Bjarka Rímur que, provavelmente, é derivado do Skjoldunga saga.

Na busca de evidências históricas em *Beowulf* foram analisados eventos e pessoas que, conforme descritos no poema, são registrados também na tradição e na história da Escandinávia. Contudo, cabe ainda estabelecer se o mais famoso dos salões, Heorot, tem veracidade e autenticidade histórica. Narra o poeta de *Beowulf* que sendo Horthgar afortunado em guerra, guerreiros de toda parte se juntaram ao contingente de seu exército, fazendo com que ele sentisse a necessidade da construção de um salão para que pudesse celebrar suas conquistas e presentear seus campeões. O rei então dá ordens que seja construído um grande e magnífico salão como o mundo nunca tinha visto antes para que sirva como sua sala de trono. Artesãos de todo mundo vieram adornar o salão que, quando pronto, ficou conhecido como o salão dos salões (HEANEY, 2000, p. 7).

Chambers (2005, loc. 370) traça um paralelo entre o local em que Heorot supostamente ficaria e o pequeno vilarejo dinamarquês de Leire, que até hoje existe na costa norte da Ilha de Seeland, há 5 milhas da cidade de Roskilde. Mas, para que seja comprovado que a Leire atual seja o local onde o lendário salão Heorot ficava, Chambers (2005, loc. 370) propõe duas

¹⁵ They had a battle on the ice of Lake Wener; there King Ali fell, and Athils had the victory. Concerning this battle there is much said in the Skjoldunga saga.

hipóteses. A primeira é a de que o vilarejo de Leire atual seja o mesmo Leire de onde Rolf Kraki governava; e a segunda, a de que a Leire de Rolf Kraki tenha sido construída no mesmo lugar onde Heorot ficara. Assim, não só a Leire atual deve corresponder exatamente à Leire dos eventos de Bjarki, como também deve ser o local onde Heorot lançava sua imponente sombra.

A primeira hipótese proposta por Chambers (2005, loc. 378), como ele mesmo afirma, embora amplamente refutada, ao mesmo tempo, abre um amplo campo para a dúvida quando se analisa os registros deixados pelos historiadores. Chambers (2005, loc. 8263) afirma, por exemplo, que para o historiador medieval dinamarquês Sweyn Aageson pouca dúvida restava que ambas as Leire eram a mesma. Saxo Grammaticus (2015, p. 25) descreve que o rei Frode, filho de Hadding, teve três filhos, Halfdane, Ro e Skat. Halfdane, por sua vez, teve dois, Ro (Hrothgar) e Helge (Halga). Ro, afirma Saxo, foi o fundador da cidade de Rolskild, perto de onde hoje fica o vilarejo de Leire, e que foi enriquecida e embelezada por Sweyn Forkbeard. Já Leire, descreve Saxo, foi construída por Rolf, filho de Halga, para ser o local de seu assento real:

Então as embarcações foram preenchidas com a massa do tributo pretendido, e eles prosseguiram para Leire, uma cidade que Rolf tinha construído e adornado com o tesouro mais rico de seu reino, e que, sendo a fundação real e o assento real, superava em importância todas as cidades dos distritos vizinhos. (GRAMMATICUS, 2015, p. 30)¹⁶.

Que Rolf tenha construído e embelezado Leire para ser o local de sua corte é evidente, mas provar que a Leire de Rolf Kraki é o mesmo local onde Hrothgar construiu seu famoso salão, Heorot, é uma tarefa bem mais difícil. Chambers (2005, loc. 383) afirma que embora Leire seja sempre relacionada com a memória de Rolf Kraki, uma crônica dinamarquesa, *Annales Eromenses*, descreve Leire como o acento real dos predecessores de Rolf, isto é, Ro, que se conhece como Hrothgar, e seu pai, Healfdene. A crônica em questão descreve ainda como Ro elevou um monte sobre a cova de seu pai e foi também enterrado lá.

Uma vez que os eventos, personagens, e lugares descritos em *Beowulf* evoluíram em dois fronts, isto é, na tradição anglo-saxã e escandinava, Chambers (2005, loc. 388) afirma que a tradição inglesa descreve Hrothgar como o rei construtor, ou seja, aquele que construiu o salão mais imponente que a humanidade já viu, mas a tradição dinamarquesa o descreve como embelezando a cidade de Leire. Saxo Grammaticus (2015, p. 30), contrariando, a priori, o que Chambers afirma, diz que Rolf Kraki, isto é, Hrothulf, filho de Halga, isto é, irmão de Hrothgar, fora quem construiu e embelezou Leire. Embora Chambers pareça entrar em contradição, não

¹⁶ So the vessels were loaded with the mass of pretended tribute, and they proceeded to Leire, a town which Rolf had built and adorned with the richest treasure of his realm, and which, being a royal foundation and a royal seat, surpassed in importance all the cities of the neighbouring districts. (GRAMMATICUS, 2015, p. 30)¹⁶.

é o que realmente acontece. Na verdade, afirma Chambers (2005, loc. 402), é Saxo que entra em contradição quando, mais tarde, em seus escritos, diz como Leire já existia na infância de Rolf.

Halga, irmão de Horthgar, descreve Saxo Grammaticus (2015, p. 26), era cruel e lascivo. Em uma de suas campanhas ele violentou uma virgem por nome Thora que concebeu uma filha e deu o nome de Urse. Thora nunca se restabeleceu psicologicamente do estupro que sofreu de Halga e, sem pensar no bem-estar da filha, o convenceu a ter relações sexuais com ela por vingança. Urse concebeu um filho e lhe deu o nome de Rolf Kraki. Enquanto isso, Ragnar morre na Suécia e seu filho Hothbrodd o sucede no trono. Hothbrodd tem dois filhos, Athils (Eadgils) e Hother. Hothbrodd, em uma tentativa de expandir seu domínio, vai fazer guerra com o rei da Dinamarca, Ro (Horthgar), e acaba matando-o. Halga, ao receber a notícia da morte do rei, busca seu filho em Leire a fim de proteger sua linhagem.

Chambers (2005, loc. 395) então esclarece: “Ademais, os nomes de ambos Hrothgar e Hrothulf são conectados com Heorot na tradição inglesa da mesma forma que os nomes de Roe e Rolf são conectados com Leire nas crônicas dinamarquesas”.¹⁷ Horthgar, Ro em Saxo Grammaticus, é descrito como o fundador da cidade de Roskilde, como já demonstrado aqui, e que isso levou a crer que Heorot estivesse nesta cidade. Contudo, afirma Chambers (2005, loc. 402) Roskilde não fora construída para ser o acento da corte de Horthgar, mas apenas como um importante centro comercial. Ademais, Heorot é descrito em *Beowulf* como tendo sua localização no interior. Roskilde fica na costa com acesso ao mar.

Em *Beowulf* há a descrição de que quando os Geats chegaram à costa dinamarquesa foram recebidos pelo vigia da costa e que, depois de ter averiguado que os Geats eram leais ao rei Horthgar, os guiou *inland*, ao interior, até uma estrada pavimentada, de onde podiam avistar Heorot, o imponente edifício, ladeado de ouro. Lá os deixou dando instrução de como chegar a Hrothgar (HEANEY, 2000, p. 17-23). O poema descreve a forma como os Geats chegaram a Heorot:

Era uma trilha pavimentada, um caminho que os mantinha
juntos em ordem de marcha. Suas cotas de malha brilhavam,
rígidas, e feitas à mão; o ferro lustroso
de suas armaduras ressoava. Então eles devidamente chegaram
com seu sombrio equipamento armamento de guerra ao salão,
e, cansados da viagem pelo mar, empilharam seus escudos
de madeira a mais rígida contra a parede,
então se desmoronaram sobre os bancos, armadura
e espadas se chocaram. Eles coletaram suas lanças
juntas em forma de feixes, uma pilha de lanças dos Geats

¹⁷ Further, the names of both Hrothgar and Hrothulf are linked with Heorot in English tradition in the same way as those of Roe and Rolf are with Leire in Danish chronicles¹⁷.

feita de pó vulcânico. E a tropa
era tão boa quanto suas armas. (HEANEY, 2000, p. 23)¹⁸.

Após sua chegada, os Geats claramente viajam para o interior, o que faz de Leire a melhor candidata para a localização de Heorot. Roskilde, por sua vez, fica localizada na costa, e embora Chambers (2005, loc. 8280) afirme que em tempos pré-históricos acreditava-se que o mar chegava até Leire, ela fica a 5 quilômetros de Roskilde, em direção ao norte. Nem tão longe que obrigue parar para pernoitar em algum vilarejo e nem tão perto da costa que se possa ver Heorot. O guia leva os Geats até um caminho pavimentado e de lá eles avistam Heorot ao longe (HEANEY, 2000, p. 23). Pode ser que nunca se terá a certeza de que Leire fora o local onde Hrothgar construiu o mais magnífico dos salões, Heorot, tampouco aonde Hrothulf manteve a mais importante corte para onde “o Norte sempre olhou em busca deste padrão de cavalaria”. (CHAMBERS, 2005, loc. 419)¹⁹.

Beowulf é, em suma, um texto que mistura elementos fantásticos com eventos, personagens e lugares históricos. Tolkien (2012, loc. 91-98) chama atenção à crítica de *Beowulf* que diz que o poema posiciona elementos irrelevantes no centro, isto é, os conflitos com criaturas fantásticas, e os importantes, isto é, a historiografia, na periferia. A crítica historiográfica de *Beowulf*, isto é, *Beowulfiana*, como Tolkien (2012, loc. 91) denominou, é riquíssima haja vista todos os elementos históricos dos quais apenas alguns estão incluídos aqui. Mas é extremamente pobre no que tange analisar o poema *Beowulf* como ele realmente é, isto é, um poema. Assim, afirmou Tolkien:

Em sua aventura entre os acadêmicos modernos, *Beowulf* foi batizado pela poesia de Wanley – Poeseos Anglo-Saonicæ egregium exemplum. Mas a fada madrinha que mais tarde convidou para supervisionar suas fortunas foi a História. E ela trouxe consigo Philologia, Mythologia, Archaeologia, e Laographia. Excelentes senhoras. Mas onde estava a reputação da criança? Poesis era frequentemente esquecida, ocasionalmente admitida por uma porta lateral, às vezes despedida nos degraus da porta. (TOLKIEN, 2012, loc. 95-105)²⁰.

¹⁸ It was a paved track, a path that kept them
in marching order. Their mail-shirts glinted,
hard, and hand-linked; the high-gloss iron
of their armour rang. So they duly arrived
in their grim war-graith and gear at the hall,
and, weary from the sea, stacked wide shields
of the toughest hardwood against the wall,
then collapsed on the benches, battle-dress
and weapons clashed. They collected their spears
in a seafarers' stook, a stand of greyish
tapering ash. And the troops themselves
were as good as their weapons. (HEANEY, 2000, p. 23).

¹⁹ the North ever after looked for its pattern of chivalry. (CHAMBERS, 2005, loc. 419)

²⁰ As it set out upon its adventures among the modern scholars, *Beowulf* was christened by Wanley Poesis – Poeseos Anglo-Saonicæ egregium exemplum. But the fairy godmother later invited to superintend its fortunes was Historia. And she brought with her Philologia, Mythologia, Archaeologia, and Laographia. Excellent ladies.

Seamus Heaney (2000, p. xi), no seu prefácio à sua tradução do texto *Beowulf*, demonstra como o trabalho de Tolkien em sua própria tradução do poema, bem como seu artigo “Monstros e a Crítica” “mudou completamente como o poema era avaliado e iniciou uma nova era de apreciação do poema”. Heaney afirma ainda que para Tolkien o poeta de *Beowulf* era extremamente imaginativo e que, fazendo uso do rico material folclórico por ele herdado, chegou a uma “unidade de efeito” e uma “ordem balanceada” (HEANEY, 2000, p. xi). Em outras palavras, os elementos e eventos fantásticos que compõem o núcleo de *Beowulf* não são irrelevantes como os acadêmicos e a crítica enxergavam, mas estão em perfeito equilíbrio com os elementos históricos formando um corpo poético coeso.

But where was the child's name-sake? Poesis was usually forgotten; occasionally admitted by a side-door; sometimes dismissed upon the door-step. (TOLKIEN, 2012. loc. 98-105)²⁰.

3. REINTEGRAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO – MOVIMENTOS DO MACROCOSMOS E MICROCOSMOS

É um preconceito quase ridículo a suposição de que a existência só pode ser de natureza corpórea. Na realidade, a única forma de existência de que temos conhecimento imediato é a psíquica. (JUNG, 2017c, p. 24)

Neste capítulo são abordados dois princípios de grande importância para a análise que esta dissertação procura fazer de *Beowulf*. São os conceitos de individuação e de reintegração. Para o primeiro utiliza-se a teoria de Carl G. Jung bem como obras de acadêmicos e psicólogos que formam um grande corpo teórico. Esse corpo teórico critica, comenta e desenvolve a teoria de Jung. Para o segundo, entretanto, são utilizados autores e escolas que perpetuam um conhecimento embora às vezes proscrito do meio acadêmico, mas mesmo assim relevante. Esses autores são místicos e filósofos, e essas escolas são escolas iniciáticas e de conhecimento arcano. O conhecimento que essas escolas transmitem pode ter influenciado Jung de alguma forma.

A individuação ou singularização é o processo pelo qual uma determinada coisa é diferenciada, ou seja, vista de forma distinta do conjunto. Da mesma forma, em Jung (2018, p. 61) a individuação se refere ao processo pelo qual o homem se distingue dos demais. Nesse processo se desdobra um profundo autoconhecimento, pois para se atingir a individuação, o homem deve trazer à consciência elementos e características de si mesmo que desconhece e/ou ignora e por isso estão enterradas no mais profundo de sua psique. Jung descreve, então, três estágios ou confrontos que devem ser alcançados ou travados por todo aquele que almeja a individuação. Esses confrontos se dão com conjuntos de experiências, sentimentos, desejos e afins que se cristalizaram na psique humana e aos quais Jung deu o nome de arquétipos.

Analogamente, a reintegração refere-se ao processo de retorno de toda a criação à fonte, isto é, ao Criador (PASQUALLY, 2007). O termo reintegração foi usado pelo filósofo espanhol Martines de Pasqually em sua obra “Tratado da Reintegração dos Seres em sua primeira propriedade, virtude e potência espiritual divina”. Neste sentido, a reintegração e a individuação representam dois movimentos do mesmo processo. O primeiro refere-se ao macrocosmos, isto é, todo o universo; já o segundo, ao microcosmos, isto é, o homem ou mais precisamente sua psique. O Tratado será extensamente utilizado nesta obra e por isso uma introdução de seu autor se faz necessária.

Robert Amadou (PASQUALLY, 2007, p. 18), em sua introdução à tradução brasileira do “Tratado da Reintegração dos Seres” apresenta Martines de Pasqually como um filósofo

espanhol. Nascido em Grenoble, na França, em 1727, sua família era de origem judaico-espanhola e propiciou a ele amplo campo para se aprofundar na teologia judaico-cristã. Pasqually era também maçom e membro de lojas em Bordeaux jurisdicionadas à Grande Loja da França. Entretanto, Pasqually queria atribuir à ordem maçônica características de religião, o que fora veemente negado e repudiado pelas lojas de Bordeaux e pela Grande Loja da França. Diante desta negação, Pasqually funda então sua própria ordem, isto é, a Ordem dos Cavaleiros Maçons Elu Cohen do Universo – Ordem dos Eleitos do Universo, em 1761. Sua ordem, embora repleta de referências maçônicas em seus símbolos e rituais, era, na verdade, uma “sagrada ordem religiosa.”

Amadou (PASQUALLY, 2007, p. 18-19) vai demonstrar ainda o contrário ao que Pasqually afirmava, isto é, que ele escreveu seu tratado a partir do que a própria sabedoria lhe ensinou. Um historiador maçônico por nome Claude-Antoine Thory encontrou três obras que supostamente serviram de fonte para a composição do Tratado. São elas: *Calendarium naturale magicum perpetuum*, de Tycho-Brahe, escrito em 1582; o *Umbra Idealis Sapientiae generalis*, de Esprit Sabbathair, em 1679; e a “Carta filosófica e matemática acompanhada do Calendário mágico e perpétuo”, do ocultista contemporâneo Touzay-Duchanteau.

O “Tratado da Reintegração dos Seres” propõe ao leitor uma nova interpretação dos eventos, como o da criação; relatos, como o da queda; e personagens bíblicos, como Adão, e que talvez joguem luz em um campo que para muitos é ainda obscuro. Assim, o Tratado começa demonstrando como todos os seres espirituais partiram de Deus e para ele devem retornar. A este evento Pasqually (2007, p. 261) deu o nome de reintegração.

Com efeito, a cosmologia de Pasqually (2007, p. 71) afirma que Deus habita um lugar que ele chamou de imensidade divina, conforme pode ser observado na figura 4 a seguir, e em um tempo antes do tempo, emanou de si quatro categorias de seres espirituais para sua própria glória. À capacidade de emanção ou criação infinita Pasqually (2007, p. 72) deu o nome de causa primeira e é, até esse ponto da narrativa, exclusiva da Divindade. Os primeiros seres espirituais emanados, embora usufríssem de livre-arbítrio, tinham que prestar culto à divindade conforme “leis, preceitos e mandamentos eternos” que Deus fixara. Contudo, parte desses seres se rebelou contra a divindade ou, para usar a terminologia de Pasqually, prevaricaram. Eles cobiçaram a habilidade da Divindade de criação, ou seja, a causa primeira, a capacidade de emanar de si mesmo uma infinidade de seres:

Se me perguntardes qual foi o gênero da prevaricação desses espíritos, para que o Criador tenha usado a força das leis divinas contra eles, responderei que esses primeiros espíritos foram emanados apenas para agir como causas segundas e não para exercer sua potência sobre as causas primeiras, ou a ação própria da Divindade. (PASQUALLY, 2007, p. 74).

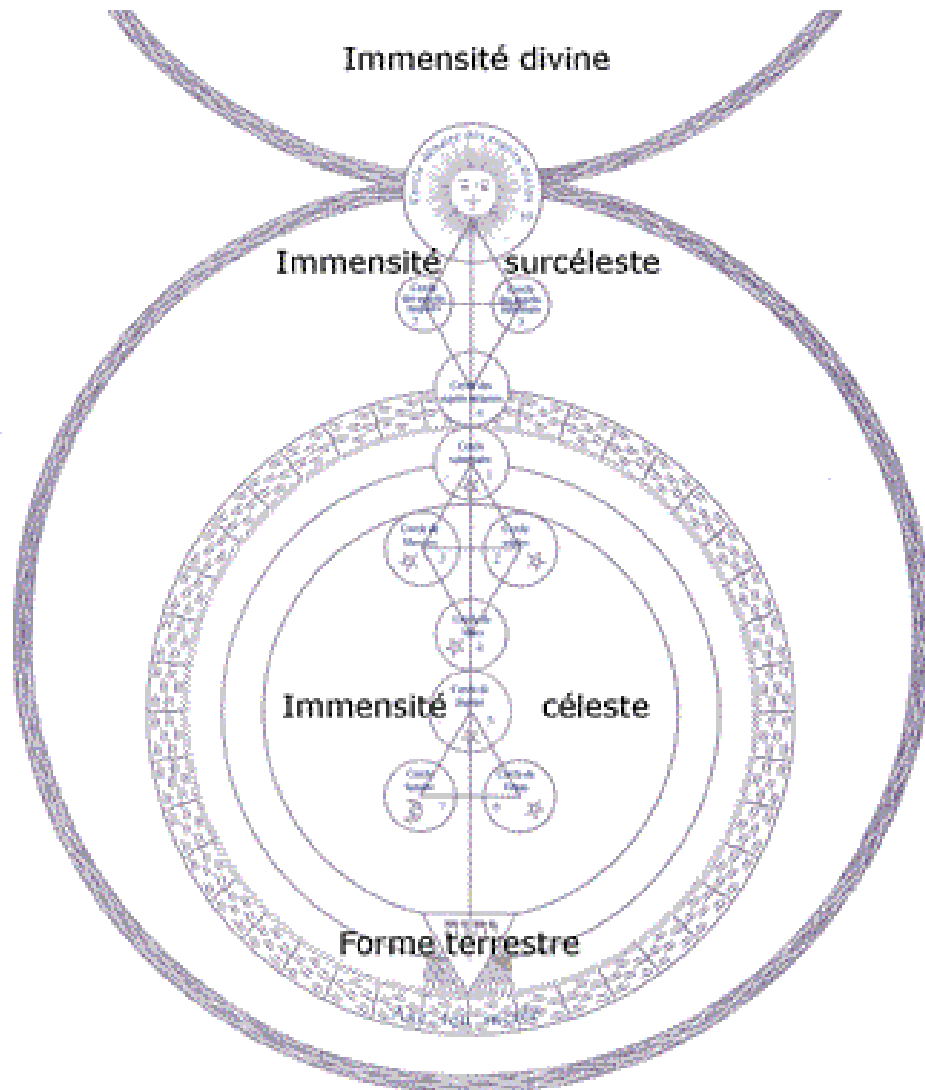
É, então, a partir da prevaricação dos primeiros espíritos emanados que o processo de criação se inicia com a formação de mais três imensidades, a saber: a imensidade supra celeste; a imensidade celeste; e a imensidade terrestre (Figura 4).

Tendo esses espíritos concebido seu pensamento criminoso, o criador deu força de lei à sua imutabilidade, criando este universo físico em aparência de forma material, para ser o lugar fixo onde os espíritos perversos agiriam e exerceriam em privação toda a sua maldícia. (PASQUALLY, 2007, p. 74-75).

Percebe-se um movimento para fora desde a primeira emanção dos seres espirituais, até a prevaricação e criação das três imensidades. Essa tripartição pode ser vista também como uma primeira fragmentação, pois haverá outra, e será muito importante nesta análise no que tange tanto à reintegração quanto à individuação.

Após a tripartição do universo, os espíritos prevaricadores são banidos da imensidade divina e aprisionados dentro do universo físico, isto é, a imensidade celeste e terrestre de onde poderiam operar (PASQUALLY, 2007, p. 75). Entretanto, a Divindade, fazendo uso mais uma vez de sua habilidade, emana de si mais um ser espiritual, agora semelhante a ela, isto é, com a mesma habilidade de criação. “Adão era o verdadeiro par do Criador” (PASQUALLY, 2007, p. 76) e para ele a Divindade deu autoridade para comandar toda criatura, a terra e o universo. Colocado no limite entre a imensidade celeste e a supra celeste Adão comandaria toda a criação e daria luz a uma posteridade divina, se, no entanto, seguisse os preceitos, leis e comandos do criador e fizesse uso apenas da “ciência divina,” Teurgia, que o criador a ele ensinara para dominar até os espíritos prevaricadores (PASQUALLY, 2007, p. 78).

Figura 4 – O Quadro Universal



Fonte: Pasqually (2007)

A prevaricação dos primeiros espíritos emanados aparece no texto bíblico no Livro de Isaías, capítulo 14, versículos 12 a 15 e, embora possa parecer diferente do que discorre Pasqually (2007), a natureza dessa prevaricação é exatamente a mesma, isto é, a soberba:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte, subirei acima das mais altas nuvens e seu semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo. (Is 14,12-15).

A posição privilegiada de Adão na criação, sua semelhança com a Divindade, sua autoridade sobre toda a criação, inclusive sobre os espíritos prevaricadores, não passaria despercebida pelos espíritos prevaricadores que imediatamente após o estabelecimento de Adão como “Homem-Deus da terra universal” (PASQUALLY, 2007, p. 76) recaíram sobre ele,

e tentando-o fizeram-no abandonar a ciência divina, isto é, a Teurgia, e praticar a “ciência demoníaca”, a Goetia (PASQUALLY, 2007, p. 78). O fruto dessa operação de Adão é a criação de uma matéria tenebrosa:

Adão, cheio de orgulho, traçou seis circunferências, à semelhança das do Criador, isto é, operou os seis atos de pensamentos espirituais que ele tinha em seu poder para cooperar com sua vontade de criação. Ele executou fisicamente e na presença do espírito sedutor sua criminosa operação. Ele esperava ter o mesmo êxito que o Criador eterno, mas ficou muito surpreso, do mesmo modo que o demônio, quando, em lugar de uma forma gloriosa, extraiu de sua operação apenas uma forma tenebrosa e totalmente oposta à sua. Ele criou, de fato, apenas uma forma de matéria, em vez de criar uma pura e gloriosa, tal como estava em seu poder. (PASQUALLY, 2007, p. 87).

Em outras palavras, o resultado da operação foi a criação daquilo que se tornaria a prisão de Adão, sua conseqüente queda e fragmentação. Uma segunda fragmentação da qual a primeira já foi explanada:

Ele refletiu sobre o fruto iníquo que dela [sua operação] resultou e viu que havia operado a criação de sua própria prisão, que fecharia mais estreitamente, a ele e toda sua posteridade, em limites tenebrosos e na privação espiritual divina até o fim dos séculos. (PASQUALLY, 2007, p. 87).

Gérard Encausse (1973, p. 61), Papus, como é conhecido nos círculos teosóficos e esotéricos, foi um médico francês do século XIX e em sua obra “O Tratado das Ciências Ocultas”, volume 2, demonstra como o Adão se subdivide em três manifestações, a saber: Adão Cadmon, Adão Belial, Adão Protoplasta. “O Adão Cadmon é o que precedeu a queda”, isto é, o Adão completo, caracterizado pela androgenia, aquele que tem em si o masculino e o feminino em perfeita harmonia, ou seja, o homem e a mulher que foram criados por Deus no sexto dia da criação como consta no capítulo 1º do Livro de Gênesis. “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança; [...] Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gn 1,26-27).

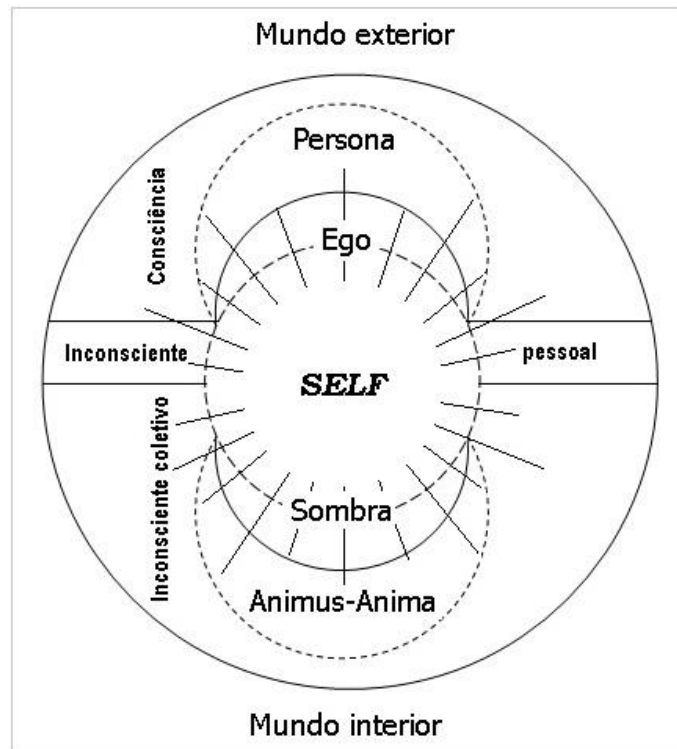
Adão Belial, prossegue Papus, refere-se ao Adão pós-queda, o Adão subjugador, dominador, “pecador”, ou prevaricador, para usar a terminologia de Martinez de Pasqually. O Adão Protoplasta, para Papus, é de onde advêm todas as almas.

Acontece então uma fragmentação de Adão Cadmon após a prevaricação ou após comer do fruto da árvore proibida, para fazer uso do relato bíblico. Adão Belial é projetado para fora, enquanto Adão Protoplasta é reprimido para dentro. Adão Cadmon se esquece de sua inteireza, de sua completude. Dominado por Adão Belial, subjuga e reprime Adão Protoplasta. Para Papus (1973, p. 145), para atingir a reintegração o homem deve restabelecer sua harmonia, isto é, sua androgenia.

O descrito por Papus, embora imbuído de linguagem esotérica e significado místico, não é tão diferente do que afirma Jung. Neste, o ego projeta sua persona para fora e esta reprime a alma para o profundo do inconsciente. Em ambos os casos o homem esquece que dentro de si há uma contraparte importantíssima que faz dele um ser completo. Vale ressaltar que Papus e Jung viveram na mesma época. O primeiro nasceu em 13 de julho de 1865, em Coruña, na Espanha, e morreu em 25 de outubro de 1916. O segundo nasceu em 25 de julho de 1875 e faleceu em 6 de junho de 1961. Embora Papus esteja trabalhando com o macrocosmos e Jung com o microcosmos, a verdade da tábua esmeraldina “assim como é em cima é embaixo”, ainda ressoa.

Assim como uma explanação a respeito da cosmologia de Pasqually se fez necessária para se entender a reintegração, assim também uma compreensão da estrutura de psique se faz necessária para que se possa entender a individuação de forma apropriada. Robin Robertson (1992), em seu livro “Guia Prático de Psicologia Junguiana” descreve a natureza da psique, que Jung chamou de “totalidade de nossos processos psicológicos” conforme o modelo junguiano e a caracterizou como formada por diversos níveis. O primeiro, e conseqüentemente o menor nível, é a consciência que, ao contrário do que se possa imaginar, representa apenas uma diminuta parte da psique abrangendo somente alguns conteúdos. Todo o resto encontra-se inconsciente. Após o nível da consciência encontra-se um nível um pouco maior que ele chamou de inconsciente pessoal. Neste estão depositados todos os conteúdos reprimidos por um indivíduo. São eles experiências, tanto infantis quanto adultas, que foram reprimidas e/ou que não são aceitas pelo indivíduo. O terceiro e maior nível é o enorme campo do inconsciente coletivo que contém, em sua vastidão, todos os arquétipos e o complexo da humanidade. (Figura 5).

Figura 5 – A Psique



Fonte: <https://oespelhonegro.com/?p=847>

Dentre o limitado número de conteúdos conscientes encontram-se o ego e a persona (Figura 5). O primeiro tem uma relação mais profunda com o self, o arquétipo da totalidade e da transcendência (ROBERTSON, 1992, p. 49), e um papel importantíssimo na individuação. Samuels (2005, p. 72) vai afirmar que, em um primeiro momento, Jung via o self como englobando tanto o consciente quanto o inconsciente. Entretanto, em um segundo momento, ele fará a distinção entre ego e self dizendo que o primeiro provém do segundo, mas que ambos são dependentes um do outro, embora o self seja superior.

O ego está para o self assim como o que foi movido para aquele que o move, ou como o objeto para o sujeito, porque fatores determinantes que irradiam a partir do self cercam o ego por todos os lados e são, por isso, superiores a ele. O self, como o inconsciente, é pré-existente a partir do qual o ego se desenvolve. (SAMUELS, 2005, p. 71)²¹.

Percebe-se, então, que no princípio havia o self e a partir deste advém o ego. O conceito filosófico de alma universal talvez se assemelhe ao self no que tange à universalidade deste. Harvey Spencer Lewis, filósofo e fundador da Antiga e Mística Ordem da Rosacruz (AMORC)²², em seu livro “Mansões da Alma” discorre a respeito da alma universal e como

²¹ The ego stands to the self as the moved to the mover, or as object to subject, because the determining factors which radiate out from the self surround the ego on all sides and are therefore supraordinate to it. The self, like the unconscious, is an a priori existent out of which the ego evolves. (CW 11, para. 391) (SAMUELS, 2005, p. 71).

²² *Antiquus Mysticusque Ordo Rosæ Crucis*.

dela provém a centelha divina que anima todos os seres vivos. Lewis usa como exemplo a eletricidade e uma lâmpada para demonstrar sua analogia (Figura 6). Nesta teoria, a alma universal representa a eletricidade e a lâmpada, o corpo. Quando acesa, a lâmpada recebe eletricidade e ilumina todo o ambiente. Da mesma forma um corpo é animado quando recebe uma alma – “ [...] e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2,7b). Retornando à analogia, quando apagada a lâmpada deixa de receber eletricidade que retorna para sua fonte original. Da mesma forma, quando um ser morre a alma que animava seu corpo volta para a alma universal levando consigo, afirma Lewis, todas as experiências de sua vida (LEWIS, 2005, p. 127).

Figura 5 – A Alma Universal



Fonte: Lewis (2005, p. 125)

A Ordem Rosacruz (AMORC), do latim Antiga e Mística Ordem da Rosacruz, foi fundada pelo estadunidense Harvey Spencer Lewis, em 1909, nos Estados Unidos (LEWIS; LEWIS; PARUCKER, 1988, p. 21) com o propósito de:

Aprimorar continuamente os antigos ensinamentos, com aplicações suplementares de comprovadas revelações ou descobertas da ciência, que habilitarão o estudante a extrair o máximo benefício dos ensinamentos para enfrentar os problemas diários da vida moderna. (LEWIS, 2005, p. 111).

Contudo, ela perpetua uma tradição em duas vertentes, a saber: uma tradicional e outra histórica. A tradição mística afirma que a Fraternidade da Rosacruz nasceu das escolas de mistérios do Egito Antigo, 3 mil anos antes de Cristo, sob a égide do faraó Tutmés III da 18ª dinastia. Contudo, não há embasamento histórico algum que corrobore essa consideração e ela

permanece apenas como uma lenda que dá à instituição um elemento de antiguidade. Historicamente, entretanto, o primeiro registro do termo Rosacruz como uma fraternidade aparece em 1614, em Paris, sob a forma de um manifesto à sociedade intitulado *Fama Fraternitatis RC* (Figura 7) e que iniciava com a seguinte mensagem: “Nós, os irmãos da fraternidade dos R.C., conferimos nosso Cumprimento, Amor e Preces a cada um e a todos que leem esta nossa *Fama* de intenção cristã [...]” (CHURTON, 2009, p. 107).

Figura7 – Fama Faternitatis RC



Fonte: Churton (2009, p. X)

Os rosacruzes do século XVII publicaram mais dois manifestos após a *Fama Fraternitatis*, a saber: *Confession Fraternitatis*, em 1615, e *As Bodas Alquímicas de Christinan Rosenkreuz*, em 1616 (CHURTON, 2009). Em 2001, a AMORC publicou um quarto manifesto Rosacruz intitulado *Positio Fraternitatis Rosae Crucis*.

Cabe esclarecer que a AMORC não foi a primeira Fraternidade Rosacruz no mundo e tampouco é a única. Historicamente, a AMORC nasceu em 1909, nos Estados Unidos. Já a Fraternidade Rosacruz nasceu com os manifestos rosacruzes do século XVII. No âmbito deste trabalho são mencionadas outras ordens, umas rosacruzes e outras não. É o caso da Ordem dos Cavaleiros Maçons Elu Cohen do Universo.

Retornando à análise, o segundo conteúdo do consciente aqui pertinente é a persona. Ela se refere à forma como o homem se apresenta e interage com mundo (JUNG, 2018, p. 82). Assim, ela é tanto a representação do homem verdadeiro quanto a máscara é a representação daquele que a veste. Entretanto, é através da persona que o ego se relaciona com o mundo exterior (SAMUELS, 2005, p. 174), e para Jung (2018, p. 83) a criação da persona e a identificação com ela representa uma “considerável concessão ao mundo exterior”. Na analogia utilizada por Lewis para demonstrar a alma universal (Figura 6), a luz que emana da lâmpada em pouco se assemelha com a luz da alma universal, pois ela é infinitamente menor. Entretanto, é essa luz menor que ilumina o ambiente assim como é através da persona que o ego interage com o mundo exterior. Assim como a luz menor, embora importantíssima, é apenas um reflexo da luz maior, da mesma forma é o conjunto ego e persona uma representação limitada do self:

Em outras palavras, se considerarmos a Alma Absoluta do universo dividida em segmentos ligados à mesma, cada segmento uma parte da Alma Absoluta presente num corpo humano, notaremos que cada um desses segmentos da Alma Absoluta possui um Ego (ou uma personalidade) composto de mente ou inteligência, e consciência com memória. A própria alma consiste da Essência Divina, ou Energia Essencial de Vida, energia criativa que emana de Deus, a fonte de toda vida. Mas, além dessa energia criativa e vitalizadora da alma, cada seguimento possui como atributo um Ego ou uma personalidade, como sua mente, sua memória e sua consciência. (LEWIS, 2005, p. 126).

No segundo nível da psique encontra-se o inconsciente pessoal e é aqui que começa a haver divergências entre Freud e Jung (ROBERTSON, 1992, p. 35). Robert A. Johnson (1987a, p. 30) em seu livro “He: A chave do Entendimento da Psicologia Masculina” comentando a respeito dessa ruptura, afirma que para Jung “parecia-lhe estar encerrando uma carreira antes mesmo de começa-la”. Conforme Robertson (1992), Freud acreditava que o inconsciente pessoal, que ele chamou apenas de inconsciente, era o depositário de todas as experiências, sentimentos, características reprimidas. Para ele o inconsciente advém do consciente. Jung, por sua vez, vai virar essa teoria de ponta-cabeça afirmando:

Freud [...] deriva o inconsciente do consciente [...] Eu colocaria a situação inversa; digo que a coisa que vem primeiro é evidentemente o inconsciente [...] No início da infância somos inconscientes; as mais importantes funções de nossa natureza instintiva são inconscientes e a consciência é, pelo contrário, um produto do inconsciente. (ROBERTSON, 1992, p. 50).

Assim como da alma universal vem a energia que a todos os corpos anima e que sem ela não há vida, assim também do inconsciente provém o consciente. E, da mesma forma que do consciente provêm conteúdos com os quais o homem se relaciona com o mundo, do inconsciente também advêm conteúdos que o homem usa para se relacionar com o mundo interior. O primeiro desses conteúdos é a sombra, e a dualidade luz-sombra aqui é muito importante.

Portanto, usaremos a expressão *Alma Absoluta*, para designar a Alma Universal ou Deus, ou, em outras palavras, a Divina Essência e Consciência de Deus presente em todo o espaço e da qual, parte se manifesta em cada corpo humano. [...] Ao pensarmos na Alma Absoluta projetando uma parte de si mesma para baixo, para o corpo de cada ser humano, devemos dar alguma consideração à relação da alma com o Ego, ou a personalidade de cada ser humano. (LEWIS, 2005, p. 124).

3.1. O NASCIMENTO DA SOMBRA – O PRIMEIRO PASSO PARA A REINTEGRAÇÃO E/OU INDIVIDUAÇÃO

Não há progresso sem contrários. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio, são necessários para a existência humana.
Desses contrários nasce o que os religiosos chamam de Bem e Mal. O bem é o passivo que obedece a Razão. O mal é o ativo que nasce da Energia.
Bem é Céu. Mal é Inferno. (BLAKE, 1994, p. 196)²³

Para Jung assim como para Freud no inconsciente estão depositados todos os sentimentos, experiências e traços de personalidade que foram reprimidos. Contudo, Jung vai afirmar que esses elementos reprimidos podem tomar forma. Robertson (1992, p. 52) demonstra como os elementos depositados no inconsciente pessoal não estão jogados de forma irregular, mas organizados cuidadosamente e que podem ser acessados ou “ativados” por qualquer um. A essa ativação Robertson (1992, p. 45), citando Konrad Lorenz (1972), deu o nome de *imprinting*. Ao serem acessadas, ativadas ou *imprinted*, esses elementos assumem forma. Em outras palavras, esses elementos se cristalizam e conforme são acessados podem ser tornar um arquétipo.

Assim, “a sombra é o arquétipo que personifica todos os traços *pessoais* que foram ignorados ou negados, em geral representados por uma figura do mesmo sexo que o sonhador”

²³ Without Contraries is no progression. Attraction and Repulsion, Reason and Energy, Love and Hate, are necessary to Human existence.
From these contraries spring what the religious call Good and Evil. Good is the passive that obeys Reason. Evil is the active springing from Energy.
Good is Heaven. Evil is Hell. (BLAKE, 1994, p. 196).

(ROBERTSON, 1992, p. 49). A sombra, como na analogia da luz, é uma representação desta, isto é, uma imagem escurecida. Ela é composta por traços e características que foram ignorados e reprimidos, e que se cristalizaram em uma personalidade. Talvez como um mecanismo de defesa e para se adequar ao mundo exterior e ser aceito por ele, o ego ignora, reprime e lança ao inconsciente todos os traços que julga não serem dignos da luz, isto é, de aparecerem. É como uma dona de casa que lança a poeira para debaixo do tapete, ou ainda aquele que esconde esqueletos no armário. Embora não possa vê-los, eles estão lá.

Ao mesmo tempo em que o ego lança esses traços ao escurecimento, ele projeta para o mundo exterior sua persona. Contudo, enquanto a persona é uma fabricação do ego para se relacionar com o mundo exterior, a sombra é composta por elementos pertencentes a ele e é, portanto, ele mesmo. Entretanto, quanto mais luz o ego joga na persona, ignorando assim sua sombra, tanto maior cresce sua sombra até que não seja mais possível escondê-la. Acontece, então, o que só pode ser descrito como uma explosão. A sombra toma conta do consciente e o homem se torna tudo aquilo que desprezou na vida.

Mas, afirma Robertson (1992, p. 119), a sombra pode representar uma oportunidade de crescimento. O confronto com a sombra é a forma que a psique usa para demonstrar essa oportunidade.

A integração da Sombra exige um alto nível de coragem e honestidade, mas esse é apenas o primeiro passo rumo ao crescimento psicológico e espiritual. A aceitação da Sombra como parte da nossa personalidade requer que redefinamos quem somos e em que acreditamos. Temos de reconhecer que, de fato, temos necessidades e desejos que antes considerávamos sem valor ou imorais. A nova autodefinição nos força a encarar inevitavelmente um novo conjunto de escolhas morais. Antes de aceitar a Sombra, muitas atitudes seriam impensáveis porque “simplesmente não somos essa espécie de gente”. Agora nossos horizontes estão mais amplos e percebendo que as situações que até então eram pretas ou brancas para nós aparecem a partir de agora em nuances de cinza. (ROBERTSON, 1992, p. 132).

O confronto com a sombra representa uma evolução no processo de individuação no que tange ao autoconhecimento. A aceitação e integração dos traços que outrora foram julgados como negativos é importante para se atingir a integralidade do ser. Integralidade, pois a integração da sombra é o primeiro passo para um retorno à origem, ou seja, à forma original do homem. Cada religião e filosofia tem sua maneira de expressar a separação ou queda e conseqüente fragmentação do homem. Assim, a tradição judaico-cristã demonstra como no Jardim do Éden o homem era completo, mas que, após a queda, ou seja, o “pecado original”, este se fragmentou. Pode-se afirmar de certa forma que aquilo que foi relatado a partir dos acontecimentos no *Livro do Gênesis* até o *Apocalipse* é uma interpretação do processo de individuação e que será explicado a seguir.

O “pecado original,” assim como fora descrito no Livro de Gênesis, fala da desobediência de Eva e, consecutivamente, de Adão ao desígnio da divindade, YAWE, ou Javé, que ordenara que não comessem do fruto de uma árvore em particular. Naquele tempo, conhecido como Tradição Primordial, ou seja, o tempo antes do tempo de Pasqually (2007, p. 71), existiam duas árvores muito especiais no Jardim do Éden: a primeira árvore era a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal e a segunda, a Árvore da Vida. O mandamento divino era que, de tudo quanto houvesse no jardim, Adão e Eva poderiam fazer uso para seu sustento. Contudo, do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal eles estavam proibidos de consumir, pois certamente morreriam.

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no Jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerá livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia que dela comeres, certamente morrerás. (Gn 2,15-17).

Presume-se, com isso, que o casal primordial era, então, eterno e por isso mandamento algum havia que o proibisse de consumir do fruto da Árvore da Vida. Eis que Satã, em forma de serpente, tenta a Eva dizendo que YAWE os havia enganado e que de forma alguma morreriam se comessem do fruto, mas que se tornariam como ele, isto é, conhecedores do bem e do mal (Gn 3,4-5). Ora, o senso comum acredita que neste mundo os animais desconhecem distinção entre o bem e o mal e agem apenas por instinto. Para Robertson (1992, p. 30) é difícil conceber qualquer animal não humano como ser consciente. É, portanto, justamente a capacidade de distinção entre o bem e o mal que faz do homem um ser humano. Desta forma, o engano de Satã na verdade pode representar um progresso, pois Adão e Eva, subjugando seu instinto animal, tornam-se serem humanos.

Jung enfatiza essas duas facetas da consciência. Primeiro, discriminação. Esta é a capacidade de distinguir ego de não-ego, sujeito de objeto, positivo de negativo e assim por diante. Pois é impossível falar de juntar posições opostas sem primeiro tê-las distinguido como opostas. Sem a consciência-ego não haveria tal discriminação e, assim, na visão de Jung, nada além de cego instinto. (SAMUELS, 2015, p. 47)²⁴.

Ademais, John Milton vai trabalhar em *Paraíso Perdido* um conceito que demonstra o descrito acima, isto é, o conceito de *felix culpa*, ou feliz culpa. Por todo *Paraíso Perdido* pode-se perceber que pelas ações de Satã advém algo de bom embora não seja este o intuito dele.

Querubim caído, ser fraco é infeliz
Ação ou privação. Mas certe sê,

²⁴ Jung stresses these two facets of consciousness. First, discrimination. This is the capacity to distinguish ego from non-ego, subject from object, positive from negative and so on. For it is impossible to talk of bringing opposite positions together without first having distinguished them as opposites in the first place. Without ego-consciousness there would be no such discrimination and, therefore, in Jung’s view, nothing but blind instinctuality. (SAMUELS, 2015, p. 47).

O bem jamais será nossa tarefa,
 Mas o mal nosso único prazer, [160]
 Como o oposto da altíssima vontade
 Que combatemos. Se então a presciência
 Propuser outro bem do nosso mal,
 Deve ser mister nosso perverte-lo,
 E do bem achar meios para o mal, [165]
 O que sucede amiúde, e assim talvez
 O moleste, salvo erro, e desoriente
 Seus íntimos conselhos do alvo quisto. (MILTON, 2016, p. 45).

Assim, a partir de sua rebelião adveio toda a criação e a partir da tentação de Eva adveio todo o plano de salvação que culminaria com a apoteose ou a exaltação máxima do Filho – o Cristo. Vale ressaltar que o bem que advém dos desígnios de Satã não é obra dele, mas sim mecanismo da divindade que tudo viu, vê e transforma. Assim é que no livro 7 de “Paraíso Perdido” todo o propósito da rebelião de Lúcifer, a criação, e a “queda” é para a glorificação do Filho.

Quem te acanha, potente rei, ou estreita
 Teu império? O ensejo vão de espíritos
 Apóstatas e os seus conselhos vão [610]
 Repeliste, enquanto eles impiamente
 Pensavam destrair-te, e subtrair-te
 Os teus adoradores. Quem procura
 Enfraquecer-te contra si mais serve
 Na manifestação de teu poder: [615]
 Usas-lhe o mal p'ra bem maior criares. (MILTON, 2016, p. 529).

Robin Robertson (1992, p. 26) vai afirmar, ainda, que o engano da serpente no relato bíblico representa um novo nível de consciência que Adão e Eva atingem – o nível reptiliano de consciência – e que é caracterizado pela vergonha que sentem após comerem do fruto proibido. Jung corrobora o relato bíblico ao afirmar que o caminho para maiores níveis de consciência é seguido por um “sentimento de culpa prometeica”. Da mesma forma, o confronto com a sombra e sua integração marca uma evolução, o primeiro passo tomado rumo à individuação.

A falecida Ordem Hermética da Golden Dawn, ou Aurora Dourada, doravante chamada simplesmente de Golden Dawn, foi uma das mais eminentes ordens esotéricas na virada do século XIX para o século XX. Fundada por William Wynn Westcott, em 1888, e mais dois colaboradores, William Robert Woodnam e Samuel Liddell MacGregor Mathes, todos maçons e que, almejando se aprofundar no estudo da Cabala, braço místico judaico, chegam a uma interpretação muito interessante do mito bíblico da queda e que será apresentada a seguir.

Israel Regardie (1907-1985), britânico, foi iniciado na Golden Dawn, em 1934, no Templo da Stella Matutina, em Londres. Escreveu diversos livros, entre eles, *The Golden Dawn*,

em 1945, para manter vivos os ensinamentos da já falecida ordem. Explica Regardie (2008) que no sistema de ensino da Golden Dawn, Eva e Adão são análogos à divindade e vivem em harmonia em um local intermediário entre a imensidade divina e o “reino dos Cascões”, dos seres com casca, isto é, corpos. O ritual do quarto grau²⁵ da Golden Dawn, Practicus, em um sistema de sete graus, descreve assim o período antes da queda ou do pecado original:

No topo estão as TRÊS SEPHIROTH SUPERNAS reunidas em UMA - AIMA ELOHIM, a Mãe Suprema – A Mulher do Apocalipse (Cap.12) vestida com o SOL, a LUA sob os seus pés e a Coroa de Doze Estrelas sobre sua cabeça.

Está escrito: Assim, o Nome JEOVÁ é unido ao Nome ELOHIM, pois JEOVÁ plantou um Jardim ao Leste, no Éden.

Das Três Supernas, seguem os outras Sephiroth da ÁRVORE DA VIDA. Embaixo da ÁRVORE, procedendo de MALKUTH, está A ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL, que se encontra entre a Árvore da Vida e o Mundo de Assiah ou dos Cascões, na figura do enrolado Dragão de Sete Cabeças e Dez Chifres – representando os Sete Palácios Infernais e as Dez Sephiroth Adversas.

O Rio NAHER flui do Éden Supremo e em DAATH divide-se em Quatro Cabeças:

PISON: Fogo – fluindo para BEBURAH, onde há ouro.

GIHON: Água – as Águas de Misericórdia, fluindo para CHESED.

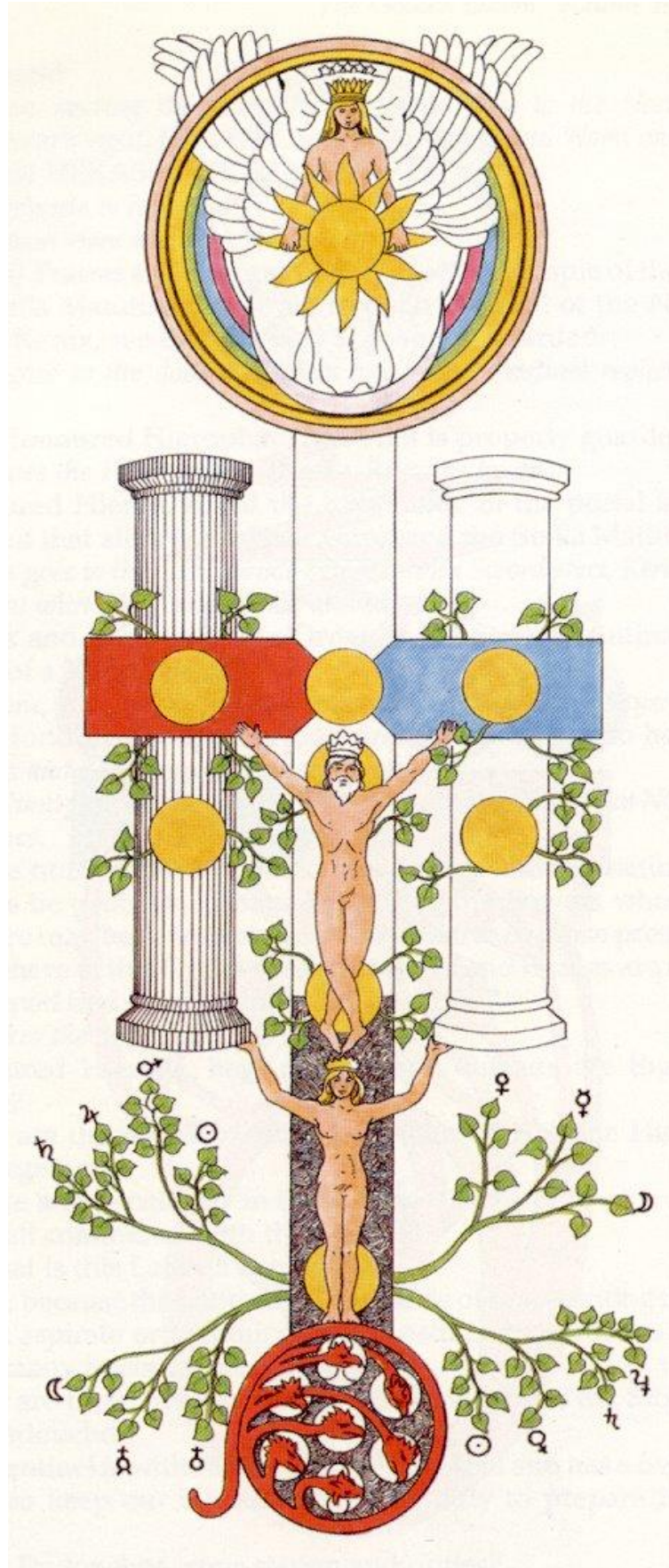
HIDDIKEL: Ar – fluindo para TIPHARETH.

PHRATH (Eufrates): Terra – fluindo para Malkuth.

Está escrito: Em DAATH rompem-se as profundezas e as Nuvens derramam orvalho. (REGARDIE, 2008, p. 90-91) (Figura 8).

Figura 8 – O Jardim do Éden Antes da Queda

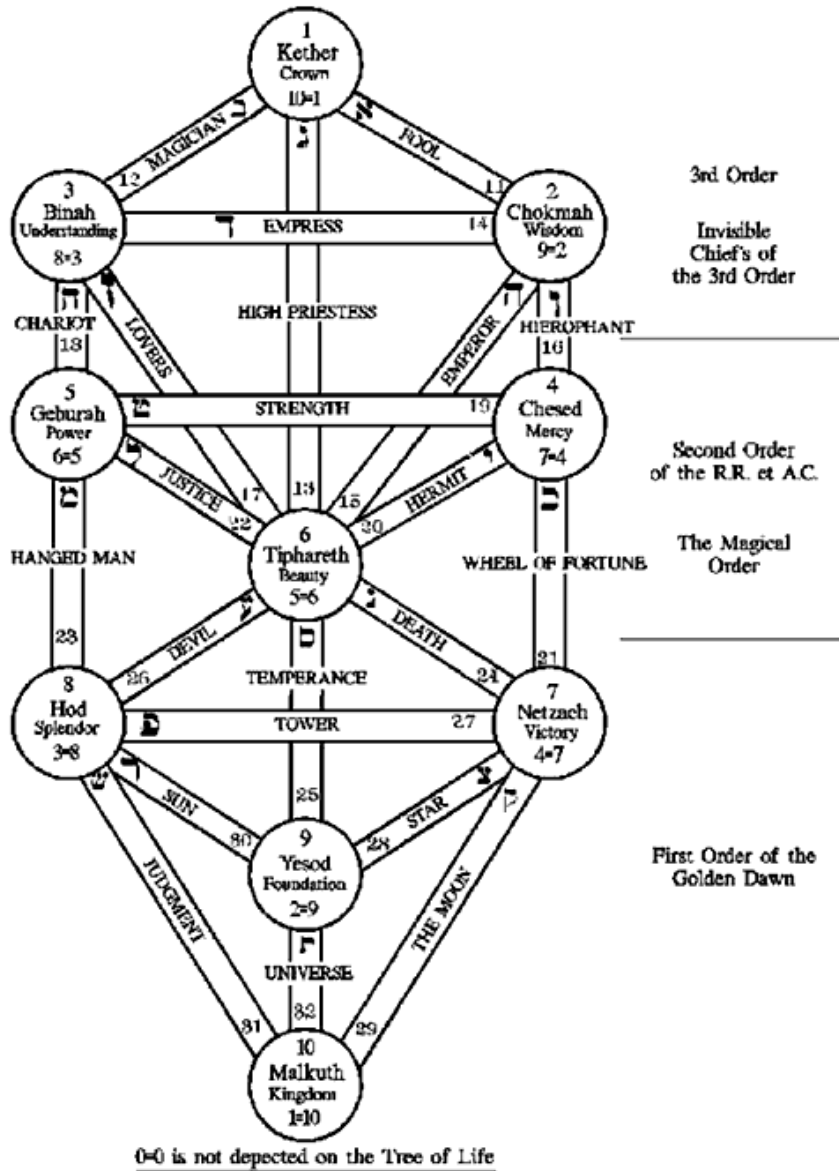
²⁵ As ordens esotéricas e sociedades secretas, ou discretas, dividem seus estudos em graus para marcar o progresso de seus membros. A Ordem Hermética da Golden Dawn funcionava em um sistema de 12 graus e 3 ordens. A primeira ordem se compunha de 6 graus, a saber: Neófito, Zelator, Theoricus, Practicus, Philosophus e um grau intermediário entre a primeira e segunda ordem denominado de Portal. Já a segunda ordem: Adeptus Minor, Adeptus Major, Adeptus Exemptus. Por sua vez, a terceira ordem era formada pelos graus de Magister Templi, Magus, Ipsissimus.



Fonte: Regardie (2008)

Percebe-se que o ensinamento do ritual do quarto grau da Golden Dawn era muito simbólico tomando emprestado imagens das tradições judaica e cristã, com o intuito de demonstrar a harmonia do sistema antes da queda e o papel do homem na criação. A dita instrução descreve um momento antes do tempo e traz a descrição de como Adão fora colocado sobre a Árvore da Vida e que os pilares desta eram sustentados por Eva (Figura 8). Cabe esclarecer que os rituais da Ordem Hermética da Golden Dawn tomam emprestado da Cabala, braço místico do judaísmo, a imagem ou representação da Árvore da Vida (Figura 9) formada por 10 círculos denominados Sephiroth e que na figura que serve como instrução para o grau aparecem como círculos amarelos.

Figura 9 – A Árvore da Vida



Entretanto, podem ser vistos apenas 8 círculos amarelos no quadro de instrução da Golden Dawn (Figura 8). Para aumentar a confusão, o ritual diz ainda que três sephira estão reunidas em uma no topo da figura formando um total de 11 sephiroth. Embora pareça um erro, na verdade não o é. Na figura da árvore da vida original da Cabala a sephira Daath, que se encontra acima da cabeça de Adão e de onde se dividem os quatro rios, é uma sephira oculta e não aparece nas imagens da Árvore da Vida (Figura 9). Adão encontra-se posicionado, como que crucificado, sobre os quatro rios, os mesmos rios que aparecem no relato bíblico a respeito do Jardim do Éden e a Árvore da Vida de onde deve governar todos os seres, a terra e o próprio universo.

E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pison; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro [...] O segundo rio chama-se Gion; é o que circunda a terra de Cuxe. O nome do terceiro é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates. (Gn 2,10-14).

Eva, por sua vez, mantém sobre suas mãos os dois pilares que sustentam a Árvore da Vida e, conseqüentemente, todo o sistema. Seus pés estão em Malkuth, a décima sephira, e sob seus pés o reino dos cascões que é assolado pelo grande Dragão vermelho de sete cabeças e onde foram aprisionados os espíritos prevaricadores (PASQUALLY, 2007, p. 74). A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal nasce de Malkuth e seus galhos se projetam com seus frutos tanto para cima quanto para baixo.

O relato bíblico bem como as interpretações feitas por Martines de Pasqually (2007) e o ritual do quarto grau da Golden Dawn demonstram a condição de plenitude e harmonia do homem e de todo o sistema da criação. Cabe ressaltar que embora o Golden Dawn faça distinção entre homem e mulher, isto é, Adão e Eva, eles, nesse momento antes do tempo, são um só. O pecado original, prevaricação ou queda ainda não ocorreu. Nesse sentido, Adão aqui é Adão Cadmon (PAPUS, 1973, p. 61), isto é, homem e mulher, ativo e passivo em um só. Entretanto, essa harmonia tem um fim.

Para Martines de Pasqually a queda se dá a partir do abandono de Adão em praticar a ciência divina, teurgia, e sua utilização da ciência demoníaca, goetia. Entretanto, a Bíblia, no Livro do Gênesis, capítulo 3, versículos 1 a 24, descreve a queda do homem mais simbolicamente e até romantizada. Conta o capítulo que tendo a serpente aguçado a curiosidade de Eva quanto ao fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, pois, contrário ao que havia dito a ela o Criador, eles não morreriam se comessem, mas sim se tornariam como ele, ela toma, come do fruto e o dá a seu marido. Imediatamente seus olhos se abriram e perceberam que estavam nus. As duas versões não são tão distintas assim se se tem em consideração que as

imagens bíblicas são simbólicas. Assim, a *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal* pode ser interpretada como a ciência do bem, teurgia, e do mal, goetia. O fruto, ou seja, o resultado da operação a consequente queda, fragmentação e prisão do homem.

O ritual do quinto grau, *Philosophus*, da *Golden Dawn* demonstra os eventos da queda mais simbolicamente continuando a fazer uso de imagens das tradições judaica e cristã (Figura 10).

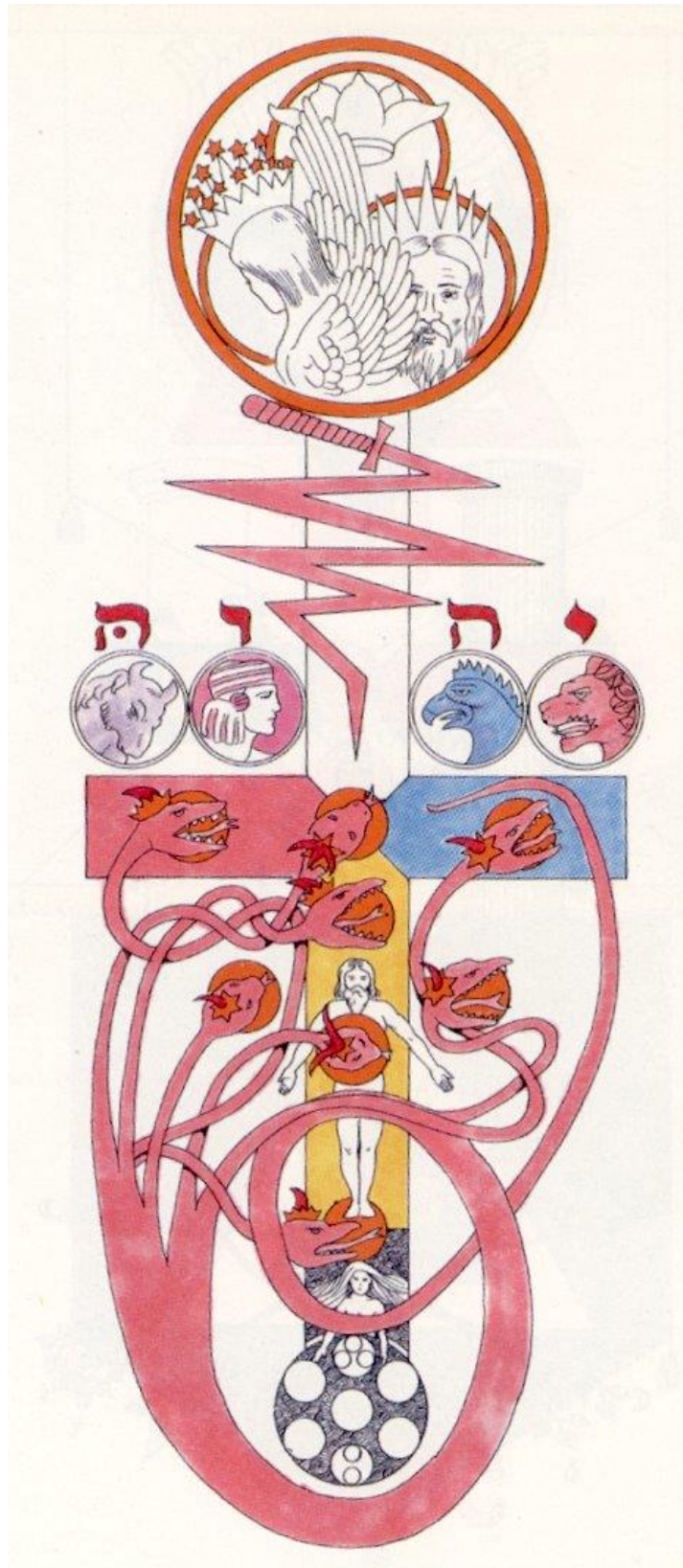
Grande Deusa Eva, tentada pelos frutos da *ÁRVORE DO CONHECIMENTO*, cujo os ramos tende para cima, para as sete Sefiroth inferiores, mas também para baixo, para o Reino dos Cascões, inclinou-se para eles e deixou os dois pilares sem suporte. E assim, a *Árvore Sefirótica* caiu, rompendo-se. Eva caiu e com ela o grande ADÃO. E o Grande Dragão Vermelho ergueu-se com as suas sete cabeças e dez chifres, e o ÉDEN ficou desolado – e as dobras do Dragão envolveram MALKUTH e o ligaram ao Reino dos Cascões.

E as cabeças do Dragão ascenderam até as sete Sefiroth inferiores e até DAATH, aos pés de Aima Elohim.

E os quatro Rios do Éden foram profanados e a Boca do Dragão regurgitou as Águas Infernais em DAATH – e este é LEVIATÃ, a Serpente malévola e astuta.

Mas TETRAGRAMATON ELOHIM colocou as quatro Letras YHVH do NOME e a Espada Chamejante das Dez Sefiroth entre o Jardim devastado e o Éden supremo, para que este não fosse envolvido com a Queda de ADÃO. (REGARDIE, 2008, p. 93-94) (Figura 10).

Figura 10 – O Jardim do Éden Depois da Queda



Fonte: Regardie (2008)

Segundo o ritual da Golden Dawn, a queda se dá quando Eva sucumbe à tentação da serpente e por curiosidade foca sua atenção no fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal deixando de sustentar os pilares e, com isso, todo o sistema entra em colapso. John Milton também faz uso dessa curiosidade de Eva para demonstrar como Satã atraiu a atenção dela, no livro 9 de “Paraíso Perdido”:

Adulou-a assim ele em tom de exórdio
 E rumo ao coração de Eva abriu estrada [550]
 Embora a voz bastante lhe admirasse.
 Por fim respondeu ela não sem espanto.
 Que é isto? Linguagem de homem dita
 Em língua bruta, senso humano expresso? (MILTON, 2016, p. 625-627)

Tendo obtido sucesso em atrair a atenção de Eva, Satã apela para sua vaidade exaltando Eva acima de Adão, dos anjos e até de Deus. Eva cai na armadilha de Satã dizendo: “Serpente, teu enfático louvor / Põe em causa a virtude ao desfrutado. / Mas diz, onde é a árvore, quão longe?” (MILTON, 2016, p. 631).

Satã guia Eva até a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal e ela, quando vê que se trata da árvore proibida, se recolhe, mas Satã, apelando agora para ambição, convence Eva a comer do fruto dizendo:

Ó sacra, sabia planta que esclareces,
 Mãe da ciência, já sinto o teu poder [680]
 Com clareza, não só p’ra julgar coisas
 Nas suas causas, mas p’ra traçar modos
 De mais altos agentes, cridos sábios.
 Rainha do universo, crer não queiras
 Em ameaços de fim; não morrerás. [685]
 De quê, como? P’lo fruto? Dá-te vida
 Ao saber. P’lo que ameaça? Pois contempla
 Quem tocou e provou, contudo vive,
 E vida mais perfeita do que quis
 A sorte, por tentar quinhão mais alto. [690]
 Vedar-se-á isso ao homem, o que à besta
 Se abriu? Ou há-de arder em ira Deus
 Por tão miúdo trespassse, e não louvar-te
 Antes a audaz virtude, a qual a dor
 De uma morte, o que quer que a morte seja, [695]
 Não impediu de achar o que levasse
 A vida mais feliz, saber de bem
 E mal. Se bem, quão justo? Se mal, se é
 Que mal há, por que não vê-lo, p’ra evita-lo?
 Não pode ferir-vos justo Deus; não justo, [700]
 Não Deus; donde nem medo, nem acato.
 Teu medo de morrer remove o medo.
 Proibido por quê? Bem, p’ra receios,
 P’ra servis e ignorantes vos levar
 À adoração; pois sabe que no dia [705]
 Que comerdes, os olhos que achas claros,
 E tão turvos são, se hão-de abrir perfeitos
 E limpos, e quais deuses vós sereis
 Sabendo o bem e o mal tão bem quanto eles.

E serdes vós quais deuses, como eu homem [710]
Internamente, é lei de proporções;
De bruto homem eu, vós de humanos deuses.
E acaso morrereis sim, ao despirdes
O humano, p'ra vestirdes o deus, morte
Desejável, se ameaça apenas nisto. [715]
E o que são deuses que homens não se tornem
Como eles, partilhando o seu repasto?
Precedem-nos os deuses, e a vantagem
É a crença, de que tudo deles desce.
Duvido, que esta bela terra vejo [720]
Batida p'lo sol, tudo o que há gerando,
E eles nada; se tudo, quem fechou
O conhecer o bem e o mal nesta árvore,
Que logo leva à ciência sem licença
Quem quer que dela coma? E onde está [725]
Ofensa, de saberes assim o homem?
Qual mal fará saberes, lega a árvore
Governo a contragosto do autocrata?
Ou é só ciúme, e pode habitar ciúme
Peitos celestes? Estas, estas, e outras [730]
Razões provam-te a falta deste fruto.
Colhe-o, pois, deus humana, livre prova-o. (MILTON, 2016, p. 635-637).

Eva, cedendo a seus mais obscuros desejos, toma do fruto da árvore proibida e come. No quadro de instrução da Golden Dawn (Figura 10) a Árvore da Vida cai em direção ao reino dos Cascões levando consigo primeiro Eva e depois Adão. Leviatã é liberto e ataca a Árvore da Vida até Daath onde o Tetragramaton Elohim, posicionado o tetragrama YHVH e a espada famígera no limiar entre o jardim devastado e o jardim supremo, protege Aima Elohim e as três primeiras sephira (Figura 9).

“Sentiu o chão a ferida, e a natura / Do trono suspirando gemeu toda, / Que tudo se perdera.” (MILTON, 2016, p. 641). Desse momento em diante haverá um confronto eterno entre o homem e Leviatã. “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gn 3,15).

Eva, mesmo no paraíso, tem sentimentos e desejos obscuros, como a ambição de ser como Deus e talvez superior a ele, a vaidade que a cega para os mais simples enganamentos, e a curiosidade que a guia em seus desejos perversos. Ignorar a sombra por muito tempo pode ter consequências terríveis, isto é, o perigo em se tornar tudo aquilo que mais se abomina. Entretanto, a sombra é fonte de uma energia vivificadora que pode transformar a vida do homem se integrada adequadamente à personalidade. Integrar a sombra pode levar o homem a um mais alto nível de consciência. Sim, Satã mentiu. Ao comer do fruto da árvore proibida, o homem certamente morrerá, mas esse erro representou um desenvolvimento de consciência com a percepção do Bem e do Mal, a *felix culpa*.

Faz-se necessário, então, restabelecer o equilíbrio, retornar a forma original, ou ainda, o que Martinez de Pasqually (2007) chamou de reintegração. O processo de individualização é esse retorno e começa com a reintegração da sombra.

O caminho para a integração da sombra é o caminho do perdão e do autoconhecimento. É entender, como afirma Robertson (1992, p. 49), que o homem tem desejos e necessidades que, embora não concorde, são, não obstante, parte importante de si haja vista todos os sentimentos e desejos de si mesma, os quais Eva desconhecia. Essa aceitação abrirá caminho para o nível de consciência mais profundo e até uma nova forma de encarar os problemas cotidianos da vida.

3.2. ANIMA/ANIMUS – OS GUARDIÕES DO UMBRAL

Numa palavra: a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isso é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio das experiências e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou “imagens arquetípicas”. Esse é o processo conhecido na filosofia hindu e budista como *viveka*, “discriminação” [entre o verdadeiro e o falso] (CAMPBELL, 2007, p. 27).

O segundo passo à individuação e também à reintegração é caracterizado por um confronto com um arquétipo que Jung denominou de anima e animus. Robertson (1992, p. 49) afirma que o propósito de anima e animus é conectar o homem ao inconsciente coletivo. Nesse sentido, assim como a sombra é a guardiã do limiar do inconsciente pessoal, anima/animus guardam as chaves do inconsciente coletivo. Samuels (2005, p. 26), por sua vez, vai afirmar que para Jung, os arquétipos anima e animus representam a natureza psicológica feminina e masculina no homem, e corrobora a teoria que eles detêm o acesso ao inconsciente coletivo.

Essas duas figuras crepusculares do fundo obscuro da psique, a anima e o animus (verdadeiros e semigrotescos “guardiões do umbral”, para usar o pomposo vocábulo teosófico), podem assumir numerosos aspectos, que encheriam volumes inteiros. (JUNG, 2018, p. 101).

No quadro de instrução da Ordem Hermética da Golden Dawn, no Jardim do Éden depois da queda (Figura 10), percebe-se como Eva foi mais profunda em sua queda do que Adão. Em seu processo de reintegração, Adão deve se reconciliar com Eva, pois é ela que a priori sustentava todo o sistema da criação. No Livro de Gênesis, capítulo 3, versículo 12, vê-se como Adão se voltou contra Eva quando, após ambos comerem do fruto, Deus os procura e pergunta porque se escondiam. “Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela

me deu da árvore e eu comi.” (Gn 3,12). Essa rejeição e acusação à mulher está no cerne do conflito entre o homem e sua alma.

O homem [...] precisa abrir mão de sua presunção de ser deus, querendo assumir um poder antinatural sobre a natureza e sobre o destino do mundo inteiro. Seu Logos o leva a querer reter o poder a qualquer preço, no que o impede de ser aquele que possa dispor dessa força. (JOHNSON, 1987b, p. 71).

Analogamente, para Jung (2018, p. 79) não existe homem tão viril que não mantém dentro de si uma mulher, representação daquilo que é feminino e delicado. No universo masculino, entretanto, esse lado feminino é sumariamente reprimido, ocultado e visto até como algo negativo ou um defeito causador de todo tipo de problemas e conflitos. Mas, continua Jung (2018, p. 80): “[...] todo o ser do homem, corporal e espiritualmente, já pressupõe o da mulher. Seu sistema está orientado a priori para ela [...]”. E, assim como acontece com a sombra, a repressão de alma causa um acúmulo de sua energia no inconsciente.

Com efeito, a repressão da alma advém do exterior, isto é, da persona ou da máscara que o homem projeta e com a qual interage com o mundo. Há, então, o que Jung (2018, p. 83) chama de uma relação compensatória em que o homem projeta uma imagem contrária daquilo que retrai em si. Ou seja, o homem que mostra para a sociedade uma imagem de força e virilidade e que se identifica com essa imagem é, em casa em sua privacidade, uma “criança efeminada” (JUNG, 2018, p. 84-85).

Essa relação de compensação vai aparecer no relato bíblico da criação. O texto bíblico do Gênesis conta que no sexto dia da criação Deus propõe-se a fazer o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1,26). “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gn 1,27). Contudo, no capítulo 2, a partir do versículo 18, relata-se a formação da mulher a partir da costela de Adão. Segundo Harold Bloom em sua introdução a “Paraíso Perdido”, de John Milton, para os cabalistas as mulheres do capítulo 1 e 2 são distintas. A primeira mulher, a do capítulo 1, é Lilith, e a segunda, a do capítulo 2, Eva.

[...] Com efeito, Eva receia ser substituída por uma segunda mulher, e os cabalistas especulam que ela própria já seria a segunda esposa de Adão, depois que este e Lilith, a primeira mulher, romperam, por discordarem a respeito da posição física adequada ao ato sexual. (MILTON, 2016, p. 16).

Rav Michael Laitman, em seu livro “O Zohar”, vai discorrer a respeito dessa relação entre Adão e Lilith bem como o que sucedeu com ela após ter sido rechaçada por Adão, pois mais do que uma simples posição para o ato sexual, o que Lilith propunha era assumir a posição

de ativa e Adão a de passivo; Lilith passa a vagar, então, pelo mundo, tentando os homens à luxúria e matando bebês no berço.

Contudo, quando o outro (impuro) lado viu que o que tinha planejado fazer já estava feito pelo lado sagrado, ele começou a verificar suas próprias forças e propriedades, e viu todos esses que executam um Zivug nus e à luz de vela. Desta forma, todos os filhos nascidos desse Zivug estão escravizados pelo espírito do outro lado. E esses espíritos nus dos malvados são chamados “prejudicadores,” e eles são governados e mortos por Lilith. (LAITMAN, 2012, p. 538).

Após a saída de Lilith, Deus, vendo que não é bom que o homem esteja só, faz com que sobre Adão recaia um sono profundo, retira dele uma de suas costelas e dela forma Eva (Gn 2,18-23).

Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. [...] Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos E carne da minha carne; Chamar-se-á varoa Porquanto do varão foi tomada. (Gn 2,18-23).

Entender a natureza de Lilith e Eva é entender o que Jung está tentando explicar quanto à relação entre persona e anima. Adão, identificando-se sobremaneira com sua persona dominadora, reprime Lilith, seu aspecto anímico, pois almejava dominá-lo, estar por cima. Eva, por sua vez, é totalmente submissa a Adão como se pode ver, mais uma vez, em “O Paraíso Perdido”. Nele, enquanto o anjo Rafael e Adão estão conversando sobre os mistérios da criação, Eva não participa da conversa, mas fica um pouco afastada escutando e depois se retira.

Falou, e no semblante aparentava
Esforçar-se em abstrações abstrusas, e Eva, [40]
Notando-o, de onde à parte se sentara,
Com esplendor manso o seu lugar, e graça
Que a quem a visse impunha que ficasse,
Deixou, e entrou por entre flores e frutos,
P’ra ver como botão e flor cresciam, [45]
Seus mimos; já brotavam mal chagava
E ledos nos seus dedos mais cresciam. (MILTON, 2016, p. 537).

Se a imagem projetada da persona é analogamente inversa à anima, a persona de Adão, sendo forte, dominadora e viril, não se relacionaria com a natureza de Lilith, também forte e dominadora. É necessário então que outra natureza mais submissa componha a relação persona-anima de Adão. O conjunto Adão e Lilith produziria, talvez, um resultado diferente do conjunto Adão e Eva como é apresentado no relato bíblico. Exemplificando, Lilith, sendo forte e

assertiva, forçaria Adão a projetar uma persona mais sensível e menos dominadora. Assim é que Adão e Lilith representam, em Jung, o conjunto introvertido e extrovertido, e Adão e Eva seu inverso, isto é, extrovertido e introvertido.

Cabe esclarecer que em nenhum dos dois casos propostos acima, isto é, Adão e Lilith, e Adão e Eva, é possível encontrar o verdadeiro Adão, mas imagens de relações de imposição de cima para baixo e de baixo para cima, seja a persona extrovertida reprimindo a anima introvertida ou a anima extrovertida se impondo sobre a persona introvertida. Jung (2018, p. 85) alerta sobre a importância de compreender a distinção entre persona e anima para o sucesso do processo de individuação. Para ele “é igualmente necessário que conscientize seu invisível sistema de relações com o inconsciente, ou seja, com anima, a fim de poder-se diferenciar-se dela.”

Anima e Animus como guardiões do limiar entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo servem, então, um propósito diferente do da sombra. A sombra deve ser integrada à consciência, anima/animus devem se tornar uma função regulatória autônoma como expressa Jung a seguir.

No entanto, a tentativa de explicação com eles deverá trazer à luz seus conteúdos; só quando esta tarefa for cumprida, isto é, só quando a consciência familiarizar-se suficientemente com os processos inconscientes refletidos na anima, esta última será percebida como um simples função. (JUNG, 2017, p. 101).

Assim é que no quadro de instrução da Golden Dawn, o Jardim do Éden antes da queda (Figura 8), Eva tem a função de sustentar a Árvore da Vida e, conseqüentemente, todo o sistema que se encontra no limiar entre a imensidade supra celeste e a imensidade celeste. É apenas quando ela deixa de sustentar os pilares, isto é, realizar sua função, que todo o sistema entra em colapso e cai até a imensidade terrestre, como pode ser visto no quadro de instrução do Jardim do Éden depois da queda (Figura 10).

A meta, então, nesta etapa da reintegração é que o equilíbrio seja restabelecido, isto é, que Eva volte a sustentar os pilares da Árvore da Vida. Analogamente, a meta, nesta etapa da individuação, é “a conquista da *anima* como complexo autônomo e sua metamorfose numa função de relação entre o consciente e o inconsciente.” (JUNG, 2018, p. 118).

Atingida esta meta, torna-se possível desembaraçar o *eu* de todas as suas complicações com a coletividade e com o inconsciente coletivo. Mediante tal processo, a *anima* perde o poder demoníaco que caracteriza o complexo autônomo, isto é, perde seu poder de possessão, uma vez que foi despotenciada. Não é mais a guardiã do tesouro desconhecido, nem Kundry, a mensageira demoníaca do Graal, de natureza meio divina e meio animal; também não é mais a “alma grande-dama”, transformando-se numa função psicológica de caráter intuitivo, acerca da qual se poderia dizer como os primitivos: “Ela foi à floresta falar com os espíritos”, ou “Minha serpente me falou”,

ou, na linguagem mitológica da infância: “o dedo mindinho me contou”. (JUNG, 2018, p. 118).

3.3. TRANSCENDÊNCIA – VIDA E MORTE

PENSAR no tempo ... pensar retrospectivamente,
Pensar no hoje ... e nas eras e eras que estão por vir.

Teve a impressão que não seguiria em frente? Já teve medo daqueles escaravinhos terrestres?
Teve medo do futuro não ser nada pra você?

Será que o hoje é nada? Será nada o passado sem origem?
Se o futuro não é nada, eles podem ser nada também.

Pensar que o sol se ergueu no leste ... que homens e mulheres eram ágeis e reais e vivos ... que cada coisa era real e estava viva;
Pensar que você e eu não vemos sentimos pensamos nem fazemos nossa parte,
Pensar que agora e aqui estamos fazendo a nossa parte.

Nem um dia se passa ... nem um minuto ou segundo sem um parto;
Nem um dia se passa ... nem um minuto ou segundo sem um morto. (WHITMAN, 2005, p. 149).

Em sua teoria, Jung (2018, p. 119) explica como uma vez que o homem aceitou e integrou sua sombra, que anima desistindo de sua possessão do consciente, assume sua função regulatória daquilo que a impulsionava, isto é, seu poder ou, como denominou Jung, mana é possuído não pelo eu, mas por outro que surgindo do mais profundo do inconsciente coletivo almeja dominar o eu.

Esta é uma figura coletiva masculina, que emerge do fundo obscuro e toma posse da personalidade consciente. Tal perigo anímico tem uma natureza sutil, uma vez que pode aniquilar, através da inflação da consciência, aquilo que se ganhou do confronto com a *anima*. Por isso, é praticamente muito importante saber que, na hierarquia do inconsciente, a *anima* represente o nível mais baixo, sendo uma das figuras possíveis; sua subjugação constela outra figura coletiva que vai apoderar-se do mana. Na realidade é a figura do *mag* (chamo-o assim para simplificar), que atrai para si o mana, isto é o valor autônomo de *anima*. No entanto, só na medida em que identificarme inconscientemente com aquela figura, julgarei que sou, eu mesmo, o possuidor do mana de *anima*. É o que acontece infalivelmente nestas circunstâncias. (JUNG, 2018, p. 119).

O self ou personalidade-mana, aquele que possui a mana de anima tem uma relação com o ego na proporção da relação macrocosmo e microcosmo, isto é, o segundo é uma imagem, uma representação do primeiro. Samuels (2015, p. 46) explica, ademais, que o conceito de self surgiu para Jung quando este, percebendo que o ego era apenas o centro do consciente e, como complexo, era apenas um de inúmeros, e ainda sendo o inconsciente infinitamente maior que o consciente, fez-se necessário então a formulação da hipótese de que algo superior ao ego

operasse nos bastidores. Nesse sentido, a analogia comparativa da relação ego-self com macrocosmo e microcosmo não poderia ser mais oportuna, uma vez que foi precisamente por este raciocínio que os cabalistas, alquimistas, gnósticos, místicos religiosos chegaram à conclusão da existência de algo maior.

Continua Samuels (2015, p.46) afirmando que para Jung o self sempre existiu e que o ego, emergindo do self, tem o objetivo de se diferenciar dele. Percebe-se, então, um conflito entre ego e self. Uma batalha, em outras palavras, em que o primeiro desafia a supremacia e poder absoluto do segundo pelo controle da psique e este, em contrapartida, tenta impedir subjungando o primeiro. Há uma interdependência entre os dois e assim é que o ego agindo como uma força centrípeta é barrado pelo self agindo como uma forma centrífuga. O resultado deste conflito, a transmutação do ego, é evidente desde o princípio, pois o self é infinitamente superior. Mas, afirma Samuels (2015, p. 46-47), sem o estabelecimento do ego e sua transformação nenhuma experiência do self é possível.

Robertson (1992, p. 49) denomina o self como o arquétipo da transcendência e justamente esse pode ser o resultado do conflito entre ego e self. Já Jung fala de uma “função transcendente”. Samuels (2015, p. 47), discorrendo sobre a função transcendente, demonstra como o ego pode se encontrar no meio de um campo de batalha. Ele explica que se o foco do consciente de uma determinada pessoa for voltado para coisas sensuais, isto é, materialistas, seu oposto, a espiritualidade, emergindo do inconsciente, se projeta até o consciente e, com o primeiro, trava uma batalha. De um lado o materialismo e do outro a espiritualidade. No centro é formado um substrato, uma nova forma de consciência que combina os dois elementos. Contudo é o ego que, voltando-se para o material ou espiritual, ou ainda permanecendo no centro, dita o resultado desse conflito. Os resultados podem ser, então, dois, a saber: 1) o ego favorecendo um dos lados tem o novo elemento atacado e destruído; 2) o ego protegendo o novo elemento é fortalecido por ele e a transcendência acontece.

Analisando o processo de individuação até aqui percebe-se um padrão, isto é, a presença constante de um conflito entre opostos em diferentes níveis da psique. Seja no confronto com a sombra, ou anima e animus, ou com o self, a problemática se encontra na recusa do se enxergar a plenitude do ser e que, focando apenas em alguns elementos, se menospreza toda uma parte importante do ser. De acordo com Samuels (2015, p. 47), a função transcendente era para Jung uma forma de demonstrar como opostos, transcendendo sua influência, seja consciente ou inconsciente, podem trabalhar juntos para a criação de uma nova forma de consciência atrelada ao ego. Esclarece, ainda, que a função transcendente não fornece ao ego uma resposta

simplesmente combinando seus opostos, mas uma escolha que deve ser devidamente ponderada.

Assim é que Satã, em forma de serpente, oferece a Eva uma escolha, isto é, permanecer na ignorância dos instintos ou desenvolver uma consciência do ego capaz de distinguir o bem e o mal. Da mesma forma, a Adão é dado escolher entre Lilith e Eva, isto é, a dualidade ativo-passivo, ou ainda, extrovertido-introvertido com a qual se relacionaria com o mundo. A adoção pelo ego do novo elemento na função transcendente representa, por um lado, a evolução para uma nova forma de consciência ou um renascimento, mas, por outro lado, representa também a morte. No exemplo utilizado por Samuels (2015, p. 46) do homem sensorial em conflito com sua espiritualidade, no instante em que o ego, escolhendo o novo elemento, o protege e é fortalecido por ele, este homem puramente sensorial, assim com o homem puramente espiritual, morre e um novo homem com características sensoriais e espirituais nasce.

Embora romantizada aqui, essa experiência de morte é na verdade repleta de dor e medo. Dolorosa, pois viveu-se por muito tempo como homem sensorial, usando o exemplo de Samuels (2015, p. 46). Ele representa a zona de conforto, o que há de mais familiar, e deixá-la equivale a uma perda; e amedrontadora, pois o novo homem representa o desconhecido, a incerteza, e por isso requer esforço e adaptação.

A figura da morte e renascimento foi muito usada pelas tradições antigas para demonstrar a evolução do homem. Na maçonaria simbólica, por exemplo, o homem ingressa na ordem como aprendiz em busca de mais luz, em sua caminhada percebe que não está só e que, na verdade, seu ser é mais complexo do que ele supunha. No grau de mestre ele é confrontado com a morte de Hiram Abif, mestre de obra na construção do templo do rei Salomão. A lenda de Hiram Abif é um dos *landmarks* da maçonaria simbólica e relata como o “fundador da ordem” foi assassinado por três companheiros que, incapazes de chegarem ao grau de mestre, emboscaram Hiram no templo e exigem dele a Palavra Sagrada e o sinal de mestre. Ele se nega a ceder aos desígnios dos companheiros e leva de cada um deles um golpe. Hiram morre e leva consigo a Palavra Sagrada. É dever de todo maçom, então, buscar restituir a Palavra Sagrada.

Hiram Abif, nessa alegoria maçônica, representa o próprio maçom que ferido pela tirania de suas próprias paixões, pela força avassaladora de uma vontade interior e finalmente pelo poder despótico que dele almeja o controle, morre, mas renasce quando encontra e restitui a Palavra Sagrada. A lenda tem o intuito de ensinar ao maçom que ele deve morrer para que um novo homem, um mestre maçom renasça. Assim é que a morte de Hiram Abif, embora triste,

representa uma progressão, isto é, o nascimento de um novo homem da mesma forma a individuação representa a morte do velho homem para o nascimento de um novo.

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir “individuação” como “torna-se si-mesmo” (verselbstung) ou “o realizar-se do si-mesmo” (Selbstverwirklichung). (JUNG, 2018, p. 63).

4. BEOWULF – UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DA INDIVIDUAÇÃO E REINTEGRAÇÃO

O objetivo da vida não é buscar a felicidade pessoal, mas sim ser útil ao plano de Deus. Todas as circunstâncias da busca de Graal são para servir a Deus. Ao compreender isto e assim desprezar as pueris noções de que a finalidade da existência é apenas a felicidade pessoal, aí a pessoa vai encontrar a verdadeira e total felicidade. (JOHNSON, 1987a, p. 101)

Tolkien (2012) em seu célebre ensaio, *Beowulf – Monstros e a Crítica*, afirma que a fortuna crítica do que era conhecido com O *Beowulf* via a obra como contendo uma grande falha, isto é, um erro em sua elaboração. Afirmava-se que *Beowulf* colocava em evidência elementos triviais e pouco importantes, e os elementos importantes na periferia. Assim é que no coração do poema encontram-se os confrontos de Beowulf com criaturas mágicas como Grendel, a mãe de Grendel e o dragão Wyrn, e por meio de digressões são introduzidos elementos e narrativas históricas verídicas. Ademais, os confrontos de Beowulf com essas criaturas podem ser interpretados como demonstrando dois processos. O primeiro o processo de autoconhecimento ao qual Jung deu o nome de individuação, e o segundo de evolução ao qual Martines de Pasqually chamou de reintegração.

O aludido ensaio de Tolkien para sempre mudou a forma como o poema era visto, aceito e estudado na academia (HEANEY, 2000, p. xi). Em outras palavras, *Beowulf* passou de um poema histórico com uma enorme falha de elaboração a uma rica narrativa fantástica e extremamente simbólica que é enriquecida ainda mais com elementos e personagens históricos. João Bittencourt de Oliveira (2015, p. 65), em sua breve descrição do poema no *Dicionário de Mitologia Nórdica*, afirma que nele encontra-se o mesmo tom solene da *Ilíada* e da *Odisseia* e que “através da análise da vida desse herói [Beowulf], o poeta épico procura refletir a história de seu tempo. Seamus Heaney (2000, p. xi) corrobora o aspecto épico e tom solene atribuído a *Beowulf*, mas lamenta que, diferentemente da *Ilíada* e da *Odisseia*, que transcenderam a cultura grega e impregnaram toda a cultura ocidental, *Beowulf* permaneceu na escuridão, e até os dias atuais nomes como Scyld Scefing têm pouca ou nenhuma referência.

Mas é fato que o poeta épico de *Beowulf*, se diferenciando de Homero, inverte os elementos em sua narrativa. Entretanto, essa inversão longe de ser uma falha, é, na verdade, o aspecto que faz de *Beowulf* um poema único. Embora os nomes, personagens, eventos e lugares descritos em *Beowulf* possam falhar em trazer à memória lembranças do passado, as imagens simbólicas de seus confrontos ressoam no fundo da alma do leitor como mensagem silente de

um processo que se perpetua por incontáveis anos. Talvez aqui se encontre a riqueza de *Beowulf*, pois reflete de uma forma original essas imagens e símbolos que aparecem por todo o mundo e em todas as culturas, e são estudadas e interpretadas por diversas pessoas, grupos e escolas. Ademais, talvez seja por isso que é tão fácil se apropriar das imagens fantásticas descritas no poema, pois, diferentemente dos elementos históricos, elas encontram referência no interior de cada leitor. Assim é que, por exemplo, o confronto de Beowulf com o monstro Grendel causa menos estranhamento que seu confronto com Unferth – bardo da corte de Horthgar que tenta humilhar Beowulf afirmando que ele foi derrotado por Breca em uma competição a nado (HEANEY, 2000, p. 37-39).

O monstro Grendel aparece no poema depois que Hrothgar, rei da Dinamarca, constrói o maravilhoso salão de hidromel, Heorot. Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, Grendel é muito mais antigo do que Heorot, Hrothgar e até toda civilização ocidental. Grendel e sua mãe são descritos pelo poeta como membros do clã de Caim e assim sua origem se perde na antiguidade, pois Caim, no livro bíblico do Gênesis, é o filho mais velho de Adão e que cometeu o primeiro homicídio da história matando Abel, seu irmão mais novo. O relato bíblico é simbólico e aberto a interpretações. Relata o texto de Gênesis que Adão e Eva, após terem sido expulsos do Jardim do Éden, tiveram dois filhos homens, Caim e Abel. O primeiro se tornou hábil na agricultura e o segundo, um exímio pastor de ovelhas. Quando ambos os irmãos oferecem sacrifícios ao Senhor, Abel traz das primícias de seu rebanho um cordeiro enquanto Caim, diferentemente de seu irmão, oferta apenas o fruto de sua colheita e não das primícias dela. Deus aceita a oferenda de Abel mas rejeita a de Caim. Então, enganando Abel, o chama para irem ao campo e lá o mata (Gn 4,1-8).

Cabe aqui uma digressão, pois embora muito tenha se focado no primeiro homicídio da história o que o autor do livro de Gênesis, supostamente Moisés, está tentando demonstrar é o que mais tarde faria parte de sua lei, isto é, de que das primícias se deve ofertar ao Senhor. (Ex 13,13). Deus então, voltando ao relato bíblico do Gênesis, não rejeita a oferta de Caim por se tratar de frutas e verduras, mas sim porque este falhou em ofertar das primícias de sua colheita. Deus chama Caim e pergunta sobre o paradeiro de seu irmão e este dá a famosa resposta “não sei, acaso sou tutor de meu irmão?” (Gn 4,9). Deus informa Caim que o sangue de Abel clama da terra por vingança e o amaldiçoa dizendo: “Quando lavrares o solo, não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra” (Gn 4,12). Caim diz que seu castigo é pesado, pois, sendo expulso da presença do Senhor e fadado a vagar pela terra, quem o encontrasse certamente o mataria (Gn 4,13-14). Deus coloca em Caim um sinal para que ninguém atente contra ele, mas se alguém o matar, ele certamente será vingado sete vezes.

O texto bíblico não descreve a natureza do sinal ou marca que Deus colocou em Caim, mas este certamente foi alvo de inúmeras interpretações, das mais preconceituosas às mais simbólicas. Caim, agora em exílio, viaja até a região de Node no oriente do Éden (Gn 4,16). Lá conheceu sua mulher, se casou e teve um filho, Enoque. Edificou uma cidade e a chamou também de Enoque. Entretanto, o poeta de *Beowulf* assim como a tradição, interpretando as ações de Caim como más e perversas e, usando da maldição posta por Deus sobre Caim, afirma que de seu exílio surgiu toda a natureza de criaturas e monstros e é desta linhagem, “o Clã de Caim”, que provêm Grendel e sua mãe:

Então os tempos eram favoráveis para as pessoas lá
até que finalmente um, um inimigo do inferno,
começou a trabalhar sua malícia no mundo.
Grendel era o nome desse demônio
assombrando os pântanos, atacando nos arredores do brejo
e os mangues desolados; ele tinha habitado por um tempo
em miséria entre os monstros banidos,
clã de Caim, a quem o Criador tornou fora da lei
e condenou como banido. Pela morte de Abel
o Senhor Eterno tinha exigido um preço:
Caim obteve nenhum benefício em cometer o assassinado
porque o Todo-poderoso lhe fez anátema
e a partir da maldição exílio nasceram
ogros, elfos, e espíritos malignos
e os gigantes também que lutaram com Deus
repetidamente até que Ele lhe deu sua recompensa. (HEANEY, 2000, p. 9)²⁶.

O relato bíblico do que se sucedeu com Caim é bem diferente do que o poeta épico de *Beowulf* faz crer. Na verdade, Caim gerou uma longa linhagem e representou um progresso para a humanidade, pois a partir de sua maldição, isto é, a de da terra não colher seus frutos, chegou-se à Idade do Bronze. Tubalcaim, filho de Lameque, que, por sua vez, era filho de Enoque, filho de Caim, foi “artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro” (Gn 4,22). Ademais,

²⁶ So times were pleasant for the people there
until finally one, a fiend out of hell,
began to work his evil in the world.
Grendel was the name of this grim demon
haunting the marches, marauding round the heath
and the desolate fens; he had dwelt for a time
in misery among the banished monsters,
Cain’s clan, whom the Creator had outlawed
and condemned as outcast. For the killing of Abel
the Eternal Lord had exacted a price:
Cain got no good from committing that murder
because the Almighty made him anathema
and out of the curse of his exile there sprang
ogres and elves and evil phantoms
and the giants too who strove with God
time and again until He gave them their reward. (HEANEY, 2000, p. 9).

os gigantes, Nefilins, que lutaram com Deus não fazem parte da linhagem de Caim, mas aparecem no Livro do Gênesis como o resultado do cruzamento de raças, ou seja, anjos e humanos (Gn 6,1-4). Eles, de fato, receberam sua recompensa do confronto com Deus, isto é, o dilúvio.

Tal como o confronto entre Caim e Abel representou um progresso para a humanidade, assim também o confronto entre Beowulf e Grendel representa uma evolução. Por doze anos Grendel assolou os dinamarqueses de Hrothgar e trouxe desolação a Heorot. Todas as noites, após os dinamarqueses terem festejado, Grendel recaía sobre Heorot até que o magnífico salão foi finalmente abandonado. Entretanto, assim como Caim fora expulso do Jardim do Éden e fora habitar as terras do Oeste, assim também Grendel, como exilado do Senhor, do local no salão onde ficava o trono de Hrothgar não se aproximava (HEANEY, 2000, p. 13 ll. 164-169). Parece que para o poeta, Heorot é mais do que um salão de hidromel, e talvez não seja absurdo afirmar que Heorot assuma o status de templo assim como um templo maçônico tanto no que tange o governo quanto o culto.

O templo maçônico é uma representação de todo o universo e por isso é composto pelos quatro pontos cardeais, a saber; norte, sul, leste e oeste. Os aprendizes sentam-se ao norte, pois suportam apenas uma pequena luz; os companheiros sentam-se ao sul de onde recebem mais luz; do oeste, ou seja, das trevas, advém aquele que almeja mais luz; e do leste vem a luz que ilumina todo universo. Ninguém pode se aproximar do leste a não ser o venerável mestre. A Bíblia não informa aonde Adão e Eva foram habitar após serem expulsos do Jardim do Éden, mas diz que o jardim ficava no leste e que Caim, após matar seu irmão Abel, fora exilado para as terras de Node a oeste do Jardim do Éden. Toda essa localização é simbólica, pois marca o movimento do sol que nascendo no leste se põe no oeste. Entretanto, imaginando a disposição de Heorot como de um templo maçônico, suas portas ficariam no oeste, e no leste, o trono de Hrothgar. Grendel, vindo das trevas exteriores, lança sua desolação nas regiões norte, sul e oeste do salão, mas do leste, onde ficaria o trono, não consegue se aproximar.

Então Grendel travava sua guerra solitária,
Infligindo crueldades constantes ao povo,
feridas atroz. Ele dominou sobre Heorot,
Assombrando o reluzente salão a noite,
mas o trono em si, o assento-tesouro,
ele não se aproximava; ele era o banido do Senhor. (HEANEY, 2000, p. 12 ll. 164-169)²⁷.

²⁷ So Grendel waged his lonely war,
inflicting constant cruelties on the people,
atrocious hurt. He took over Heorot,
haunting the glittering hall after dark,
but the throne itself, the treasure-seat,

Essa digressão não tem o intuito de afirmar que Heorot era um templo maçônico, mas apenas de demonstrar que assim como o templo maçônico representa o universo, para o poeta de *Beowulf*, Heorot poderia ser mais do que um salão de hidromel. Nele, além de beberem e festejarem, era entoadas belas canções e poetas habilidosos declamavam como Deus criou o mundo, colocou o sol e a luz como luminárias e cercou a terra de água (HEANEY, 2000, p. 9). Da mesma forma, a assolação de Grendel a Heorot tem um significado mais profundo do que um simples monstro atacando um salão, assim como o confronto entre Beowulf e Grendel é muito mais do que parece ser.

Toda essa simbologia é análoga ao quadro de instrução do quarto grau da Golden Dawn (Figura 8) em que se pode ver o grande dragão de sete cabeças, Leviatã, posicionado no oeste, e entre o norte e o sul encontra-se Eva segurando os pilares que sustentam a Árvore da Vida, e sobre ela Adão. A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal está aos pés de Eva e projeta para cima e para baixo seus frutos. No leste encontra-se a divindade, que na instrução da Golden Dawn tem o nome de Aiman Elohim. O quadro de instrução ao sexto grau da Golden Dawn (Figura 10) demonstra como Leviatã, após a queda, projeta suas cabeças por todo norte e sul, mas tem seu progresso barrado por Aiman Elohim que posicionando o Tetragramaton YHVH impede seu acesso ao leste (REGARDIE, 2008).

O estudo dos símbolos demanda muito esforço de qualquer um que almeja entender sua mensagem. Assim, cada símbolo pode possuir diversas interpretações e essas interpretações são de duas naturezas, a saber: exotérica, isto é, evidente e conhecida de todos; e esotérica, isto é, velada e conhecida por poucos. Assim é que Heorot pode ser apenas um salão de hidromel ou a representação do microcosmo ou da consciência e, da mesma forma, Grendel pode ser apenas um monstro ou a representação da sombra como descrita por Carl G. Jung. Como monstro, Grendel é simples e elementar, mas como sombra é complexo e até belo.

4.1. O CONFRONTO COM A SOMBRA – GRENDEL

Em *Beowulf*, Grendel é descrito como um demônio espantoso que ataca no calar da noite (HEANEY, 2000, p. 9). Habitante das regiões pantanosas da Dinamarca, *moors*, Grendel, de natureza maligna, nunca demonstra remorso pela destruição e morte que traz a Heorot (HEANEY, 2000, p. 11). Em seu primeiro ataque, Grendel, recaindo sobre os danes que

he was kept from approaching; he was the Lord's outcast. (HEANEY, 2000, p. 13 ll. 164-169).

dormiam em Heorot, arrebatou mais de 30 para seu covil e lá os devorou. Mas não é só a Heorot que Grendel impõe sua desolação. O texto afirma que todos estavam em perigo, pois Grendel caçava indiscriminadamente jovens e velhos (HEANEY, 2000, p. 13). Por fim, Grendel é descrito como uma sombra escura que se espreita e arrebatava suas vítimas nas longas noites dos pântanos dinamarqueses (HEANEY, 2000, p. 13).

Jung (2018, p. 121), ao descrever a natureza do inconsciente e a manifestação dos seus conteúdos tais como a sombra, por exemplo, vai usar da magnífica obra de Goethe, Fausto II, ato 5, cena 4 para demonstrar como a sombra pode arrebatá-lo e nele exercer seu “despótico poder”.

Se o ouvido em mim se fechar,
No coração o medo vai medrar;
A cada hora mudo a forma de meu ser
E assim exerço meu despótico poder. (JUNG, 2008, p. 121)

Na passagem acima percebe-se o medo de Fausto em adormecer, pois, no calar da noite, sua sombra recai sobre ele e assume o controle de seu ser. Nessa situação, tudo de que Fausto é conscientemente vai para um segundo plano, enquanto tudo aquilo que ele ignorou e reprimiu se projeta para o primeiro plano. Assim é que durante à noite os dinamarqueses de Horthgar festejam e o dia choram.

Então quando a aurora clareava e o dia raiva
os poderes de destruição de Grendel eram evidentes:
sua festa acabara, eles choravam ao céu
e lamentavam pela manhã. (HEANEY, 2000, p. 11)²⁸.

Grendel, como sombra, representa tudo aquilo que é rejeitado e reprimido. Fadado a viver em exílio na periferia da civilização, Grendel exerce seu poder à noite quando todos estão dormindo ou com suas guardas rebaixadas. E que grande poder é esse que a todos subjuga e lança toda uma nação em desespero? Jung (2018, p. 64) afirma que “a energia psicológica tem o capricho de querer satisfazer suas próprias exigências”. Nesse sentido, quando manifesta, a sombra não pode ser mais reprimida ou ignorada. Fausto chama esse poder de “despótico”, pois assume o controle do consciente sem este ter cedido o controle. Ao mesmo tempo, Fausto chama esse despótico poder de “seu”, pois entende que, embora não goste, a sombra compõe uma parte essencial de seu ser.

²⁸ Then as dawn brightened and the day broke
Grendel's powers of destruction were plain:
their wassail was over, they wept to heaven
and mourned under morning. (HEANEY, 2000, p. 11).

Assim é que por 12 anos o povo de Hrothgar é assolado pela sombra de Grendel sem entender que a rejeição que eles têm por ele o fortalece e o propõe a exercer seu poder cada vez mais. É o instinto ou a vontade de poder que mantém constante conflito com a natureza humana (JUNG, 2000, p. 45). Até que ao socorro de Hrothgar vem um herói. Beowulf recebe a notícia da desolação de Hrothgar e dos dinamarqueses ainda na terra dos Geats e na corte de Hygelac (HEANEY, 2000, p. 15). Reúne junto a si 14 guerreiros e parte para a Dinamarca. Lá, enquanto desembarcam, são interrogados pela sentinela da costa quanto à natureza de sua visita (HEANEY, 2000, p. 17). Beowulf apresenta a si e sua tropa como descendentes dos Geats e leais ao Lorde Hygelac e indaga à sentinela da veracidade dos rumores que à terra dos Geats chegaram. Beowulf diz ainda à sentinela que é capaz de mostrar a Hrothgar uma forma de derrotar seu inimigo e termina dizendo:

Eu posso acalmar o tumulto e terror de sua mente.
Do contrário, ele deve suportar aflições
e viver com a dor pelo tempo em que seu salão
permanecer no horizonte, em seu alto monte. (HEANEY, 2000, p. 21)²⁹.

O discurso de Beowulf revela o entendimento de que o sofrimento de Hrothgar é mais do que apenas físico, pois ele vive em um contínuo estado psicológico de terror similar à forma como Goethe descreve Fausto. O próprio Hrothgar afirma isso quando diz: “me incomoda ter que sobrecarregar qualquer um / com toda a dor que Grendel tem causado / e a destruição que ele infligiu sobre nós em Heorot, / nossas humilhações”³⁰ (HEANEY, 2000, p. 33). Para Jung (2017, p. 41) cada ser humano tem um lado sombrio formado não só pelas fraquezas e defeitos de personalidade, mas de uma dinâmica francamente demoníaca. Esta sombra, prossegue Jung, se lhe for permitido, pode se cristalizar em um monstro delirante e infligir sobre o homem um devastador sofrimento.

É precisamente isto que está acontecendo em Heorot. Grendel é a cristalização ou o arquétipo de todas as fraquezas e defeitos que foram reprimidos, rejeitados e renegados. Contudo, essa rejeição é apenas aparente, pois, “os conteúdos reprimidos vão aparecer em outro lugar, estorvando o caminho” (JUNG, 2018, p. 37). É necessário, então, um profundo autoconhecimento e autocontrole os quais Beowulf proverá, pois, afirma Jung (2017b, p. 37), dominar a personalidade é uma vantagem e esse domínio vem da percepção de que o homem é

²⁹ I can calm the turmoil and terror in his mind.
Otherwise, he must endure woes
and live with grief for as long as his hall
stands at the horizon, on its high ground. (HEANEY, 2000, p. 21).

³⁰ “It bothers me to have to burden anyone
with all the grief Grendel has caused
and the havoc he has wreaked upon us in Heorot, our humiliations. [...]” (HEANEY, 2000, p. 33).

composto também de um lado sombrio. Em seu confronto com Grendel, isto é, o arquétipo da sombra, Beowulf tomará, por um lado, o primeiro passo para a individualização se interpretarmos os fatos como ocorrendo no microcosmo, ou o primeiro passo à reintegração se tomarmos o macrocosmo como referência.

O texto narra como Beowulf agiu completamente diferente dos dinamarqueses em seus confrontos com Grendel. Beowulf, demonstrando um profundo autoconhecimento ou ao menos uma exímia capacidade de percepção, diferentemente dos dinamarqueses, vai ao confronto com Grendel completamente desprovido de proteção e armamento, não por que se julga melhor ou mais forte, mas, talvez, por uma questão de honra cavaleiresca ou por que o próprio monstro assim se comporta.

Eu ouvi além do mais que o monstro escarne
em seu descuido o uso de armas;
assim, para enaltecer a fama de Hygelac
e alegrar seu coração, eu doravante renuncio
espada e o abrigo de escudo,
o pesado armamento de guerra: mão a mão
é como será, uma luta de vida ou morte
com o inimigo. (HEANEY, 2000, p. 31)³¹,

Beowulf parece perceber que há um equilíbrio de forças em seu confronto com Grendel, assim como Jung (2017, p. 45) ensina que o conflito entre o eu e o instinto, ou o que ele chamou de vontade de poder, é caracterizado por uma equivalência de poder. Na teoria de Jung (2017b, p. 45), o eu é “todo barreira” e o instinto “sem limites”. O primeiro tenta reprimir os avanços do segundo impondo toda sorte de limites enquanto o segundo almeja se libertar e satisfazer todos os seus desejos.

Essa queda de braços aparece em *Beowulf* quando, após festejar em Heorot, ele, despindo-se de suas armas e proteção, vai deitar-se despreocupadamente em antecipação ao ataque de Grendel. Este chega sorrateiramente a Heorot e Beowulf, atento a cada movimento seu, aguarda seu primeiro ataque. Grendel se enfurece ao ver o salão repleto dos guerreiros de Beowulf e com apenas uma mordida lança o corpo dilacerado e sem vida de um ao chão (HEANEY, 2000, p. 51). Grendel, então, estende suas garras para atacar Beowulf e é surpreendido por ele.

³¹ I have heard moreover that the monster scorns
in his reckless way to use weapons;
therefore, to heighten Hygelac's fame
and gladden his heart, I hereby renounce
sword and the shelter of the broad shield,
the heavy war-board: hand-to-hand
is how it will be, a life-and-death
fight with the fiend. (HEANEY, 2000, p. 31).

[...] Aventurando mais perto
Sua garra foi levantada para atacar Beowulf
onde se encontrava deitado; ele se aproximou
com garra aberta quando o herói alerta
voltou-se e segurando seu braço parou seu movimento. (HEANEY, 2000, p. 51)³².

Grendel é surpreendido ao perceber a força de Beowulf que agarrando seu braço faz com que ele tente, inutilmente, escapar.

O capitão o mal se descobriu
em um aperto de mão mais forte do que qualquer coisa
que ele já tinha encontrado em qualquer homem
na face da terra. Todos os ossos em seu corpo
se encolhia e recolhia, mas ele não podia escapar. (HEANEY, 2000, p. 51)³³.

Beowulf e Grendel travam uma queda de braços aos moldes do que descreveu Jung (2017b, p. 45) quanto à natureza do conflito entre o eu e o instinto. O primeiro impõe barreiras e limites em uma tentativa de impedir o progresso do segundo. Em contrapartida, este tenta desesperadamente impor seu poder e se ver livre.

Ele ficou desesperado para fugir para seu covil e se esconder
com a prole do diabo, pois em todos os seus dias
e nunca tinha sido dominado e encurralado dessa forma. (HEANEY, 2000, p. 51)³⁴.

Beowulf, percebendo o desespero de Grendel, aumenta a força de seus braços e segura com mais firmeza o braço de Grendel. Os dois, Grendel em seu desespero tentando escapar e Beowulf o segurando pelo braço, percorrem todo o salão de Heorot destruindo bancos enquanto os companheiros de Beowulf, em uma tentativa de ajudá-lo, empunham suas espadas apenas para descobrirem que Grendel era imune a qualquer ferimento de espada (HEANEY, 2000, p. 55).

Aqui cabe mais uma digressão, pois Grendel é descrito pelo poeta de *Beowulf* como membro do clã de Caim, como já tratado anteriormente, e como descendente deste ele deve ter

³² [...] Venturing closer,
his talon was raised to attack Beowulf
where he lay on bed; he was bearing in
with open claw when the alert hero's
comeback and armlock forestalled him utterly. (HEANEY, 2000, p. 51).

³³ The captain of evil discovered himself
in a handgrip harder than anything
he had ever encountered in any man
on the face of the earth. Every bone in his body
quailed and recoiled, but he could not escape. (HEANEY, 2000, p. 51).

³⁴ He was desperate to flee to his den and hide
with the devil's litter, for in all his days
he had never been clamped or cornered like this. (HEANEY, 2000, p. 51).

herdado a marca que Deus colocou sobre Caim, após este ter matado seu irmão Abel, para que quem o encontrasse não o matasse (Gn 4,15). Embora a Bíblia não descreva em detalhes que marca foi essa, o poeta épico de *Beowulf* faz crer que fora uma imunidade a ferimento de qualquer armamento produzido na terra (HEANEY, 2000, p. 55).

Nesse momento, Grendel percebe que das garras de Beowulf não conseguirá escapar. A força que ele impõe para fugir é contrabalanceada com a força que Beowulf impõe até que uma ruptura acontece.

[...] todo o corpo do
monstro estava em dor, uma ferida tremenda
apareceu em seu ombro. Os tendões se partiram
e os músculos estouraram. A Beowulf foi dada
a glória de vencer; Grendel foi escorraçado
para o fundo das margens do pântano, fatalmente ferido,
seu desolado covil. (HEANEY, 2000, p. 55)³⁵.

O braço e ombro de Grendel são arrancados como resultado de seu confronto com Beowulf. Ele consegue fugir, mas apenas para morrer de seus ferimentos dias depois. Beowulf permanece vitorioso e “a prova clara disso / podia ser vista na mão que o herói exibiu / bem alto perto do teto: [de Heorot] o braço e o ombro de Grendel, sua incrível garra”³⁶ (HEANEY, 2000, p. 55-56).

Discorrendo a respeito da psicanálise, Jung (2017b, p. 37) afirma que seu propósito é de tornar conscientes todos os instintos animais, isto é, entender que o homem tem desejos e fantasias que fazem parte dele mesmo, mas isso não quer dizer, continua Jung, que esses instintos devem ser entregues “a uma liberdade sem freio,” mas sim que eles devem ser integrados “num todo harmonioso”.

Ao colocar o braço e o ombro de Grendel bem alto em exposição em Heorot, Beowulf está trazendo à consciência tudo o que Grendel representa, isto é, a sombra. A partir desse instante não há mais por que ter medo. Não há mais por que rejeitar e reprimir, pois “as pessoas, quando educadas para enxergarem claramente o lado sombrio de sua própria natureza,

³⁵ [...] the monster whole
body was in pain, a tremendous wound
appeared on his shoulder. Sinews split
and the bone-lapping burst. Beowulf was granted
the glory of winning; Grendel was driven
under the fen-banks, fatally hurt,
to his desolate lair. (HEANEY, 2000, p. 55).

³⁶ Clear proof of this
could be seen in the hand the hero displayed
high up near the roof: the whole of Grendel's
shoulder and arm, his awesome grasp. (HEANEY, 2000, p. 55-56).

aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes; pelo menos, assim se espera” (JUNG, 2017b, p. 37).

Pela manhã, quando o sol que tudo revela lançou sobre Heorot sua luz, os estragos ao salão como resultado do conflito na noite anterior e os rastros de sangue deixados pelo monstro em sua fuga se fizeram evidentes à multidão que cercava Heorot. A vitória de Beowulf sobre Grendel é louvada por todos, pois ele conseguiu o que, a priori, parecia impossível. Beowulf é elevado a um nível mais alto e é comparado a Sigemund que matou um dragão (HEANEY, 2000, p. 59).

Se, por um lado, a comparação de Beowulf a Sigemund representa a exaltação dele no código heroico germânico, ela prefigura também seu confronto vindouro com o dragão Wyrn (HEANEY, 2000, p. XVIII-XIX). Ademais, sua vitória sobre Grendel representa também o primeiro passo rumo à individuação. Andrew Samuels (2005, p. 51)³⁷ afirma que para Jung, na individuação, os opostos são combinados para que as atitudes conscientes da pessoa bem como grande parte de sua experiência consigo mesma seja enriquecida. Assim é que o confronto e vitória de Beowulf sobre Grendel bem como a exposição de seu braço e ombro em Heorot representa um enriquecimento e elevação de Beowulf. Da mesma forma, a reintegração significa uma reorganização da situação caótica instalada após a queda a uma situação de harmonia, como se pode ver nos quadros de instrução do quarto e sexto graus da Golden Dawn.

Não se pode dizer que Beowulf saiu o mesmo do confronto com Grendel. Primeiro porque pelas palavras do rei Horthgar: “Mas você se fez imortal / por seu glorioso ato” (HEANEY, 2000, p. 63)³⁸ e de sua rainha Wealhtheow: “Você ganhou renome: você é conhecido por todos os homens / longe e perto, agora e para sempre” (HEANEY, 2000, p. 87)³⁹, Beowulf será sempre lembrado pelos dinamarqueses por sua vitória sobre Grendel. Segundo, porque, seguindo a teoria de Jung, aspectos e características de Grendel se mesclaram com Beowulf permanecendo com ele, na figura de seu braço e ombro, integrando sua personalidade. E o Adão da reintegração é também diferente do Adão antes da queda. Na verdade, as experiências vividas durante sua jornada para a reintegração enriquecem sobremaneira este “segundo” Adão que já não é mais possível dizer que ele é o mesmo Adão de antes da queda.

³⁷ Jung speculated that in maturation and individuation these various typological opposites merge so that a person’s conscious attitudes, and hence a great part of his experience of himself, will become richer and more variegated. (SAMUELS, 2005, p. 51).

³⁸ But you have made yourself immortal
by your glorious action. (HEANEY, 2000, p. 63).

³⁹ You have won renown: you are known to all men
far and near, now and forever. (HEANEY, 2000, p. 87).

4.2. O CONFRONTO COM ANIMA – A MÃE DE GRENDEL

Uma das maiores contribuições de Jung foi a demonstração de que o ser humano é andrógino, o que significa que combina em si os elementos masculino e feminino. Mas o homem geralmente se identifica com seu lado masculino e usa sua feminilidade no interior, ao passo que a mulher faz o contrário. Esta mulher interior no homem, Jung a chama *anima*, e o homem interior na mulher, *animus*. (JOHNSON, 1987a, p. 16).

O novo Beowulf, mais fortalecido pela integração da sombra, está apto para o próximo confronto rumo à individuação, isto é, o confronto com a contraparte feminina em cada homem, anima, como Jung denominou o arquétipo do outro. Samuels (2005, p. 172) explica que o homem frequentemente imagina o que é oposto a si na forma de uma figura feminina. No poema, anima é representada como a mãe de Grendel.

Os dinamarqueses festejam a vitória de Beowulf sobre Grendel. Heorot é restaurado após este confronto que o destruiu quase que por completo deixando intacto apenas o teto (HEANEY, 2000, p. 67). Horthgar presenteia Beowulf ricamente e um grande banquete é realizado em Heorot (HEANEY, 2000, p. 67, 69). Cânticos, que contam a história dos reis da Dinamarca, são entoados em homenagem a Beowulf e entretenimento dos presentes (HEANEY, 2000, p. 71). Wealhtheow, esposa de Horthgar e, conseqüentemente, rainha dos dinamarqueses, também presenteia e honra Beowulf (HEANEY, 2000, p. 85).

Ao final do banquete rei e rainha se retiram para seus quartos, os bancos no grande salão são afastados para dar espaço para as camas. Embora ignorantes do perigo que espreitava na noite escura, guardas são colocados a postos pela força do hábito após 12 anos da assolação de Grendel. Todos se deitam ao chão com seus escudos sobre suas cabeças e suas roupas e armamentos sobre as mesas à distância de um braço, pois era seu costume estarem sempre a postos para defender seu senhor (HEANEY, 2000, p. 87, 89).

A noite espreita a destruição que personificada em figura de mulher busca vingança pela morte de seu filho (TOLKIEN, 2014a, p. 49). Conforme o relato do poeta épico de *Beowulf*, Caim, após ter assassinado seu irmão Abel, é marcado como fora da lei e foge. Em seu esconderijo gera espíritos herdeiros da perdição, para citar a tradução de Tolkien (2014a, p. 49), ou bastardos na tradução de Heaney (2000, p. 89), dos quais um era Grendel.

O poeta não diz quem é a mãe de Grendel, assim como a Bíblia também não relata precisamente quem ela seja. No relato bíblico consta apenas que após ser banido da presença do Senhor, Caim “coabitou com sua mulher; [e] ela concebeu e deu à luz a Enoque” (Gn 4,17). Uma vez que Adão e Eva são descritos como os primeiros habitantes humanos da terra e que a

Bíblia raramente inclui mulheres em sua descrição genealógica de descendência, supõe-se que o casal primordial tenha gerado também filhas, posto que com apenas três filhos homens, isto é, Caim, Abel e Set, dificilmente seria possível concretizar o mandamento de Deus que diz cresci e multiplicai-vos (Gn 1,28). Supõe-se também que sendo Caim agricultor e Abel pastor de ovelhas, ou seja, homens adultos, estes já tinham constituído família antes da narração dos eventos da oferta de sacrifícios ao Senhor que culminou com o homicídio de Abel. Assim é que a mulher de Caim pode ser tanto sua própria irmã ou uma sobrinha.

Em *Beowulf*, Grendel é filho “bastardo” (HEANEY, 2000, p. 89) ou “perdido” (TOLKIEN, 2014a, p. 49) de Caim, mas sua mãe, além de ser descrita como uma “monstruosa esposa infernal” por Heaney (2000, p. 89) e “feroz destruidora em forma de mulher” por Tolkien (2014a, p. 49), é descrita também como tendo sido forçada a habitar as profundezas de águas turbulentas e frias (HEANEY, 2000, p. 89). Pode-se especular, então, que Caim, à luz do poema, ao ser banido e marcado como assassino, toma uma mulher por esposa e se impondo sobre ela a subjuga e com ela gera um filho. Há um detalhe na tradução de Tolkien que corrobora essa teoria. Tolkien (2014a, p. 49)⁴⁰ afirma que a “miséria está em seu coração.” Miséria é uma tradução direta da palavra em inglês *misery*, mas não reflete, corretamente o que ela quer dizer. *Misery*, na tradução de Tolkien, mais do que significar tristeza, refere-se à degradação ou o aspecto desgraçado da condição humana. Em contrapartida, Heaney (2000, p. 89)⁴¹ vai dizer que a mãe de Grendel foi “gerada em seus erros.”

De qualquer forma, em ambos os casos, a mulher que Caim toma como esposa é corrompida e transformada em um monstro pelo pecado de Caim que sobre ela agora recai. Reprimida e forçada a viver no fundo das águas frias, sua união com Caim gerou toda a natureza de monstros (HEANEY, 2000, p. 89). Caim, a mãe de Grendel e Grendel formam uma trindade infernal, pois só assim pode ser descrita, aos moldes da trindade Satã, Pecado e Morte de “Paraíso Perdido” de John Milton (2016).

A mãe de Grendel nunca, ou muito raramente, sai dos arredores de seu covil. Ao menos isto é o que, a priori, se pode inferir pelo texto já que os dinamarqueses nada ou pouco sabiam a respeito dela antes de seu ataque a Heorot, pois festejavam e bebiam sem o conhecimento do perigo que os ameaçava (HEANEY, 2000, p. 87). A ignorância a respeito de alma, como no que tange à existência da mãe de Grendel, é expressa por Jung (2018, p. 89) quando, discorrendo a respeito da natureza do inconsciente e dos conteúdos inconscientes, afirma que “o homem dotado de persona não tem a menor ideia das realidades interiores”. Em contrapartida, e embora

⁴⁰ Misery in her heart. (TOLKIEN, 2014a, p. 49).

⁴¹ Brooded in her wrongs. (HEANEY, 2000, p. 89).

possa parecer contraditório mas não o é, após o ataque a Heorot, Horthgar informa a Beowulf que ouviu falar, pelos que frequentam seu salão, conselheiros que habitam as terras do norte, a respeito de duas criaturas monstruosas e gigantescas perambulando pelos pântanos, Grendel e sua mãe (HEANEY, 2000, p. 95). Jung (2018, p. 89), por sua vez, prossegue em seu discurso afirmando que “o tipo oposto ao homem dotado de persona não reconhece a realidade do mundo [exterior].” E continua dizendo que “o reconhecimento das realidades interiores é absolutamente necessário, uma *conditio sine qua non* para que se considere com a seriedade necessária o problema de alma.” Ademais, Heaney (2000, p. 89) afirma que Caim forçou a mãe de Grendel a habitar no fundo das águas torrenciais o que se pode inferir pois que ela foi feita prisioneira dele, mas o próprio Caim não aparece no texto, e Grendel e sua mãe são, mais tarde, descritos como sendo gerados sem pai (HEANEY, 2000, p. 95). Apesar desses aspectos um tanto quanto contraditórios, algo reprime e suprime a mãe de Grendel e apenas a morte deste faz com que ela emerja de seu covil para seu ataque.

Jung (2017b, p. 65) afirma que “a sombra é uma parte inferior da personalidade”. O mesmo pode ser afirmado com respeito a anima e animus que Jung (2018, p. 101) chama de “figuras crepusculares do fundo obscuro da psique, verdadeiros e semigrotescos ‘guardiões do umbral’ com talvez uma diferença, isto é, a de que a anima encontra-se mais internalizada no inconsciente e a sombra, no limiar entre este e o consciente. Entretanto, ambos são reprimidos.

Mas o que é reprimido tem que se tornar consciente para que se produza a tensão entre os contrários, sem o que a continuação do movimento é impossível. A consciência está em cima, digamos assim, e a sombra embaixo, e como o que está em cima sempre tende para baixo, e o quente para o frio, assim todo consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está condenado à estagnação, à obstrução ou à petrificação. É no oposto que se acende a chama da vida. (JUNG, 2017b, p. 65).

No que tange à reintegração percebe-se, observando o quadro de instrução do sexto grau da Golden Dawn, que Eva foi mais profunda em sua queda do que Adão (Figura 9). O quadro pode, então, estar demonstrando como anima foi reprimida para o mais profundo da psique.

Entretanto, Samuels (2005, p. 173) demonstra, ainda, como a anima, funcionando como uma ponte de ligação entre o ego e o inconsciente, possibilita ao homem projetar sua sombra sobre o outro e assim experimentar aquilo que mais despreza ou teme em si mesmo. Essa projeção e confronto com seu lado tenebroso e sombrio é fundamental para o equilíbrio psíquico do homem. Na verdade, a anima funciona como uma guia auxiliando o homem em sua jornada de autoconhecimento ligando o que o homem hoje é, ou seja, seu ego, com o que ele deve se tornar, isto é, self (SAMUELS, 2005, p. 173).

A incorporação do elemento feminino dentro do homem é uma questão psicológica de grande sutileza e dificuldade. Mas, a menos que ele consiga fazer isso, não pode

sequer ter esperanças de compreender todo o mistério do seu próprio *self*. (JOHNSON, 1987a, p. 16?)

Assim é que a mãe de Grendel, como representação do arquétipo anima, mais do que o oposto antagônico de Beowulf, representa o outro que, reprimido, se projeta após a assimilação da sombra, que no poema é representada por Grendel, com o intuito de guiá-lo a um mais profundo nível de consciência (SAMUELS, 2005, p. 173). Entretanto, pelo que afirma Jung em sua teoria, é Beowulf que deve ir ao encontro da mãe de Grendel, assim como o consciente busca sua contraparte inconsciente, pois “o problema dos opostos como princípio inerente à natureza humana constitui uma etapa a mais no desenvolvimento do nosso processo de autoconhecimento.” (JUNG, 2017b, p. 71).

O confronto com Grendel representou um progresso no processo de autoconhecimento no que tange à aceitação e assimilação de conteúdos reprimidos. Já o confronto com a mãe de Grendel é, como afirmou Jung (2017b, p. 71) “um problema da idade madura”. O problema da idade adulta, então, não é outro senão “o problema dos contrários” (JUNG, 2017b, p. 72).

Mas o problema do adulto, que já completou esse trecho do caminho com maior ou menor dificuldade, é diferente. Procurou a mãe na mulher, o pai no marido, e encontrou-os. Honrou antepassados e instituições. Por sua vez, tornou-se pai e mãe e talvez já tenha ultrapassado essa fase. De repente viu que o que antes significava para ele progresso e satisfação não passa de engodo, restos de ilusão infantil. Olha agora para tudo isso com um misto de desencanto e inveja, por que à sua frente só se descortina a perspectiva da velhice, o fim de todas as ilusões. Não há mais lugar para pai ou mãe. Todas as ilusões que projetou no mundo e nas coisas retornam a ele, pouco a pouco, cansadas, desgastadas. A energia de todas essas relações lhe é restituída e entregue ao inconsciente, onde vivifica tudo quanto até então deixara de desenvolver. (JUNG, 2017b, p. 72).

O problema dos contrários aparece assim narrado em *Beowulf*. Quando este é chamado à presença de Hrothgar após o ataque da mãe de Grendel a Heorot, ignorante do que havia acontecido na noite anterior, pois os dinamarqueses tinham disponibilizado um quarto para ele, indaga o rei se este tinha descansado bem. Este responde: “Descanso? Que descanso?” (HEANEY, 2000, p. 93)⁴², e informa Beowulf a respeito da nova ameaça que recai sobre Heorot e da morte de um de seus mais prestigiosos escudeiros, Aeschere. Beowulf, então, confortando Hrothgar, diz que é melhor vingar aqueles que são queridos do que se ater a lamentos, e completa afirmando: “Para cada um de nós, viver nesse mundo / significa esperar por nosso fim. Permita a quem quer que possa / alcançar glória antes da morte.” (HEANEY, 2000, p. 97)⁴³.

⁴² Rest? What rest? (HEANEY, 2000, p. 93).

⁴³ For every one of us, living in this world means waiting for our end. Let whoever can

Assim é que Beowulf, vendo que “o que antes significava para ele progresso e satisfação não passa de engodo, olha para tudo com um misto de desencanto e inveja, por que à sua frente só se descortina a perspectiva da velhice, o fim de todas as ilusões” (JUNG, 2017b, p. 72). A morte que para todos vem, na primeira parte da vida pode parecer algo muito distante, mas na segunda parte da vida, na vida adulta, é uma eminente e sempre constante ameaça. O vigor da juventude e a alegria dão espaço à fraqueza e melancolia, mas “o desenvolvimento da função dos contrários, adormecida no inconsciente, significa renovação de vida” (JUNG, 2017b, p. 72). É a glória à qual Beowulf se refere e pede que Hrothgar lhe permita alcançá-la. Essa glória advém de seu confronto com a mãe de Grendel.

A viagem que o ego deve fazer rumo ao inconsciente é assim fantasticamente narrada em *Beowulf*, que sai à caça da mãe de Grendel juntamente com Hrothgar e um grupo de escudeiros. A jornada é longa e o caminho desconhecido. Irregular e perigoso, o terreno às vezes os forçava a andar em linha um atrás do outro e às vezes pendurados sobre desfiladeiros traiçoeiros repletos de criaturas e monstros prontos para tragá-los caso caíssem. Seguindo o rastro deixado pela mãe de Grendel que arrastava o corpo de Aeschere, chegaram à floresta que abrigava seu esconderijo aos pés de um precipício acessível por água. Lá, encontraram a cabeça do escudeiro de Hrothgar e sangue ainda quente. Toda sorte de répteis e cobras infestavam as águas e um guerreiro dos Getas foi morto quando o grupo, inflamado pela soar da trombeta, invadiu as águas (HEANEY, 2000, p. 97, 99, 101).

A jornada que Beowulf traça para seu confronto com a mãe de Grendel é análoga à viagem que o ego deve fazer pelo seu inconsciente pessoal em busca de anima que se encontra no limiar do inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Da mesma forma, Adão deve descer até o reino dos cascões em busca de Eva se almeja a reintegração. Os perigos que Beowulf encontra em seu caminho caracterizados pela presença dos répteis, cobras e monstros podem ser, na individuação, a cristalização dos sentimentos e experiências reprimidas pelo ego e lançadas no inconsciente ou, na reintegração, as cabeças de Leviatã. O próprio confronto entre Beowulf e a mãe de Grendel é análogo à conversa entre o consciente e o inconsciente, como descrito por Samuels ao citar Weaver (1964, p. 4) em seu livro *Jung and the Post-Jungians*:

É como se a imaginação começasse a se mexer e um sonho do inconsciente começasse a se desdobrar. Geralmente o ego está incluído no drama, se movendo através da cena ou fazendo perguntas. Então, com uma atitude que reconhece a realidade da psique, uma conversa entre o consciente e o inconsciente se inicia, e conseqüentemente se

ingressa no método dialético que dá a psique liberdade de expressão. (SAMUELS, 2005, p. 10)⁴⁴.

Jung (2018, p. 95) afirma que “as coisas do mundo interior nos influenciam subjetiva e poderosamente, por serem inconscientes” e assim é que a ações da mãe de Grendel, seu ataque a Heorot e o assassinato de Aeschere influenciaram poderosamente Hrothgar e, conseqüentemente, Beowulf e os impeliram a reconhecer um conflito entre os mundos externo e interno e a necessidade de encontrar um equilíbrio, isto é, um caminho do meio. É necessário, então, a todo aquele que almeja progresso na individuação se adaptar e, ao mesmo tempo, se proteger do invisível (JUNG, 2018, p. 95).

Beowulf, como que seguindo o que Jung acima afirmou, se prepara para seu confronto com a mãe de Grendel. Diante do lago que dá acesso ao covil da criatura que, por vingança pela morte de seu filho, atacou Heorot, Beowulf se investe de seu armamento de guerra completamente indiferente ao perigo de morte que corria (HEANEY, 2000, p. 101). Veste a cota de malha que protegeria seu dorso e recebe de Unfreth uma “rara e antiga espada,” Hrunting, que “nunca deixou na mão quem a empunhou em guerra” (HEANEY, 2000, p. 101), e com a qual supostamente sairia vitorioso do conflito. Beowulf mergulha no lago e como que viajando nas profundezas do inconsciente nada “boa parte do dia / antes que pudesse enxergar chão firme” (HEANEY, 2000, p. 103)⁴⁵.

A mãe de Grendel, percebendo que alguém observava seu covil de cima, agarra Beowulf que protegido pela cota de malha que vestira em preparação ao confronto sobrevive ao abraço mortal. Beowulf é levado ao chão e arrastado para a corte da mãe de Grendel onde é atacado por numerosas criaturas que, com dentes afiados, mordiam sua cota de malha. Beowulf tenta usar a espada Hrunting que Unfreth lhe presenteara apenas para descobrir que, assim como Grendel que herdou a marca que Deus colocara em seu pai Caim, sua mãe era imune a qualquer ferimento de espada (HEANEY, 2000, p. 105).

Prossegue o poeta demonstrando como Beowulf parte ao ataque da mesma forma que fizera com Grendel, isto é, com suas próprias mãos. Mas a mãe de Grendel se prova uma adversária mais forte e mesmo tendo Beowulf a prendido ao chão em um forte aperto, ela consegue se levantar e, jogando Beowulf sobre terra, recai sobre ele com uma adaga afiada que

⁴⁴ It is as if imagination begins to stir and a dream of the unconscious begins to unfold. Generally the ego is included in the drama, moving through the scene or asking questions. So with an attitude which acknowledges the reality of the psyche, a conversation begins between conscious and unconscious, and thus one enters the dialectic method which allows the psyche freedom of expression. (WEAVER, 1964 apud SAMUELS, 2005, p. 10).

⁴⁵ “It was the best part of a day before he could see the solid bottom”. (HEANEY, 2000, p. 103).

é detida pela cota de malha que Beowulf vestia. Aliás, a cota de malha que protege Beowulf de ataques mortais talvez tenha servido de inspiração a Tolkien quando este descreve a cota de malha que Bilbo Bolseiro presenteia a seu sobrinho, Frodo Bolseiro, em “O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel” e que foi feita pelos anões do material Mithril, o metal mais forte da terra média e presenteada a Bilbo por Thorin durante suas aventuras na Montanha Solitária narrada em “O Hobbit” (TOLKIEN, 2014b, p. 270)⁴⁶.

Protegido pela cota de malha, Beowulf se levanta, e avistando o arsenal da mãe de Grendel, encontra uma enorme e pesada espada da era dos gigantes, e que apenas ele hoje teria a força de cingi-la. Com um só movimento traçando um arco no ar, Beowulf decepa a cabeça da mãe de Grendel (HEANEY, 2000, p. 109). Vale ressaltar que o poeta não entra em contradição aqui quando primeiro faz crer que a mãe de Grendel é imune a ferimentos de espada e depois descreve como Beowulf a vence com uma espada se se leva em consideração o fato de que para o poeta de *Beowulf* os gigantes, isto é, os Nefilins, aludidos anteriormente nesse trabalho, são descendentes de Caim e o motivo pelo qual Deus lançou sobre a terra o dilúvio (HEANEY, 2000, p. 117)⁴⁷.

Hrothgar falou; ele examinou o punho,
aquela relíquia de tempos antigos. Era repleta de marcações
e mostrava como a guerra entrou no mundo
e a inundação que destruiu a tribo dos gigantes.
Eles sofreram uma grande separação do Senhor;
o Todo-Poderoso fez as águas subirem,
os afogou no dilúvio como retribuição.

Foi demonstrado no capítulo anterior como na genealogia de Caim encontra-se Tubalcaim que foi artífice de metais e bronze. Uma vez que o poeta afirma que os gigantes são descendentes de Caim, supõe-se que eles herdaram a marca que Deus colocara sobre Caim para que ninguém o matasse, assim como Grendel e sua mãe a herdaram. Embora a Bíblia não descreva que marca seja essa, o poeta faz crer que fora uma proteção extra. Seria plausível, então, imaginar que essa proteção falharia diante do armamento produzido por Tubalcaim e sua

⁴⁶ Also there is this! Said Bilbo, bringing out a parcel which seemed to be rather heavy for its size. He unwound several folds of old cloth, and held up a small shirt of mail. It was close-woven of many rings, as supple almost as linen, cold as ice, and harder than steel. It shone like moonlit silver, and was stubbed with white gems. (TOLKIEN, 2014b, p. 270).

⁴⁷ Hrothgar spoke; he examined the hilt, that relic of old times. It was engraved all over and showed how war first came into the world and the flood destroyed the tribe of giants. They suffered a terrible severance from the Lord; the Almighty made the waters rise, drowned them in the deluge for retribution. (HEANEY, 2000, p. 117).

descendência, e por esta razão, usando a espada de gigantes, Beowulf consegue infligir ferimentos à mãe de Grendel.

O relato do confronto de Beowulf com a mãe de Grendel em seu covil corrobora a descrição que Jung (2018, p. 101) faz dos arquétipos anima e animus e sua função. Em sua descrição Jung afirma que anima e animus “habitam uma esfera de penumbra” e que “são complexos autônomos que constituem uma função psicológica do homem e da mulher”. Afirma ainda que anima e animus contêm uma personificação e que, se ignorados, devem ser tidos como personalidades independentes, mas há a “possibilidade de destruir [essa] personificação, pois os conscientizando podemos convertê-los em pontes que nos conduzem ao inconsciente”.

Jung deixa evidente, então, que anima e animus são funções regulatórias que detêm o acesso ao inconsciente. Os conteúdos dessa função se personificam de tempos em tempos gerando conflitos e complexos. Se ignoradas, essas personificações adquirirão certa independência e continuarão a afligir o homem, mas se conscientizadas, isto é, tendo seus conteúdos trazidos à luz da consciência, eles serão absorvidos e a personificação destruída. É precisamente isto que Beowulf está experienciando em seu confronto com a mãe de Grendel.

O poeta épico de *Beowulf* narra como imediatamente após sua vitória sobre a mãe de Grendel “uma luz apareceu e o lugar se iluminou / da forma como o céu faz quando a vela celestial / está brilhando claramente” (HEANEY, 2000, p. 109)⁴⁸. O surgimento da luz não poderia ser mais significativo, pois é a mesma analogia que Jung usa para descrever a função de anima e animus como “guardiões do umbral” e que devem ter seus conteúdos trazidos à luz da consciência (JUNG, 2018, p. 101).

Beowulf passa a investigar o covil em busca de Grendel para se vingar de todo o sofrimento por ele causado a Hrothgar e aos dinamarqueses (HEANEY, 2000, p. 109). Ele o encontra sem vida e, com a espada que matara sua mãe, decepa sua cabeça (HEANEY, 2000, p. 109). Por todo lugar Beowulf avista tesouros, mas decide levar à superfície apenas a cabeça de Grendel e o punho da espada com a qual fora vitorioso sobre este e sua mãe. A espada se derreteu em contato com o sangue de Grendel como o gelo derrete em contato com o calor do sol restando apenas o punho que era cravejado de pedras preciosas. Em seu nado de volta à superfície Beowulf percebe que as águas não estão mais infestadas como quando de seu ingresso. Era o fim da desolação trazida por Grendel e sua mãe.

⁴⁸ A light appeared and the place brightened
the way the sky does when heaven's candle
is shining clearly. (HEANEY, 2000, p. 109).

Já na superfície, Beowulf é recebido por seus compatriotas que haviam permanecido a espera de seu comandante (HEANEY, 2000, p. 113). Mas Hrothgar e seus guerreiros, tendo perdido a esperança de rever Beowulf quando viram o sangue nas águas do lago, retornaram a Heorot tristes (HEANEY, 2000, p. 111). Beowulf faz a viagem de volta a Heorot levando consigo o punho da espada e a cabeça de Grendel que era carregada por quatro homens tão grande era seu peso e tamanho (HEANEY, 2000, p. 113).

Adentro ele veio então, o comandante,
o arco-guerreiro, a endereçar Hrothgar:
sua coragem foi provada, sua glória estava segura.
A cabeça de Grendel era puxada pelos cabelos,
arrastada pelo chão onde o povo estava bebendo,
um horror de se contemplar para ambos rainha e companhia.
Eles olhavam em espanto. Era uma visão atormentadora. (HEANEY, 2000, p. 113)⁴⁹.

Já foi estabelecido aqui como Heorot, o salão dourado, é uma representação análoga à consciência. Nesse sentido, ao trazer a Heorot o punho da espada com que vencera a mãe de Grendel e expondo a cabeça de Grendel como fizera com seu braço e ombro, Beowulf está trazendo à consciência os conteúdos inconscientes personificados que devem ser absorvidos e integrados. Beowulf está, então, fazendo o que Jung descreve a seguir:

No entanto, a tentativa de explicação com eles deverá trazer à luz seus conteúdos; só quando esta tarefa for cumprida, isto é, só quando a consciência familiarizar-se suficientemente com os processos inconscientes refletidos na anima, esta última será percebida como uma simples função. (JUNG, 2018, p. 101).

O horror sentido pela rainha e sua companhia quando viram a cabeça de Grendel demonstra o quanto estavam distantes da familiarização a que Jung se refere. Contudo, essa exposição é necessária para cumprir o descrito por Jung acima, isto é, para que Hrothgar e os dinamarqueses entendam que a mãe de Grendel é apenas uma função que deve servir como ligação com o inconsciente. Só assim eles evitarão que outro conteúdo se personifique e ataque Heorot novamente.

Jung (2018, p. 101) explica que anima e animus produzem dois impactos no homem ou na mulher dependendo de como o indivíduo age diante deles. O primeiro é que eles podem barrar o desenvolvimento pleno da personalidade do indivíduo. Se constantemente ignorados pelo ego, os conteúdos inconscientes podem se personificar e adquirir certa independência. Isto

⁴⁹ In he came then, the thane's commander,
the arch-warrior, to address Hrothgar:
his courage was proven, his glory was secure.
Grendel's head was hauled by the hair,
dragged across the floor where the people were drinking,
a horror for both queen and company to behold.
They stared in awe. It was an astonishing sight. (HEANEY, 2000, p. 113).

significa que eles constantemente sobem à superfície consciente causando toda sorte de distúrbios e neuroses, para usar as próprias palavras de Jung, “estorvando o caminho”.

Em outras palavras, o sofrimento de Hrothgar e os dinamarqueses, tanto diante da desolação de Grendel como sombra quanto da manifestação de sua mãe como anima, está de acordo com o que Jung diz a respeito do sofrimento que os conteúdos reprimidos personificados em anima podem causar no homem. Entretanto, Beowulf, entendendo que esses conteúdos devem ser devidamente endereçados, vai ao confronto com eles.

Mas se diante do sofrimento trazido à consciência por esses conteúdos o homem agir, não como Hrothgar, isto é, negando, reprimindo, se escondendo, mas como Beowulf, ou seja, enfrentando, reconhecendo e trazendo-os à consciência, o homem pode usar anima como um instrumento, ou como chamou Jung (2018, p. 101), uma função, para o desabrochar de uma personalidade que será enriquecida por esses conteúdos e, com isso, mais apta a se relacionar em sociedade.

A mente de Hrothgar encontrava-se debilitada diante dos ataques de Grendel. O rei guerreiro e destemido que protegeu os dinamarqueses de incontáveis adversários por 50 anos, agora se sentia amedrontado com a devastação que Grendel causava, devastação esta que ele não tinha poder algum para evitar:

Assim governei o país dos dinamarqueses
por cinquenta anos, os defendi em tempo de guerra
com lança e espada contra ataques constantes
de muitas tribos: Eu passei a acreditar
que meus inimigos tinham desaparecido da face da terra.
Ainda assim, o que aconteceu foi uma dura reviravolta
de êxtase à tristeza. Grendel atacou
após aguardar em espreita. Ele trouxe devastação à terra
e a partir desse instante minha mente estava em terror
de suas depredações [...]”. (HEANEY, 2000, p. 121-123)⁵⁰.

Aliás, amedrontado, descreve adequadamente o estado mental de Hrothgar também quando é informado do ataque da mãe de Grendel a Heorot e a morte de um de seus mais queridos escudeiros, Aeschere. Mas Beowulf, através de seu discurso, consegue retirar a mente de Hrothgar desse estado debilitante:

⁵⁰ “Just so I ruled the Ring-Danes’ country
for fifty years, defended them in wartime
with spear and sword against constant assaults
by many tribes: I came to believe
my enemies had faded from the face of the earth.
Still, what happened was a hard reversal
from bliss to grief. Grendel struck
after lying in wait. He laid east to the land
and from that moment my mind was in dread
of his depredations [...]”. (HEANEY, 2000, p. 121-123).

Beowulf, filho de Ecgtheow, falou:
 “Sábio senhor, não lamente. É sempre melhor
 vingar aqueles que são queridos do que entregar-se ao luto.
 Para cada um de nós, viver neste mundo
 significa esperar por nosso fim. Permita a quem quer que possa
 obter glória antes da morte. Quando um guerreiro se vai,
 ela será sua melhor e única edificação.
 Então se levante, meu lorde, e vamos imediatamente
 partir ao encalço desta troll-dama.
 Eu lhe garanto: ela não fugirá
 nem para um covil sob a terra nem para uma floresta sobre a terra
 nem para o fundo do oceano. Ela não terá para onde fugir.
 Suporte seus problemas hoje. Agente firme
 E seja o homem que espero que seja. (HEANEY, 2000, p. 97)⁵¹.

Em comparação, Hrothgar descreve Beowulf como equilibrado, prudente e resolutivo (HEANEY, 2000, p. 117). Qualidades que talvez ele mesmo outrora possuía, mas após 12 anos de conflito com Grendel, foram pouco a pouco dando lugar ao desequilíbrio, à imprudência e à irresolução culminando com o estado de amedrontamento caracterizado por uma completa incapacidade de ação diante da ameaça.

Beowulf e Hrothgar são então imagens análogas ou exemplos daqueles que, como o primeiro, conquistaram sua anima e, como o segundo, foram dominados por ela. Jung (2018, p. 118) afirma que “a conquista de *anima* como complexo autônomo e sua metamorfose numa função de relação entre o consciente e o inconsciente [...] torna possível desembaraçar o *eu* de todas as complicações com a coletividade e com o inconsciente coletivo”. A imagem de equilíbrio, prudência e resolução que Hrothgar via refletida em Beowulf é o resultado de sua vitória sobre a mãe de Grendel e sua transformação no que Jung (2018, p. 119) denominou “personalidade-mana”:

Quem, entretanto, se confronta com a *anima*? Sem dúvida, o eu consciente, e é ele, então, que se apodera da *personalidade-mana*. Esta última, porém, é uma *dominante* do inconsciente coletivo: o conhecido arquétipo do homem poderoso, sob a forma do herói, do cacique, do mago, do curandeiro e do santo, senhor dos homens e dos espíritos, amigo de Deus (JUNG, 2018, p. 119).

⁵¹ Beowulf, son of Ecgtheow, spoke:
 Wise sir, do not grieve. It is always better
 to avenge dear ones than to indulge in mourning.
 For every one of us, living in this world
 means waiting for our end. Let whoever can
 win glory before death. When a warrior is gone,
 that will be his best and only bulwark.
 So arise, my lord, and let us immediately
 set forth on the trail of this troll-dam.
 I guarantee you: she will not get away,
 not to dens under ground nor upland groves
 nor ocean floor. She'll have nowhere to flee to.
 Endure your troubles to-day. Bear up
 and be the man I expect you to be. (HEANEY, 2000, p.97).

Entretanto, logo após afirmar que o eu consciente se apodera da personalidade-mana, Jung (2018, p. 119) afirma que, na verdade, é o último que se apodera do primeiro e que isso representa um perigo anímico para o eu consciente. Para que se possa compreender, então, que perigo é esse, deve-se primeiramente esclarecer o que, para Jung, é mana bem como personalidade-mana.

Jung (2018, p. 118) afirma que anima é dotada de um “poder demoníaco” e que esse poder é a característica primordial de anima como um complexo autônomo, ou seja, é este poder que dota anima de autonomia. Fazendo uso da descrição de Rider Haggard em seu livro “She” que atribui a esse poder “características mágicas e ocultas”, Jung decide doravante chamá-lo de mana. Assim, mana é o poder, a energia ou a força que dá à anima uma característica de dominação. Em outras palavras, mana atribui a anima uma agressividade e uma vontade de se impor e dominar, isto é, o “ela-que-deve-ser-obedecida” de Rider Haggard.

É óbvio, então, que um poder que atribui a quem o detém a capacidade de se impor e dominar seria amplamente disputado. Eis, então, a natureza do conflito entre o consciente e o inconsciente. Ambos estão lutando pelo controle de um grande poder dominador, mas que para a saúde psíquica de qualquer homem é bom que nenhum dos dois o detenha. Se, a priori, Jung (2018, p. 119) afirma que quem vence sua anima absorve sua mana corroborando a “ideia primitiva segundo a qual aquele que mata a personalidade-mana incorpora seu poder,” *a posteriori* demonstra que não é bem assim e que o processo é muito mais complexo e perigoso do que parece ser.

Jung (2018, p. 119) demonstra como do confronto entre o eu consciente e sua anima surge, das profundezas do inconsciente, uma “figura coletiva masculina” e é ela, não o eu consciente, que se apoderando do mana, torna-se assim personalidade-mana. Aqui jaz o “perigo anímico” a que Jung se refere, pois, detentora do mana que outrora encontrava-se em anima, essa figura se impõe sobre e “toma posse da personalidade consciente”. Continuando em sua explanação, Jung demonstra como a ascensão dessa figura, sua posse do mana, põe a perder o progresso adquirido através do conflito entre o eu consciente e a anima, isto é, a transformação do último de complexo autônomo à função de relação entre o consciente e o inconsciente.

Conclui Jung (2018, p. 120) afirmando que, na verdade, no confronto entre o eu consciente e anima “o *eu* não subjuga a *anima* de modo algum; não conquistou então seu mana. A nova mescla, desta vez com uma figura do mesmo sexo, corresponde a uma identificação com a imago, cujo poder é maior do que o da *anima*”. Entretanto, há uma conquista, sim, do eu sobre anima, mas não como se imagina, ou seja, o primeiro se impondo sobre o segundo, mas

um equilíbrio em que anima, abrindo mão de seu mana, deixa de ser um complexo e passa a trabalhar para a regulação da psique do homem. Mas, um vez que “nem o consciente, nem o inconsciente têm o mana” (JUNG, 2018, p. 121), este é dominado e misturado a uma figura muito mais poderosa do que anima que, submergindo do inconsciente e unindo-se ao mana, torna-se um semideus e parte ao ataque para subjugar o eu consciente (JUNG, 2018, p. 119). O terceiro confronto de Beowulf rumo à individuação será o maior e mais avassalador de todos.

4.3. O CONFRONTO COM O SELF – O DRAGÃO WYRM

O dragão simboliza o Caos, no sentido mais amplo, e matar um dragão representa a maior vitória da Verdade Cósmica e da Ordem sobre o Caos. (WATKINS, 1995)⁵²

O poeta de *Beowulf* prossegue narrando como, após a vitória de Beowulf sobre a mãe de Grendel, ele é homenageado e condecorado por Hrothgar e seu povo. O rei, entretanto, alerta Beowulf sobre os perigos que a vontade de poder traz ao homem, isto é, o mesmo perigo anímico a que Jung (2018, p. 119) faz referência. Fazendo uso de uma linguagem religiosa, Hrothgar demonstra como todo o domínio, autoridade e sabedoria vem de Deus e é ele que, “favorecendo a raça humana, permite a mente de homens distintos seguir suas próprias inclinações” (HEANEY, 2000, p. 119), e prossegue:

Ele permite o homem ser senhor de muitas terras
até que o homem, em sua irracionalidade
esquece que irá acabar para ele.
Ele se entrega em satisfazer seus desejos; doença e velhice
não significam nada para ele; sua mente é imperturbável
pela inveja ou malícia ou a ideia de inimigos
com suas espadas afiadas pelo ódio. O mundo todo
se conforma a sua vontade, ele é privado do pior
até que um elemento de arrogância
entra nele e o possui
enquanto os guardas da alma, suas sentinelas, dormem,
distráidas. Um assassino o espreita,
um arqueiro trazendo um arco mortal.
E então o homem é atingido no coração,
a flecha viaja abaixo de suas defesas,
começam as malignas ações do demônio. (HEANEY, 2000, p. 119-121)⁵³.

⁵² The dragon symbolizes Chaos, in the largest sense, and killing the dragon represents the ultimate victory of Cosmic Truth and Order over Chaos. (WATKINS, 1995).

⁵³ He permits him to lord it in many lands
until the man in his unthinkingness
forgets that it will ever end for him.
He indulges his desires; illness and old age
mean nothing to him; his mind is untroubled

O discurso de Hrothgar é análogo à teoria de Jung no que tange ao perigo de se identificar com a personalidade-mana que surge após o confronto com anima. A arrogância a que Hrothgar se refere é análoga à imagem da personalidade-mana, isto é, o arquétipo coletivo masculino do herói que, se apoderando da personalidade consciente, faz com que ela acredite ser um “super-homem” (JUNG, 2018, p. 120).

Na realidade é a figura do *mag* (chamo-o assim, para simplificar), que atrai para si o mana, isto é, o valor autônomo da *anima*. No entanto, só na medida em que identificarme inconscientemente com aquela figura, julgarei que sou, eu mesmo, o possuidor do mana de *anima*. É o que acontece infalivelmente nestas circunstâncias. (JUNG, 2018, p. 119).

Qual é o resultado, então, daquele que se identifica com a personalidade-mana?

Hrothgar responde esta pergunta na segunda parte de seu discurso dizendo:

Suas velhas possessões parecem triviais para ele agora.
Ele cobiça e se ressentido, desonra os costumes
e não mais presenteia com ouro; e por conta das boas coisas
que os Poderes Celestiais lhe deram no passado
ele ignora as coisas que estão por vir.
Então finalmente o fim chega
Quando o corpo que a ele foi emprestado entra em colapso e cai
vítima de sua morte; as posses ancestrais
e os bens por ele armazenados são herdados por outro
que os distribui com mão liberal. (HEANEY, 2000, p. 121)⁵⁴.

Percebe-se pelo discurso de Hrothgar que o homem que se identifica com a personalidade-mana torna-se ganancioso e arrogante. Ele acredita ser superior a todos, por isso

by envy or malice or the thought of enemies
with their hat-horned swords. The whole world
conforms to his will, he is kept from the worst
until an element of overweening
enters him and takes hold
while the soul's guards, its sentry, drowns,
grown too distracted. A killer stalks him,
an archer who draws a deadly bow.
And then the man is hit in the heart,
the arrow flies beneath his defences,
the devious promptings of the demon start. (HEANEY, 2000, p 119-121).

⁵⁴ His old possessions seem paltry to him now.
He covets and resents; dishonours custom
and bestows no gold; and because of good things
that the Heavenly Powers gave him in the past
he ignores the shape of things to come.
Then finally the end arrives
when the body he was lent collapses and falls
prey of its death; ancestral possessions
and the goods he hoarded are inherited by another
who lets them go with liberal hand. (HEANEY, 2000, p. 121).

desmerece os costumes. Ingrato, acredita que os bens que possui vieram dele mesmo, por ele mesmo e para ele mesmo. E mesquinho, não reconhece mais a importância do outro, pois só ele se basta. Até que chega o fim e o processo se repete *ad infinitum*.

A identificação, então, com a personalidade-mana, afirma Jung (2018, p. 125), é como vestir uma máscara assim como a persona. Mas diferentemente da persona, esta máscara evita o desenvolvimento da humanidade do indivíduo, pois ele se “converte numa figura coletiva” perdendo, assim, sua individualidade. É o “eu o meu Pai somos um” do Evangelho de João, capítulo 10, versículo 30, a que Jung (2018, p. 120) também se refere. Nele Jesus perde sua individualidade e se mescla com a do Pai. Essa mensagem é corroborada pelo apóstolo Paulo em sua Epístola aos Romanos, capítulo 11, versículo 36, quando afirma “porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente”, cuja essência está presente no discurso de Hrothgar. E também por Jung (2018, p. 125) quando afirma que “Devemos por isso ter cuidado de não sucumbir à dominância da personalidade-mana. Esse perigo consiste em ter de assumir a máscara paterna ou então o de ficar entregue à dita máscara, usada por outro. Neste sentido, mestre e discípulo se equivalem”.

Hrothgar prossegue em seu discurso alertando Beowulf a não deixar ser dominado pelo orgulho.

Ó flor dos guerreiros, tenha cuidado com está armadilha.
Escolha, caro Beowulf, a melhor parte,
recompensas eternas. Não dê espaço ao orgulho.
Por um breve momento sua força está em flor
mas ela se desfaz rapidamente; e breve se seguirá
doença ou a espada para abatê-lo
ou um fogo repentino ou volume de água
ou espada pujante ou dardo do ar
ou a idade repelente. Seu olho penetrante
diminuirá e se escurecerá; e a morte chegará,
caro guerreiro, para levar-lhe. [...]. (HEANEY, 2000, p. 121)⁵⁵.

Da mesma forma afirma Jung (2018, p. 121): “se o *eu* desistir de sua pretensão à vitória, cessará automaticamente sua possessão pelo mago”. O confronto com a personalidade-mana

⁵⁵ “O flower of warriors, beware of that trap.
Choose, dear Beowulf, the better part,
eternal reward. Do not give away to pride.
For a brief while your strength is in bloom
but it fades quickly; and soon there will follow
illness or the sword to lay you low,
or a sudden fire or surge of water
or jabbing blade or javelin from the air
or repellent age. Your piercing eye
will dim and darken; and death will arrive,
dear warrior, to sweep you away”. (HEANEY, 2000, p. 121).

gera um “conflito energético” (JUNG, 2018, p. 121). De um lado o eu e do outro a personalidade-mana. No centro do conflito, afirma Jung (2018, p. 121), forma-se um “elemento unificador.” Samuels (1985, p. 72), elaborando a respeito da individuação, vai se referir a um eixo entre o ego e o self, isto é, uma relação de codependência e que, embora o self seja infinitamente superior ao ego, nenhum dos dois pode existir sem o outro.

Do centro do conflito ego e self surge um elemento que detém características de ambos. A oportunidade de transcender a um novo nível de consciência. Mas se o ego insistir em sua disputa com o self, esse elemento perderá força e morrerá. Contudo se o ego, desistindo de sua disputa por poder com o self, focar sua atenção em novo elemento este será fortalecido pelo ego e a transcendência ocorrerá (SAMUELS, 1985, p. 72).

Beowulf retorna ao reino dos Getas e à corte de Hygelac após sua vitória sobre a mãe de Grendel trazendo consigo os numerosos tesouros que ganhou de Hrothgar, bem como sua fama de herói mais do que estabelecida. Beowulf narra seu confronto com Grendel e sua mãe e presenteia Hygelac com os tesouros que trouxera. Fazendo isto, Beowulf demonstra que, tendo ouvido os conselhos de Hrothgar, não deu lugar à ganância e por isso ele é reconhecido.

Então Beowulf se portou com valor;
 ele foi formidável em batalha e ainda assim se comportou com honra
 e não tomou vantagem; nunca matou
 um companheiro que estava bêbado, manteve seu temperamento
 e, guerreiro que era, observou e controlou
 sua força e impressionante
 poderes naturais por Deus a ele enviados [...]. (HEANEY, 2000, p. 149)⁵⁶.

Até a opinião que os Getas e também Hygelac tinham dele mudou.

[...] ele foi mal reconhecido
 por muito tempo, era tomado pelas Getas
 por menos que ele valia; e seu senhor também
 nunca o estimou muito no salão de hidromel.
 Eles acreditavam que ele não tinha força
 que o príncipe era um fraco, mas agora
 toda afronta a seu merecimento foi revertida. (HEANEY, 2000, p. 149)⁵⁷.

⁵⁶ Thus Beowulf bore himself with valour;
 he was formidable in battle yet behaved with honour
 and took no advantage; never cut down
 a comrade who was drunk, kept his temper
 and, warrior that he was, watched and controlled
 his God-set strength and his outstanding
 natural powers [...]. (HEANEY, 2000, p. 149).

⁵⁷ [...] He had been poorly regarded
 for a long time, was taken by the Geats
 for less than he was worth; and their lord too
 had never much esteemed him in the mead-hall.
 They firmly believed that he lacked force,
 that the prince was a weakling; but presently
 every affront to his deserving was reversed. (HEANEY, 2000, p. 149).

Hygelac é morto em campo de batalha durante a guerra descrita no capítulo 1 desta obra. Os Geats se viram para Beowulf para que ele assuma o trono, mas Beowulf decide por apoiar e se tornar conselheiro do filho de Hygelac, Heardred, que morre assassinado pelo próprio tio, Onela – evento que fora descrito no capítulo 1. Beowulf se torna senhor dos Geats e governa por 50 anos até que um dragão, *Wyrm*, é despertado e Beowulf se vê na eminência de arriscar sua vida mais uma vez, mas agora na velhice.

Em uma caverna no fundo da terra, com entrada escondida e desconhecida por todos, dorme um dragão cercado de ricos tesouros de uma civilização antiga e já extinta. Um invasor incauto descobre, por acidente, a entrada da caverna e ao entrar se depara com o guardião adormecido desse incomensurável tesouro. Ele consegue, talvez por sorte ou astúcia, furtar um cálice cravejado de pedras preciosas e escapar sem o conhecimento do dragão que, ao despertar e percebendo que seu covil tinha sido invadido e, além do mais, um de seus tesouros roubado, se enfurece (HEANEY, 2000, p. 151):

No mundo Germânico encontramos outra modalidade simbólica do Caos. É o “trabalho” do dragão, como afirmou o Professor William Alfred, guardar tesouro. Isto é, o dragão evita que a riqueza circule: o maior mal da sociedade em que a troca de presente e a generosa doação de riquezas institucionaliza precisamente essa circulação. (WATKINS, 1995, p. 300?)⁵⁸.

O tesouro, como afirmado no parágrafo anterior, não pertence originalmente ao dragão, mas fora coletado por uma grande e antiga civilização e depositado na caverna pelo último de seus representantes. Narra o poema que os membros dessa raça superior foram um a um sucumbindo à morte até que restou apenas um e este, devolvendo o tesouro à terra de onde originalmente fora retirado, o depositou na caverna (HEANEY, 2000, p. 153).

O poema não revela que civilização seria esta, mas afirma que “alguém, agora esquecido / tinha enterrado as riquezas de uma alta raça / neste antigo depósito” (HEANEY, 2000, p. 153)⁵⁹. Essa pessoa, o último representante de sua raça, agora sozinho, cuida do tesouro e passa seus dias lamentando sua condição solitária. Percebe-se em seu breve discurso um respeito de sua parte para com o tesouro:

Agora, terra, receba o que nobres antes possuíam
e heróis não podem mais; foi retirado de ti primeiro

⁵⁸ In the Germanic world we find yet another modality of symbolic Chaos. It is the dragon’s “job”, as Professor William Alfred has put it, to guard treasure. That is, the dragon keeps wealth from circulating: the ultimate evil in society in which gift-exchange and the lavish bestowal of riches institutionalizes precisely that circulation. (WATKINS, 1995, p. 300).

⁵⁹ somebody now forgotten
had buried the riches of a high-born race
in this ancient cache [...]. (HEANEY, 2000, p. 153).

por homens honrados. Meu próprio povo
foi arruinado pela guerra; um por um
eles caíram no leito de morte, olharam pela última vez
a doce vida no salão. Eu fui deixado sozinho [...], (HEANEY, 2000, p. 153)⁶⁰.

Percebe-se, ainda, uma certa devoção ou fascinação pelo tesouro, pois ele lamenta não ter ninguém para, talvez, ajudá-lo a “pôr um brilho na taça” (HEANEY, 2000, p. 153)⁶¹, ou “polir o metal da máscara de guerra” (HEANEY, 2000, p. 153)⁶². Mas para que lustrar e polir o tesouro se ninguém havia para admirá-lo? Apenas uma fascinação explicaria o motivo pelo qual ele é incapaz de abandonar o tesouro, e a tristeza de seu coração pela sua solidão o consome até a morte: “Até então com pesar no coração ele lamentava sua tristeza, sozinho quando todos tinham partido; miseravelmente ele clamava alto de dia e de noite até que a maré da morte tocou seu coração” (TOLKIEN, 2014a, p. 79)⁶³.

Só então é que o dragão, Wyrn, encontra aberta a entrada do local onde estava depositado o tesouro, e tomando posse dele o guarda por 300 anos (HEANEY, 2000, p. 155). Parece muita coincidência que Wyrn tenha encontrado o tesouro apenas após a morte de seu último guardião, uma vez que o próprio texto afirma: “seu foco é caçar / tesouros subterrâneos, guardar ouro pagão / por vigílias eternas, embora com propósito algum” (HEANEY, 2000, p. 155)⁶⁴. E embora Chambers (2005, loc. 290) afirme que a descrição de Wyrn em *Beowulf* está de acordo com a tradição europeia do dragão e que “as crônicas anglo-saxãs nos asseguram que dragões de fogo voavam em Northumbria até 793 AD”⁶⁵, não seria exagero especular que o homem que depositou o tesouro tenha sucumbido a seu fascínio e tristeza e se transformado em um dragão.

Tolkien em “O Senhor dos Anéis - a Sociedade do Anel” descreve a transformação de Sméagol após este ter tomado posse do “Um Anel” estrangulando seu amigo Déagol que o achara no leito de um rio (TOLKIEN, 2014c, p. 52). O “Um Anel” o perverte e transforma sua

⁶⁰ “Now, Earth, hold what earls once held
and heroes can no more; it was mined from you first
by honourable men. My own people
have been ruined in war; one by one
they went down to death, looked their last
on sweet life in the hall. I am left with nobody [...]” (HEANEY, 2000, p. 153).

⁶¹ Put a sheen on the cup. (HEANEY, 2000, p. 153).

⁶² Who should polish the metal of the war-mask sleeps. (HEANEY, 2000, p. 153).

⁶³ Even thus in woe of heart he mourned his sorrow, alone when all had gone; joyless he cried aloud by day and night, until the tide of death touched at his heart. (TOLKIEN, 2014a, p. 79).

⁶⁴ He is driven to hunt out
hoards under ground, to guard heathen gold
through age-long vigils, though to little avail. (HEANEY, 2000, p. 155)

⁶⁵ Anglo-Saxon Chronicle assures us that fiery dragons were flying in Northumbria as late as A.D. 793. (CHAMBERS, 2005, loc. 290).

natural curiosidade em malícia: “ele ganhou visão aviada e ouvidos aguçados para tudo que podia machucar” (TOLKIEN, 2014c, p. 52).

De dentro da psique de Sméagol surge uma outra personalidade que, obcecada pelo “Um Anel”, é pervertida e corrompida. A esta personalidade foi dado o nome de Gollum pelo constante som que Sméagol fazia com a garganta (TOLKIEN, 2014c, p. 52). Gollum é exilado a viver em solidão e levando consigo o “Um Anel”, seu precioso tesouro, para o mais profundo das Montanhas da Névoa, e por 400 anos o guarda como um dragão guarda seu tesouro. Até que em *O Hobbit Bilbo Bolseiro*, por acidente, encontra o anel (TOLKIEN, 2014b, p. 65).

Ambas as traduções de Heaney (2000, p. 155) e de Tolkien (2014a, p. 79) afirmam que o coração do homem que depositou o tesouro fora inundado por uma maré de morte. Jung (2018, p. 119), por sua vez, descreve que o self em busca do mana do conflito entre o ego e anima, surge do mais profundo recanto da psique e se apodera da personalidade.

Quem, entretanto, se confronta com *anima*? Sem dúvida, o eu consciente, e é ele, então, que se apodera da *personalidade-mana*. Esta última, porém, é uma *dominante* do inconsciente coletivo: o conhecido arquétipo do homem poderoso, sob a forma do herói, do cacique, do mago, do curandeiro e do santo, senhor dos homens e dos espíritos, amigo de Deus. (JUNG, 2018, p. 119).

Tal como a personalidade Sméagol fora suplantada por Gollum em “O Senhor dos Anéis”, assim também o homem que depositou o tesouro de seu povo em Beowulf foi inundado por Wyrn. O sentimento para Sméagol e o homem é de quase morte, mas não o é ainda. Gandalf afirma que Sméagol não foi completamente dominado por Gollum e que após ter perdido o “Um Anel”, sua mente começou a clarear.

Até Gollum não foi completamente arruinado. Ele se provou mais forte do que até um dos mais sábios teria adivinhado – como um hobbit seria. Havia um pequeno canto em sua mente que permanecia dele, e a luz atravessou ele, como através de uma rachadura no escuro: luz do passado. (TOLKIEN, 2014c, p. 53)⁶⁶.

O processo ao qual Sméagol é submetido, isto é, ser dominado por Gollum, e o homem em *Beowulf* que é subjugado por Wyrn é análogo ao eu em Jung (2018, p. 120), que em seu engano imagina que possui o tesouro, na verdade é dominado por ele. Assim é que Gollum, Wyrn e personalidade-mana são representações de um e mesmo arquétipo, isto é, o que Jung (2018, p. 119) chamou de dominante masculino que, assumindo inúmeras formas, herói, mago, feiticeiro, o Adão Belial de Papus (1973) e até dragão representa um perigo anímico. Entretanto:

⁶⁶ Even Gollum was not wholly ruined. He had proved tougher than even one of the Wise would have guessed – as a Hobbit might. There was a little corner of his mind that was still his own, and light came through it, as through a chink in the dark: light out of the past. (TOLKIEN, 2014c, p. 53).

Numa circunstância destas, se nosso *eu* mesquinho e limitado possuir uma centelha de autoconhecimento, deverá retirar-se, abandonando o mais depressa possível qualquer ilusão de poder e de importância. Sim, foi um engano, o eu não subjugou a *anima* e, portanto, não conquistou o seu *mana*. A consciência não se tornou senhora do inconsciente; simplesmente a *anima* perdeu sua arrogância, e isto na medida em que o eu se confrontou com o inconsciente. Este confronto não representou, porém, uma vitória da consciência sobre o inconsciente, mas sim o estabelecimento de um equilíbrio entre os dois mundos. (JUNG, 2018, p. 120).

O equilíbrio entre os mundos, consciente e inconsciente, é então a meta no terceiro estágio para a individuação e também à reintegração. Entretanto, esse equilíbrio se dá pelo estabelecimento de um novo elemento que se forma no centro do conflito entre o eu e o self (SAMUELS, 2015, p. 49), e que sendo fortalecido pelo ego, dará início ao que Jung chamou de função transcendente. Uma nova forma de consciência, uma nova forma pela qual o ego se relaciona com o mundo:

Jung chamou este processo de “função transcendente” para enfatizar como opostos que poderiam dialogar um com o outro e influenciar um ao outro podem na verdade fazê-lo transcendendo suas velhas posições em relação ao consciente e inconsciente e encontrar uma nova posição atrelada ao ego. (SAMUELS, 2015, p. 49)⁶⁷.

Em *Beowulf* o conflito entre o consciente e o inconsciente, o ego e o personalidade-mana, é travado por Beowulf e o dragão Wyrn. Tolkien (2012, loc. 300-301)⁶⁸ define a palavra dragão ou draco como sendo “a personificação da malícia, ganância e destruição (o lado perverso da vida heroica), e da crueldade indiscriminada da fortuna que não faz distinção entre o bem e o mal (o aspecto mal de toda vida)”. A primeira parte da definição de Tolkien é corroborada pelo próprio Beowulf que chama e/ou descreve Wyrn de maligno (HEANEY, 2000, p. 171), ganancioso (HEANEY, 2000, p. 155) e destruidor (HEANEY, 2000, p. 157). Já a segunda parte trata da própria natureza da divindade que agindo indiscriminadamente diz “eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas” (Is 45,7).

Aliás, Jung (2018, p. 128) descreve a personalidade-mana quase como uma divindade quando afirma que “a personalidade-mana representa um ser de uma sabedoria superior e de uma vontade igualmente superior”. Da mesma forma Heaney (2000, p. xix), em sua introdução a sua tradução do poema Beowulf, afirma:

Dragão equivale a sombra, o vale da sombra da morte do salmista, a incorporação de um conhecimento engendrado no profundo da espécie que é o próprio conhecimento

⁶⁷ Jung called this process the ‘transcendent function’ to emphasise how opposites that could dialogue with each other and engage in mutual influence might actually do so by transcending their old positions in consciousness and unconsciousness and finding a new position, attached to the ego. (SAMUELS, 2015, p. 49).

⁶⁸ Draco: a personification of malice, greed, destruction (the evil side of heroic life), and of the indiscriminating cruelty of fortune that distinguishes not good or bad (the evil aspect of all life).

do preço que se deve pagar por uma sobrevivência física e espiritual. (HEANEY, 2000, p. xix)⁶⁹.

Wyrm é, então, sabedoria e poder, isto é, a totalidade como descreve Jung (2017b, p. 37). Tamanho conhecimento e força dão a Wyrm uma característica importante, isto é, uma “inevitabilidade”, como afirma (HEANEY, 2000, p. xviii), e que em outras palavras, representa a característica de que, quando manifesto, não pode ser ignorado. Heaney (2000, p. xix) descreve a manifestação de Wyrm como algo glorioso, “uma refulgência de fogos de artifício” que é análoga à descrição da queda de Lúcifer em Isaías, capítulo 14, versículo 12: “como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações”.

Wyrm desperta e em sua fúria por ter seu covil invadido e um de seus tesouros roubados espalha morte e destruição pela terra dos Geats. A Beowulf é dado a notícia de que as melhores construções e até o trono dos Geats fora reduzido a cinzas pelo dragão (HEANEY, 2000, p. 159). Beowulf, ao ouvir a notícia, cai em profunda angústia e a escuridão toma conta de sua mente (HEANEY, 2000, p. 159).

Aqui faz-se necessária uma digressão, pois o estado mental de Beowulf e sua natureza constituem-se profundamente importantes para o presente estudo. Beowulf, afirma Tolkien (2012, loc. 326-327)⁷⁰, “não é, então, o herói de uma canção heroica, precisamente. Ele não possui nem lealdades enredadas tampouco amor desafortunado. Ele é um homem, e isto para ele e muitos é tragédia suficiente”. Assim, o estado de angústia de Beowulf revela sua humanidade e demonstra que ele não caiu na armadilha anímica descrita por Jung (2018, p. 119), isto é, identificar-se com a personalidade-mana, em outras palavras, o arquétipo do herói. Jung (2018, p. 121) afirma que “a assimilação do eu pelo si-mesmo deve ser considerado como uma catástrofe psíquica”. Catástrofe, pois, representaria a aniquilação do eu e a perda completa de domínio deste sobre seu ser.

A título de ilustração, Siegfried em “Das Nibelungenlied” (THE NIBELUNGENLIED, 1965, p. 121), em português, a Canção dos Nibelungos, pode ser um exemplo do homem que se identificou e se mesclou com o arquétipo do herói. Narra o poema que quando Siegfried “matou um dragão aos pés da montanha o galante cavaleiro se banhou no sangue do dragão”. Este ato deu imortalidade a Siegfried. Contudo, uma parte de seu ombro não recebeu o sangue

⁶⁹ Dragon equal shadow-line, the psalmist’s valley of the shadow of death, the embodiment of a knowledge deeply ingrained in the species which is the very knowledge of the price to be paid for physical and spiritual survival. (HEANEY, 2000, p. xix).

⁷⁰ Beowulf is not, then, the hero of an heroic lay, precisely. He has no enmeshed loyalties, nor hapless love. He is a man, and that for him and many is sufficient tragedy. (TOLKIEN, 2012, loc. 326-327).

do dragão, pois estava coberta por uma pequena folha e esse é o único ponto vulnerável de Siegfried. Kriemhild, esposa de Seigfried, confidencializa essa história com um parente que trai sua confiança narrando a história ao rei Gunther que queria se livrar de Siegfried.

Diferente de Siegfried, Beowulf não se torna um semideus. Ele não tem o seu eu inundado pela totalidade. O “Eu e meu Pai somos um,” isto é, a assimilação do eu pelo si-mesmo não acontece com ele que, mantendo sua individualidade, parte para o confronto com Wyrm, que ameaça suplantar, absorver e aniquilar a tudo e a todos. Em sua velhice, pois supõe-se que tenha ao redor de 70 anos, uma vez que seu reinado foi de 50 anos e supõe-se que já tinha 20 anos aproximadamente quando confrontou Grendel e sua mãe, Beowulf ainda detém a força com que foi vitorioso em todos os seus confrontos no passado (HEANEY, 2000, p. 159).

Assim é que Beowulf, mantendo completo domínio de si mesmo, manda preparar um grande escudo de ferro (HEANEY, 2000, p. 159), e juntamente com 11 guerreiros, vai ao encontro de Wyrm (HEANEY, 2000, p. 163). Mas tarde, aos 11 é adicionado mais um, aquele que encontrara o covil de Wyrm e roubara o cálice, compondo, assim, 12 o número de guerreiros e 13 o número da companhia juntamente com Beowulf. Não há como evitar associar o número de guerreiros que acompanham Beowulf, isto é, 12, ao número de apóstolos que acompanham Jesus. Entretanto, não há base alguma que justifique tal associação a não ser pessoal. Ademais, se a intensão do poeta de *Beowulf* foi unir a imagem de Beowulf com a de Jesus através do número de seus seguidores ele teria repetido isso ao longo do texto, e não é o que acontece. Quando Beowulf sai da terra dos Geats para se confrontar com Grendel, ele viaja com mais 14 guerreiros formando assim uma companhia de 15 homens (HEANEY, 2000, p. 15). Da mesma forma, quando vão no encalço da mãe de Grendel, o texto diz que eles saem com “uma tropa de escudeiros” (HEANEY, 2000, p. 97)⁷¹. Por fim, parece que até Tolkien, que muito bebeu da fonte que é *Beowulf* no processo de construção do universo *O Senhor dos Anéis*, evita essa associação, pois ao formar “A Sociedade do Anel” a compõe com apenas 9 companheiros, a saber: 4 Hobbits: Frodo, Pippin, Meriadoc e Sam; 2 homens, Passo-largo ou Aragorn, e Boromir; 1 Elfo: Legolas; 1 Anão: Gimli; e por fim um Mago: Gandalf (TOLKIEN, 2014c, p. 268).

Beowulf e sua companhia são guiados, a contragosto, pelo único que conhecia a entrada da caverna, o depósito subterrâneo de onde ele tirara o cálice (HEANEY, 2000, p. 163).

⁷¹ The wise king mounted
the royal saddle and rode out in style
with a force of shield-bearers. (HEANEY, 2000, p. 97).

Beowulf se assenta no topo de um monte, e prevendo seu destino, tem seu coração inundado de tristeza, pois pressentia a hora de sua morte (HEANEY, 2000, p. 165).

Seu destino pairava por perto, incompreensível, mas certo:
em breve ele reclamaria sua alma,
a vida abandonaria seus membros. Breve
o espírito do príncipe deixaria seu corpo. (HEANEY, 2000, p. 165)⁷².

A tristeza de Beowulf, como guerreiro inserido na sociedade e cultura nórdicas, não pode estar embasada apenas no medo de morrer. Os nórdicos almejavam e até sonhavam, pode-se dizer assim, com uma morte em campo de batalha, pois representava a única forma de se alcançar Valhalla. Neil Gaiman em seu livro “Mitologia Nórdica” descreve esse processo dizendo:

Se você for bravamente derrotado em guerra as Valquírias, belas mulheres guerreiras que coletam as almas dos nobres mortos, irão toma-lo e leva-lo ao salão conhecido como Valhalla. Ele [Odin] estará esperando por você em Valhalla, e lá você irá beber e lutar e festejar e batalhar, com Odin como seu líder. (GAIMAN, 2017, p. 23)⁷³.

Ademais, Beowulf sempre arriscou sua vida em todos os seus conflitos, seja contra Grendel e sua mãe, ou em sua competição a nado com Breca em que nadaram por cinco noites até que Beowulf foi atacado por uma criatura marinha e levado ao fundo do mar (HEANEY, 2000, p. 37-39). Ou ainda quando lutou contra os frísios na batalha em que Hygelac morreu e que fora descrita pelo poeta como o encontro mais cruel de Beowulf (HEANEY, 2000, p. 161). Assim é que morrer batalhando contra um dragão não deveria causar tristeza em Beowulf, mas sim euforia, pois certamente alcançaria Valhalla.

Não obstante, o poeta descreve Beowulf triste e melancólico embora resolutivo diante do covil de Wyrn. Talvez por que a ameaça de Wyrn represente mais do que um perigo de morte, mas “algo mais significativo do que um herói qualquer, um homem confrontando um inimigo mais maligno do que qualquer inimigo humano de casa e reino” (TOLKIEN, 2012, loc. 303-306)⁷⁴. Do alto do morro em que se assentava, Beowulf conseguia avistar a entrada do covil de Wyrn. “Além está a possibilidade de vitória eterna (ou derrota eterna), e a batalha real é entre a alma e seus adversários” (TOLKIEN, 2012, loc. 398-399):

Beowulf falou, fez um discurso formal

⁷² His fate hovered near, unknowable but certain:

it would soon claim his coffered soul,

part life from limb. Before long

the prince's spirit would spin free from his body. (HEANEY, 2000, p. 165).

⁷³ If you fall bravely in war the Valkyries, beautiful battle-maidens who collect the souls of the noble dead, will take you and bring you to the hall known as Valhalla. He will be waiting for you in Valhalla, and there you will drink and fight and feast and battle, with Odin as your leader. (GAIMAN, 2017, p. 23).

⁷⁴ Something more significant than a standard hero, a man faced with a foe more evil than any human enemy of house or realm. (TOLKIEN, 2012, loc. 303-306).

pela última vez: “eu arrisquei minha vida frequentemente quando era jovem. Agora eu estou velho, mas como rei do povo eu travarei essa batalha pela glória da vitória, se o maligno apenas sair de seu forte terrestre e me encarar em campo aberto.” (HEANEY, 2000, p. 169-171)⁷⁵.

Wyrm apresenta um perigo muito maior do que simplesmente a morte física. Como afirmou Tolkien (2012, loc. 902-906), “o inimigo é sempre interno e externo”⁷⁶. Wyrm, como arquétipo da totalidade, isto é, o si-mesmo, ameaça inundar e com isso aniquilar por completo o eu. A tristeza de Beowulf, sua melancolia, está embasada no perigo que pressentia de ser tomado pela totalidade e perder sua individualidade. Em outras palavras, o cenário catastrófico a que Jung (2017a, p. 37) faz menção em seu livro “Aion – Estudo Sobre o Simbolismo do Si-mesmo”.

Após seu discurso, Beowulf se dirige a cada um de seus 12 guerreiros instruindo-os para que mantenham guarda no monte e observem quem sairia vitorioso do conflito, pois aquela batalha não lhes dizia respeito (HEANEY, 2000, p. 171). Ele parte em direção à entrada da caverna onde ficava o covil de Wyrm, e como que liberando toda a raiva que sentia e o fardo que carregava dentro de si, dá um grito (HEANEY, 2000, p. 173). Wyrm responde ao grito de Beowulf imediatamente, fumaça do folego do dragão é lançada para fora da caverna, e a terra treme como prelúdio ao seu surgimento (HEANEY, 2000, p. 173):

Beowulf o guerreiro
levantou seu escudo: o mostro grotesco
se contorceu e se agitou e maliciosamente
se virou para o rei, cuja espada afiada,
uma herança herdada por direito antigo,
já estava em suas mãos. Agitados em fúria,
cada antagonista enchia o outro de terror. (HEANEY, 2000, p. 173)⁷⁷.

O fato de que o poeta de *Beowulf* chama Wyrm e Beowulf de antagonistas é muito significativo para esta análise, especialmente quando se percebe que foi dessa forma que

⁷⁵ Beowulf spoke, made a formal boast for the last time: “I risked my life often when I was young. Now I am old, but as king of the people I shall pursue this fight for the glory of winning, if the evil one will only abandon his earth-fort and face me in the open.” (HEANEY, 2000, p. 169-171).

⁷⁶ The foe is always both within and without (Kindle edition loc. 902-906).

⁷⁷ Beowulf the warrior lifted his shield: the outlandish thing writhed and convulsed and viciously turned on the king, whose keen-edged sword, was already in his hand. Roused to a fury each antagonist struck terror in the other. (HEANEY, 2000, p. 173).

Samuel (2015, p. 71), em seu livro “The Post-Junguians”, descreveu a relação entre o ego e o self e como o primeiro advém e evolui a partir do segundo, e o segundo como elemento supra ordenado cerca o primeiro por todos os lados e completa:

Jung enfatiza essas duas facetas da consciência. Primeiro, discriminação. Está é a capacidade de distinguir ego de não-ego, sujeito de objeto, positivo de negativo e assim por diante. Pois é impossível falar de juntar posições opostas sem primeiro tê-las distinguido como opostas. Sem a consciência-ego não haveria tal discriminação e, assim, na visão de Jung, nada além de cego instinto. (SAMUELS, 2015, p. 47)⁷⁸.

Wyrn, assim como o self, cerca Beowulf por todos os lados lançando fogo sobre ele, que se defende com seu escudo e se mantém firme (HEANEY, 2000, p. 173). Beowulf tenta ferir Wyrn com sua espada, mas as escamas do monstro o protegem e este, cada vez mais enfurecido, lança fogo sobre Beowulf (HEANEY, 2000, p. 175). É evidente, pela narrativa, que o poder de Wyrn é imensamente superior ao de Beowulf e o ataque do último sobre o primeiro seria como o ataque de um homem contra Deus. Samuels (2015, p. 46) explica que, embora supremo, o self precisa que o ego desafie sua supremacia. Há uma relação de interdependência entre o ego e o self, “o ego deve tentar dominar a psique e o self deve tentar impedir o ego de fazê-lo.” (SAMUELS, 2015, p. 46)⁷⁹.

Onze dos doze guerreiros que acompanharam Beowulf fogem assustados diante do poder avassalador de Wyrn e ao verem seu rei, envolto em chamas, sucumbindo à derrota. Apenas um permanece firme em vigilância e “seu nome era Wiglaf, filho de Weohstan, / um bem quisto guerreiro Shylfing / parente de Aelfhere” (HEANEY, 2000, p. 175)⁸⁰. Wiglaf, embora benquisto, era um jovem e inexperiente guerreiro, conforme escreveu Chambers (2005, loc. 312), e que, na hora em que Beowulf mais precisava, o encorajou e o fortaleceu. Wiglaf, ao ver Beowulf em chamas, toma seu escudo e empunha uma espada que é descrita como muito antiga, tendo pertencido a Eanmund, filho de Ohthere, que fora vencido por Weohstan, pai de Wiglaf, na guerra civil pelo trono da Suécia, que tinha sido ocupado por Onela após a morte de seu irmão Ohthere. Esse evento foi descrito no capítulo 1, Beowulf e a Historiografia. O relevante neste momento da análise é o fato de que a espada empunhada por Wiglaf é descrita da mesma forma que a espada que Beowulf encontra no esconderijo da mãe de Grendel. Ambas

⁷⁸ Jung stresses these two facets of consciousness. First, discrimination. This is the capacity to distinguish ego from non-ego, subject from object, positive from negative and so on. For it is impossible to talk of bringing opposite positions together without first having distinguished them as opposites in the first place. Without ego-consciousness there would be no such discrimination and, therefore, in Jung’s view, nothing but blind instinctuality. (SAMUELS, 2015, p. 47).

⁷⁹ The ego must try to dominate the psyche and the self must try to make the ego give up that attempt. (SAMUELS, 2015, p. 46).

⁸⁰ His name was Wiglaf, a son of Weohstan’s, a well-regarded Shylfing warrior related to Aelfhere. (HEANEY, 2000, p. 175).

as espadas são “reliquias dos gigantes “(HEANEY, 2000, p. 177)⁸¹. Chambers (2005, loc. 6542)⁸² afirma, ainda, que no texto original em anglo-saxão as espadas são descritas usando a mesma frase, isto é, *ealdsweord eotenisc* e que se refere a “armas das quais o segredo e a origem se perderam”.

Wiglaf, surgindo como um elemento novo no conflito entre Beowulf e Wyrm, após fazer um discurso nobre para seus companheiros em defesa de seu senhor, vai ao encontro de Beowulf e diz:

Continue, caro Beowulf, a fazer tudo
que você disse que faria quando ainda era jovem
e jurou que nunca deixaria seu nome e fama
serem reduzidos enquanto você vivesse. Seus atos são famosos,
então permaneça resoluto, meu senhor, defenda sua vida agora
com toda a sua força. Eu permanecerei ao seu lado. (HEANEY, 2000, p. 179-181)⁸³.

Samuels (2015, p. 47), discorrendo a respeito da função transcendente, vai demonstrar como o ego, diante do conflito de atitudes opostas, isto é, a atitude consciente pela qual o eu sempre se portou e uma atitude inconsciente, subjugada e latente, que emergindo do inconsciente entra no campo da “consciência-ego” se divide em dois, e um campo no centro do conflito é formado. Esse campo central, para Samuels, é muito importante, pois ele combina elementos opostos em um “novo produto”. Os dois extremos do conflito, então, tentam dominar esse “novo produto” e, nestas condições, dois cenários se apresentam. No primeiro, o ego favorece um dos opostos extremos e com isso tem o “novo produto” destruído, e no segundo, o ego se fortalecendo protege o “novo produto”, que então se torna mais forte que ambos os opostos. Entretanto, percebe-se uma relação de ajuda mútua, de colaboração, entre o ego e o “novo produto” em que um necessita do outro para se fortalecer:

A força do ego da pessoa vai ajudar o produto intermediário ou posição central a triunfar sobre os dois extremos. Mas a própria existência do produto intermediário na verdade fortalece o ego. Uma nova atitude se faz disponível para a vivência consciente e, ao mesmo tempo, a consciência ego é fortalecida. (SAMUELS, 2015, p. 47)⁸⁴.

⁸¹ Relic of the giants (HEANEY, 2000, p. 177).

⁸² The sword of Wiglaf, which had belonged to Eanmund, or the sword with which Eofor slays Ongentheow, are described by the phrase *ealdsweord eotenisc*, as if they were weapons of which the secret and origin had been lost— indeed the same phrase is applied to the magic sword which Beowulf finds in the hall of Grendel's mother.

⁸³ “Go on, dear Beowulf, do everything
you said you would when you were still young
and vowed you would when never let your name and fame
be dimmed while you lived. Your deeds are famous,
so stay resolute, my lord, defend your life now
with the whole of your strength. I shall stand by you.” (HEANEY, 2000, p. 179-181).

⁸⁴ The strength of the person's ego will help the mediatory product or middle position triumph over the two extremes. But the very existence of the mediatory product actually strengthens the ego. A new attitude is available for conscious living and, at the same time, egoconsciousness itself is strengthened. (SAMUELS, 2015, p. 47).

Essa relação de colaboração entre o ego e o “novo produto” aparece em *Beowulf* (HEANEY, 2000, p. 181-183) após o discurso de Wiglaf, que enfurecendo mais ainda o dragão, faz com que este parta para um segundo ataque, mas desta vez sobre Wiglaf. Wyrm lança fogo sobre o jovem guerreiro e nem sua armadura e tampouco seu escudo suportam a temperatura do fogo que reduz o escudo a pedaços de carvão. Neste momento, Beowulf protege Wiglaf com seu escudo e sentindo-se inspirado novamente com a perspectiva da vitória, canaliza toda sua força em um só golpe de espada na cabeça do dragão. Infelizmente, a espada de Beowulf, Nægling, se destrói com o impacto e é incapaz de causar ferimento algum na criatura. Wyrm ataca uma terceira vez, mas agora consegue causar ferimento ao morder e enfiar suas presas no pescoço de Beowulf que sente o sangue escorrer por seu corpo. Wiglaf, ao ver seu senhor em perigo, corre através do fogo em seu auxílio, e mesmo tendo sua destra queimada, consegue fincar sua espada na parte inferior do monstro e a força das chamas que este lançava se reduz. Por fim, Beowulf reunindo mais uma vez suas forças, consegue ferir Wyrm mortalmente em seu flanco com uma faca.

Eles tinham matado o inimigo, a coragem extinguiu sua vida
aquela dupla real, parceiros em nobreza,
tinham destruído o inimigo. Assim todo homem deve agir,
estar a postos quando necessário; mas agora, para o rei,
este seria o último de seus muitos trabalhos
e triunfos no mundo. (HEANEY, 2000, p. 183)⁸⁵.

A vitória sobre Wyrm vem de um esforço conjunto de Beowulf e Wiglaf, assim como a vitória sobre o self parte da união e fortalecimento mútuo entre o ego e o “novo produto”. O resultado da função transcendente é, então, uma evolução para um outro nível de consciência, ou como afirma Samuels (2015, p. 46), “disponibilizar para a consciência uma nova atitude e fortalecer a consciência-ego”⁸⁶. Por semelhante modo, o resultado do conflito entre Beowulf e Wyrm representa também uma transcendência para Beowulf e para todo o povo dos Geats.

Beowulf agoniza. Os ferimentos que Wyrm sobre ele infligiu de pouco em pouco drenavam sua vida. Diante da eminência de morte, Beowulf reflete sobre sua vida e lamenta não ter gerado um herdeiro para o qual pudesse passar sua armadura, em outras palavras, seu legado. Ele recorda como reinou sobre os Geats por 50 anos e nenhum rei dos clãs vizinhos

⁸⁵ They had killed the enemy, courage quelled his life;
that pair of kingsmen, partners in nobility,
had destroyed the foe. So every man should act,
be at hand when needed; but now, for the king,
this would be the last of his many labours
and triumphs in the world. (HEANEY, 2000, p. 183).

⁸⁶ A new attitude is available for conscious living and, at the same time, egoconsciousness itself is strengthened. (SAMUELS, 2015, p. 46).

tinha a coragem de desafiá-lo em guerra e, como que passando por um julgamento da alma, afirma que o Senhor da humanidade o encontrará incorruptível (HEANEY, 2000, p. 185).

Como último desejo de um rei moribundo, Beowulf pede para que Wiglaf vá ao covil do dragão e de lá traga um pouco do tesouro para que ele possa ver antes de sua morte. Wiglaf obedece, e ao retornar encontra Beowulf sangrando e já muito fraco. O poema diz que Beowulf “olha de forma triste para o ouro”⁸⁷ e ao mesmo tempo agradece a Deus por ele ter permitido deixar seu povo com tamanho tesouro no dia de sua morte⁸⁸. A tristeza de Beowulf diante do tesouro que com seu sangue e sua vida conquistou, pois “o tesouro fora ganho, / comprado e pago com a morte de Beowulf”⁸⁹ e seu discurso de agradecimento parecem ser contraditórios. Mas observando os acontecimentos futuros, os quais serão descritos por Wiglaf, entende-se que Beowulf já antecipava tais coisas, daí sua tristeza, e seu discurso era mais para fortalecer e não desesperar Wiglaf.

Em seu último ato como rei dos Geats, Beowulf passa para Wiglaf seu colar de ouro, bem como sua cota de malha e seu elmo simbolizando assim a transição de poder para Wiglaf. Vale ressaltar, e isso é lembrado por Beowulf, que Wiglaf, filho de Weohstan, é membro do clã dos wægmondings, isto é, Wiglaf, assim como Beowulf, é descendente do lendário Sigemund que, de acordo com o poema, muito antes de Beowulf também matara um dragão:

Após sua morte
a glória de Sigemund cresceu cada vez mais
por causa de sua coragem quando ele matou o dragão
o guardião do tesouro. (HEANEY, 2000, p. 59).

A atribuição do título de matador de dragão a Sigemund, pelo poeta de *Beowulf*, é polêmica, pois a tradição germânica, através de suas sagas, atribui este título não a Sigemund mas a seu filho Sigurd. Tolkien (2014a, p. 290-292) mantém uma longa discussão a este respeito no comentário a sua tradução de *Beowulf* e como, para ele, “é impossível acreditar que o título ‘matador de dragão’ é aqui atribuído a Sigemund em ‘erro’”⁹⁰, Chambers (2005, loc. 1718-1723), pois sua vez, afirma que dentre os vários tipos de confrontos com dragões existe a estória do herói que começa sua carreira após matar um dragão e com isso ele obtém um vasto tesouro,

⁸⁷ The old lord gazed sadly at the gold. (HEANEY, 2000, p. 189).

⁸⁸ To the everlasting Lord of All,
to the King of Glory, I give thanks
that I behold this treasure here in front of me,
that I have been allowed to leave my people
so well endowed on the day I die. (HEANEY, 2000, p. 189).

⁸⁹ The treasure had been won,
bought and paid for by Beowulf’s death. (HEANEY, 2000, p. 191).

⁹⁰ I find it impossible to believe that a ‘dragon-slaying’ is here attributed to Sigemund in ‘error’ (TOLKIEN, 2014a, p. 290).

ou uma esposa. Essas são as histórias, prossegue Chambers, dos contos de Sigurd, Perseu e São George. Tolkien argumenta que, no texto, o trovador de Hrothgar está resumindo a história de Sigemund com um propósito específico de exaltar e comparar os feitos de Beowulf com os daquele e que seria “muito improvável que o autor de *Beowulf* mudaria um ponto tão crucial da história para algo que já não fosse conhecido em seu tempo”⁹¹. Em segundo lugar, Tolkien afirma que o relato da história de Sigemund em *Beowulf* é a “mais antiga referência que existe [...] e que por isso, suas divergências com as consecutivas formas da história se dão por conta do arcaísmo”⁹² e conclui: “são as versões posteriores” que estão em ‘erro’, isto é, que alteraram a história” (TOLKIEN, 2014a, p. 291)⁹³. Por fim, Tolkien (2014a, p. 292) ressalta que matar um dragão era o mais alto feito de um herói e que por isso seu nome ficaria gravado na história. Nesse sentido, enquanto o nome Sigemund se mantém fixo, isto é, sem alteração alguma, Sigurd possui diversas variantes como em anglo-saxão Sigeward, em alemão Sigfrit.

Wiglaf é, então, membro do mesmo clã que continha Sigemund, Ohthere, Echtheow – o pai de Beowulf, o próprio Beowulf, Weohstan – o pai de Wiglaf, e por fim Wiglaf como último integrante dos Wægmundings. Ele assume o trono dos Geats após a passagem de Beowulf que, morrendo, diz:

Você é o último de nós, o único que restou
dos wægmundings. O destino nos varreu,
enviou todo o meu bravo e nobre clã
para sua danação final. Agora eu devo segui-los. (HEANEY, 2000, p. 189)⁹⁴.

Wiglaf, assumindo o trono dos Geats e como “novo-produto” resultante do conflito entre o ego e o self, isto é, Beowulf e Wyrn, representa uma nova atitude, ou seja, uma nova forma de interagir e interpretar o mundo exterior (SAMUELS, 2015, p. 47). Se Beowulf trouxe 50 anos de paz e prosperidade para seu povo, a mensagem que Wiglaf traz é completamente oposta; sua interpretação dos acontecimentos futuros representa uma catástrofe para o povo dos Geats. Wiglaf prevê que os reis dos francos e frísios, ao saberem da morte de Beowulf, virão com toda a força atacar os Geats, pois eles mantinham um rancor desde quando o rei Hygelac atacou a terra dos frísios (HEANEY, 2000, p. 197). Da mesma forma os suecos viriam fazer guerra

⁹¹ It is highly unlikely that in a précis of the Sigemund story included for a specific purpose, and represented as the lay of another minstrel, the author of *Beowulf* would alter the tale in a major point from what was in his time current. (TOLKIEN, 2014a, p. 290-291).

⁹² This is admittedly the oldest reference to the Sigemund story that is now extant, even in point of manuscript. It is thus antecedently probable that its divergence from later forma of the tale is due to ‘archaism.’ (TOLKIEN, 2014a, p. 291).

⁹³ It is later accounts that are in ‘error’, that is to say, have altered the story. (TOLKIEN, 2014a, p. 291).

⁹⁴ “You are the last of us, the only one left
of the wægmundings. Fate swept us away,
sent my whole brand high-born clan
to their final doom. Now I must follow them.” (HEANEY, 2000, p. 189).

contra os Geats como vingança pela morte do rei sueco Ongentheow pelo Geat Eofor, irmão de Wulf (HEANEY, 2000, p. 199).

A mensagem de Wiglaf não é outra senão a mensagem do fim, isto é, conforme escreveu Tolkien (2012, loc. 401-403)⁹⁵, a de “que o homem, cada homem e todos os homens, e todos seus trabalhos devem morrer.” O poema termina com esse cenário de previsão da completa aniquilação do povo Geat em consonância com o tom fúnebre do funeral de Beowulf e a tristeza do povo.

Uma mulher Geat também cantou em pesar;
com seu cabelo preso, ela se libertou do fardo
de seus piores medos, um discurso inflamado
de pesadelos e lamento: sua nação invadida
inimigos a solta, corpos em pilha,
escravidão e humilhação. O céu engolia a fumaça. (HEANEY, 2000, p. 211)⁹⁶.

Em conclusão, por um lado, com sua morte, Beowulf transcende sua condição humana satisfazendo os pré-requisitos básicos para alcançar Valhalla, isto é, cair bravamente em guerra, e com isso batalha e festeja com Odin eternamente no grande salão (GAIMAN, 2017, p. 23); por outro lado, ele é eternizado na memória de seu povo como um herói de renome (HEANEY, 2000, p. x). Em outras palavras, Beowulf atinge a individuação, conforme descreve Jung:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir “individuação” como “torna-se si-mesmo” (verselbstung) ou “o realizar-se do si-mesmo”. (Selbstverwirklichung). (JUNG, 2018, p. 63).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma forma de ler Beowulf é vê-lo como três agons na vida do herói, mas outra forma seria vê-lo como um poema que contempla os destinos de três povos traçando suas histórias interligadas na estória de seu personagem central. (HEANEY, 2000, p. xiv)⁹⁷.

Beowulf é um poema multifacetado. Escrito no século VII por autor desconhecido, ele retrata acontecimentos e personagens históricos ao mesmo tempo em que conta uma estória

⁹⁵ that man, each man and all men, and all their works shall die. (TOLKIEN, 2012, loc. 401-403).

⁹⁶ A Geat woman too sang out in grief;
with hair bounced up, she unburdened herself
of her worst fears, a wild litany
of nightmares and lament, bodies in piles,
slavery and abasement. Heaven swallowed the smoke. (HEANEY, 2000, p. 211).

⁹⁷ One way of reading *Beowulf* is to think of it as three agons in the hero's life, but another way would be to regard it as a poem which contemplates the destinies of three peoples by tracing their interweaving histories in the story of the central character. (HEANEY, 2000, p. xiv).

fantástica repleta de heroísmo e magia. O poema sobreviveu ao mais duro teste, isto é, o teste do tempo e ainda inspira leitores, estudantes e profissionais por todo o mundo. A presente dissertação nasceu dessa inspiração e teve como propósito desvendar mais uma das diversas faces de *Beowulf*. O intuito deste trabalho foi, então, demonstrar que a estória fantástica de *Beowulf*, seu confronto com Grendel, a mãe de Grendel e Wyrm descreve um processo de autoconhecimento que Jung (2018) chamou de individuação e um processo de evolução que místicos por todo mundo atribuíram o nome de reintegração.

A análise não foi tarefa fácil, e assim como para *Beowulf*, três obstáculos tiveram que ser vencidos para que essa dissertação se tornasse possível. O primeiro se refere à distância entre o momento em que *Beowulf* foi escrito e as teorias aqui utilizadas para interpretar o poema. Por isso foi necessário focar um pouco na história de *Beowulf*, e para tanto, Tolkien foi o primeiro nome escolhido. Seamus Heaney (2000, p. xi), cuja tradução de *Beowulf* compõe o cerne deste trabalho, afirma na introdução à sua tradução que “o brilhante trabalho literário de Tolkien mudou a forma com o poema era valorizado e iniciou uma nova era – e novos termos – de apreciação”⁹⁸. Com efeito, em “Monstros e a Crítica” Tolkien (2012) vai transformar para sempre a forma como *Beowulf* era lido, estudado e abordado na academia. E a primeira crítica que Tolkien (2012, loc. 90) faz é contra a própria crítica de *Beowulf* afirmando que este, embora rico em muitos aspectos, é especialmente pobre em um – a crítica:

Tem sido dito de *Beowulf* que seu ponto fraco está em colocar as coisas insignificantes no centro e as importantes nas bordas. Está é uma das opiniões que eu gostaria de abordar de forma especial. Eu acho uma inverdade quanto ao poema, mas absolutamente verdadeira quanto a literatura sobre o poema. *Beowulf* tem sido usado como uma presa dos fatos e gostos bem mais assiduamente do que estudado com uma obra de arte. (TOLKIEN, 2012, loc. 90)⁹⁹.

Por intermédio de Tolkien chegou-se à obra de Raymond Wilson Chambers, “Uma Introdução ao Estudo do Poema com Uma Discussão a Respeito das Estória de Offa e Finn”, e que vai destrinchar o poema com o foco na historicidade. A partir de Chambers chegou-se a Saxo Grammaticus, responsável para reunir e registrar em forma de crônicas a história antiga da Dinamarca:

Por quanto todas as outras nações estão acostumadas a louvar a glória de suas conquistas, e colher a alegria da lembrança de seus fundadores: Absalon, Pontífice Chefe dos Dinamarqueses, cujo zelo sempre queimou forte pela glorificação de nossa terra, e que não suportaria vê-la defraudada de renome e registro, lançou sobre mim,

⁹⁸ Tolkien’s brilliant literary treatment changed the way the poem was valued and initiated a new era – and new terms – of appreciation. (HEANEY, 2000, p. xi).

⁹⁹ It has been said of *Beowulf* itself that its weakness lies in placing the unimportant things at the centre and the important on the outer edges. This is one of the opinions that I wish specially to consider. I think it profoundly untrue of the poem, but strikingly true of the literature about it. *Beowulf* has been used as a quarry of fact and fancy far more assiduously than it has been studied as a work of art. (TOLKIEN, 2012, loc. 90).

o menor de seus seguidores – já que todo o resto recusou a tarefa – o trabalho de compilar em crônicas a história da Dinamarca, e pela autoridade de sua constante repreensão estimulou minha fraca faculdade a assumir um trabalho pesado demais para sua própria força. (GRAMMATICUS, 2015, loc. 892-896)¹⁰⁰.

Percebeu-se, então, um movimento de retorno às origens críticas de *Beowulf* e um aprofundamento em sua história que, sucessivamente, iria compor um dos pilares de sustentação desta presente dissertação.

Mas o objeto da análise não era o Beowulf histórico, mas uma interpretação das imagens e alegorias presentes no centro da obra – os três confrontos de Beowulf. Como afirmado anteriormente, muitos séculos separam *Beowulf* de Jung e a individuação como este a elaborou e Martines de Pasqually e a reintegração. O segundo desafio que se apresentou a esta dissertação foi, então, o de demonstrar como um conceito cunhado no século XX, a individuação, se apresentava no século VII. Embora o termo individuação não existisse no tempo de *Beowulf*, as imagens arquetípicas que compõem a teoria de Jung se manifestam nas linhas do poema. Assim é que estudiosos bem como escolas que devotam seus estudos e ensinamentos a figuras arquetípicas de tempos imemoriais foram introduzidas nesta obra com o intuito de fazer uma ponte entre o século VII e o século XX. Martines de Pasqually e a Ordem dos Cavaleiros Maçons Elu Cohen do Universo, Papus e a Tradicional Ordem Martinista, Harvey Spencer Lewis e a Ordem Rosacruz – AMORC, bem como a Maçonaria, todos eles estudam símbolos e figuras antigas que embora descrevam o macrocosmos, com a reintegração, podem ser muito bem adaptadas ao microcosmos e a individuação, “pois assim como é em cima é embaixo”.

Com efeito, ao atrelar a individuação à reintegração, foi demonstrado um movimento de expansão e retração, como uma respiração. Essa ‘respiração’ é percebida no universo e também pelas imagens retratadas em *Beowulf* e seus confrontos. O conjunto reintegração-individuação comporia o segundo pilar de sustentação desta obra.

O terceiro e último desafio que se apresentou a esta dissertação fora a própria análise em si, isto é, determinar se a imagem que *Beowulf* – o poema – traça de Grendel é a mesma que Jung traça do arquétipo sombra. Da mesma forma, a descrição da mãe de Grendel deveria se encaixar com a descrição de anima; e, por conseguinte, a descrição de Wyrn à do self. Para que isso fosse possível, a forma como o poema era visto deveria mudar. Assim, não é a personagem

¹⁰⁰ Forasmuch as all other nations are wont to vaunt the glory of their achievements, and reap joy from the remembrance of their forefathers: Absalon, Chief Pontiff of the Danes, whose zeal ever burned high for the glorification of our land, and who would not suffer it to be defrauded of like renown and record, cast upon me, the least of his followers – since all the rest refused the task – the work of compiling into a chronicle the history of Denmark, and by the authority of his constant admonition spurred my weak faculty to enter on a labour too heavy for its strength. (GRAMMATICUS, 2015, loc. 892-896).

Beowulf que está passando pela individuação, mas todo o poema demonstra este processo. Essa mudança de visão fez com que novos horizontes se abrissem e todos os personagens e lugares descritos no poema fossem ligados a seu personagem central:

Heorot e o salão de Hygelac são centros desse sistema de valor sobre os quais as ações do poema acontecem. Mas há um outro, valor periférico, uma circunferência de entendimento dentro da qual o mundo heroico é ocasionalmente visto como de uma distância e reconhecido pelo que é, um estado antigo de consciência e cultura, um que ainda não foi completamente descartado, mas que é compreendido como parte de outro padrão. (HEANEY, 2000, p. xvi)¹⁰¹.

Nesse novo paradigma, Heorot se metamorfoseia como a consciência humana e dessa forma é em Heorot que Beowulf, o eu, trava seu primeiro confronto com aquilo que seria sua sombra, Grendel. Esta criatura infernal que ataca Heorot apenas à noite e que subjugou Hrothgar e seu povo por 12 anos, é repleta de características que a tornam candidata ideal a sombra.

Da mesma forma, a viagem que Beowulf faz ao covil da mãe de Grendel e o acesso pela água são análogos à viagem do eu ao profundo do inconsciente pessoal para seu confronto com anima. A escuridão que permeia este lugar e a consequente luz que se faz após a vitória de Beowulf são descritas aqui com a representação artística da escuridão à qual o ego lança anima e luz da consciência que se faz presente após anima assumir seu papel como função reguladora entre o inconsciente pessoal e coletivo.

Por conseguinte, o despertar de Wyrn, seu surgimento do profundo da terra, seu poder e majestade são todos elementos análogos ao self. A teoria de Jung (2018) demonstra como o self, o arquétipo da totalidade, surge das profundezas do inconsciente coletivo e um confronto entre ele e o ego se inicia. Um novo elemento, isto é, uma nova forma de consciência – de ver o mundo – se forma no meio desse confronto. Esse novo elemento é representado no poema pela figura de Wiglaf, que após a morte de Beowulf, vai liderar o povo dos Geats. E embora o futuro para os Geats seja o mais trágico possível, não obstante a isso, Wiglaf é a representação de uma nova forma de consciência.

Em conclusão, esta dissertação embora tenha encontrado elementos que atrelem Beowulf ao Eu, Grendel à Sombra, a mãe de Grendel à Anima, Wyrn ao Self, e ainda que pareça que o poema esteja narrando o processo de autoconhecimento, a distância entre os mundos em que o poema foi escrito e o de Jung assim como o de Martines de Pasqually, é muito grande para que se possa afirmar categoricamente. Contudo, as imagens arquetípicas do Eu,

¹⁰¹ Heorot and Hygelac's hall are the hubs of this value system upon which the poem's action turns. But there is another, outer rim of value, a circumference of understanding within which the heroic world is occasionally viewed as from a distance and recognized for what it is, an earlier state of consciousness and culture, one which has not been altogether shed but which has now been comprehended as part of another pattern. (HEANEY, 2000, p. xvi).

Sombra, Anima, Self extrapolam os limites do tempo e se manifestam em todas as eras e por todo o mundo embora assumam nomes diferentes (JUNG, 2018). E não seria totalmente absurdo se eles assumissem os nomes de Beowulf, Grendel, mãe de Grendel e Wyrn. Por fim, não seria completamente fora da realidade imaginar que a aventura de *Beowulf* descrevia o que outrora era conhecido como reintegração e hoje é conhecido como individuação.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

A BÍBLIA,. **Bíblia Sagrada**: Com Reflexões de Lutero. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. Tradução de João Ferreira de Almeida.

BLAKE, William. **The Selected Poems of William Blake**. Ware: Wordsworth Editions Limited, 1994. 384 p.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 14. ed. São Paulo: Pensamento, 2007. 414 p.

CHAMBERS, Robert William. **Beowulf**: An Introduction to the Study of the Poem with a Discussion of the Story of Offa and Finn. [S.I.]: Library Of Alexandria, 2005. EBook Kindle.

CHURTON, Tobias. **A História da Rosa-Cruz**: Os Invisíveis. São Paulo: Madras, 2009.

GAIMAN, Neil. **Norse Mythology**. New York: W. W. Norton & Company, 2017.

GRAMMATICUS, Saxo. **The Danish History**: Books I - IX. [S. I.]: Forgotten Books, 2015. EBook Kindle.

HEANEY, Seamus. **Beowulf**: A New Verse Translation. New York: W. W. Norton & Company, 2000.

JOHNSON, Roberto A. **He**: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina. São Paulo: Mercuryo, 1987a.

_____. **She**: A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina. São Paulo: Mercuryo, 1987b.

_____. **Aion**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

_____. **Psicologia do Inconsciente**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

_____. **Psicologia e Religião**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017c.

_____. **O eu e o inconsciente**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LAITMAN, Rav Michael. **O ZOHAR**. Rio de Janeiro: Imago, 2012.

LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica**: Símbolos, Mitos e Ritos. São Paulo: Hedra, 2015.

LEWIS, Harvey Spencer. **Mansões da Alma**: A Concepção Cósmica. 9. ed. Curitiba: Diffusion Rosicrucienne, 2005.

_____; LEWIS, Ralph Maxwell; PARUCKER, Charles Vega. **Manual Rosacruz**. Curitiba: Biblioteca Rosacruz, 1988.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. 2. ed. São Paulo: 34, 2016.

PAPUS. **Tratado de Ciências Ocultas**. São Paulo: Três, 1973, 2 v.

PASQUALLY, Martines de. **Tratado da Reintegração dos Seres**: em sua primeira propriedade, virtude e potência espiritual divina. Curitiba: Diffusion Rosicrucienne, 2007.

REGARDIE, Israel. **A Golden Dawn**: A Aurora Dourada. São Paulo: Madras, 2008.

ROBERTSON, Robin. **Guia Prático de Psicologia Junguiana**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

SAMUELS, Andrew. **Jung and the Post-Jungians**. London: Taylor And Francis, 2005.

THE NIBELUNGENLIED. [S.I.]: Prose Translation (Penguin Classics) Paperback – April 30, 1965. Anonymous A. T. Hatto 0140441379 Ancient & Classical.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The Monsters and the Critics**: And Other Essays. London: Hapercollins, 2012.

_____. **Beowulf**: A Translation and Commentary. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014a.

_____. **The Hobbit**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014b.

_____. **The Lord of the Rings**: The Fellowship of the Ring. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014c.

WATKINS, Calvert. **How to Kill a Dragon**: Aspects of Indo-European Poetics. Oxford: Oxford, 1995.

WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. São Paulo: Iluminuras, 2005.